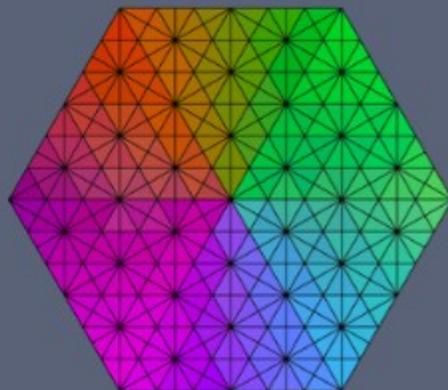




# A Roda da Vida

André Renê Barboni  
Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni  
(Orgs.)



Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade

**Ficha catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado – UEFS**

R59 A Roda da Vida [recurso eletrônico]/André Renê Barboni, Suzi de Almeida VasconcelosBarboni (organizadores). – Feira de Santana: NFSEE, 2022.  
188 p.: il.

Ebook  
Formato PDF  
ISBN 978-65-00-41638-1

1. Experiências acadêmicas. 2. Ensino remoto. 3. Ensino superior. 4. Covid-19. 5. Relatos de Vida I. Barboni, André Renê, org. II. Barboni, Suzi de Almeida Vasconcelos, org. III. Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade. IV. Universidade Estadual de Feira de Santana.

CDU: 37.018.43:378.4:159.942

Rejane Maria Ribeiro – Bibliotecário(a) – CRB 5/695

Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS  
Av. Transnordestina, S/N – CRIS – Anexo do MT6  
Novo Horizonte – CEP: 44.360-900  
Feira de Santana – BA  
Tel.: (75) 3161-8380 | E-mail: barboni@uefs.br  
<http://fsee.uefs.br/>

André Renê Barboni  
Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni  
(Organizadores)

## A Roda da Vida

Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde,  
Educação e Espiritualidade da UEFS

Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS  
(NFSEE-UEFS)

1ª Edição – Copyright©2021 livre

Direitos de Edição Reservados ao Núcleo de Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei no 9.610/98. Se incorreções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com as Leis nos 10.994, de 14/12/2004, e 12.192, de 14/01/2010.

---

### FICHA TÉCNICA

REITOR	Evandro do Nascimento Silva
VICE-REITORA	Amali de Angelis Mussi
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO	Rita de Cássia Brêda Mascarenhas Lima
PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO	Sílvia da Silva Santos Passos
DIRETOR DO DSAU	Antônio Cesar Oliveira de Azevedo
COORDENADOR DO NFSEE-UEFS	André Renê Barboni
PRODUÇÃO EDITORIAL	André Renê Barboni
REVISÃO	André Renê Barboni
	Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni
DIAGRAMAÇÃO	André Renê Barboni
CAPA	André Renê Barboni
PREFÁCIO	Amanda Leite Novaes

---

# Dedicatória

*Para as Equipes do*

*Programa de Extensão Rede de Apoio, Afetos e Ações Solidárias para a  
UEFS (Rede AAA)*

*e do*

*Projeto do Curso de Especialização em Práticas Integrativas e  
Complementares em Saúde e Espiritualidade (EPICSE)*

*(...) não importa que portas estejam fechadas para nós. Assim, não é incomum em nossa cultura moderna ver quilômetros de rabiscos grosseiros por cima dos belos impulsos naturais da alma. Então, todo impulso sagrado é empurrado para o último lugar – ridicularizado, rejeitado, ignorado, desdenhado, encoberto, fossilizado em vez de ser mantido como um câmbio vivo. Mas todas essas desvalorizações, aí incluída a santificação mecânica que não é sincera, todos esses esforços para zombar do sagrado, para eliminá-lo, são como uma vã tentativa de expulsar o azul do céu. (...) apesar de toda conversa fútil e desalentadora por parte do eu ou de outros, “eu hei de encontrar um caminho; haverá um lugar, uma pessoa, um abrigo. Vou seguir em frente”.*

*Acreditamos que não importa quem seja que tente exilar o genuinamente sagrado, essa tentativa jamais terá êxito, pois ele está semeado em termos inatos na psique, no espírito, na alma e no corpo. O sagrado não é algo que foi posto em nós. Ele é uma luz radiante que floresce a partir de nós.  
(PINKOLA, 2012, p. 291-292).*

*“O número de alunos em escolas e faculdades tem aumentado de forma muito significativa. A educação formal, que foi por muito tempo o privilégio de alguns estudiosos e filhos dos ricos, já está às portas de todos. As pessoas se alegraram quando as escolas e faculdades se levantaram mais e mais nos países do mundo, sem perceber o que estava acontecendo com elas. Inquietação, medo e ansiedade estão aumentando por causa da educação inadequada e incompleta. O processo de educação que não se envolve com valores adequados ou não insiste sobre a moral é perigoso. Consequentemente, os produtos do processo, aqueles que não têm senso de valores, gradualmente são admitidos em cargos de maior autoridade na administração das nações, em níveis muito elevados. Por isso, o mundo chegou à beira de um desastre. A educação pode produzir paz e prosperidade somente quando, juntamente com habilidades técnicas e informações objetivas, os alunos estiverem equipados com ideais morais, vida justa e discernimento espiritual”.*

Sathya Sai Baba

# Apresentação

“Deve-se escrever da mesma maneira com que as lavadeiras lá de Alagoas fazem em seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer”<sup>1</sup>.

## A Roda da Vida.

Imaginemos uma grande roda, uma ciranda, formada por diferentes pessoas que rodam, cantam e brincam de mãos dadas, ou braços entrelaçados. Uma roda ao redor de uma fogueira como o costume dos antepassados? da UEFS? Uma roda dentro de outra roda? Fica livre a imaginação.

Ligados pelo simples fato de dançarem uma roda, na diversidade e na singularidade de cada um, na harmonia possível, entre os que se permitiram participar e dão as mãos. E quantas pessoas estariam disponíveis para dançar esta roda? Como seriam? Usariam roupas coloridas, máscaras, adereços, fantasias? Estariam todos alimentados, saudáveis, com suas contas pagas, felizes? Seria um dia de sol e céu azul ou um dia cinzento, frio, nublado? De quantos corpos precisaríamos? Quantas mãos dadas, braços, pernas, vozes, corações estariam rodando girando, ao redor da fogueira ou do campus de milhões de metros quadrados? E os que desistiram, os que chegaram atrasados, os ausentes... os que partiram?

Esta imagem d'A Roda da Vida, ainda que imprecisa, é a metáfora de construção da metodologia ativa com escrita criativa dos alunos e que culminou com um seminário síntese e na produção deste livro. Com todas as falhas que ele possa ter é a nossa resposta possível a tudo que vivemos coletivamente. Aparecem as questões e incertezas que estavam presentes em nosso cotidiano pandêmico e de uma ciranda traspassada pelos dramas da vida de cada um: o livro se realiza como registro de vidas e suas memórias nestes tempos difíceis.

---

1 RAMOS, G. **Linhas tortas**. São Paulo: Record, 2005.

É, portanto, a tradução do esforço de como – num ambiente virtual, durante uma pandemia, com todas as dificuldades inerentes a estes tempos – esta Roda de celebração da vida foi possível. Como tentamos com todas as limitações contar histórias regadas de humanidade, de verdades, de movimento, de emotividade, de vozes e de significados.

Eeh gente dançadeira!

Mas... alguns poderão dizer que todo este esforço é inútil. Recomendamos humildemente aos críticos que se permitam brincar, que se permitam impregnar com todos os sentidos desta ciranda: seus cheiros e sabores, seus cantos e encantos, seus movimentos e ritmos, poesias, falas, vozes e melodias que expressam todos os sentimentos que culminaram na grande Roda da Vida.

Não é inovação fazer uma ciranda. Na cultura brasileira, e em especial, na nossa cultura baiana, as festas e as danças refletem momentos de comunidade, expressos em corpos que se movem, dançam e brincam. E o movimento (expresso na dança e na brincadeira) é uma das marcas da vida. Logo, este livro é um livro de vidas. É o relato da nossa sobrevivência e superação em meio a situação difícil que atravessamos. É por direito este espaço sagrado de nossa dança!

Passando pelo PLE, depois pelos ERE 2020.1 e ERE 2021.2, instituídos pela Administração Central da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia (UEFS), tivemos oportunidade de trabalhar com quase três centenas de alunxs no formato remoto. E para cada um destes períodos letivos remotos trabalhados, as experiências ficaram documentadas em livros no formato PDF sendo o primeiro “Bricolagem”, o segundo “Ateliê de Empatia” e o presente volume “A Roda da Vida”, completando assim o ciclo de relatos das vivências em período pandêmico e ensino remoto na UEFS.

Como nos dois livros anteriores, igualmente propôs-se aqui um fazer decolonial sobre ensino e as produções textuais tipo relato de experiência, tendo os alunos como autores, escrevendo os diálogos, textos, poesias, com as tramas tecidas livremente por eles, sob nossa orientação, respeitando seus saberes, criatividade e caminhos escolhidos. Convidamos, também, alguns colaboradores, ex-alunos e bolsistas para integrarem esta proposta.

Sintetizando este livro: ele traz as histórias a partir de diferentes possibilidades e perspectivas através do diálogo com personagens e enredo conduzidos livremente pelos autores e autoras – nossos alunos e alunas do Ensino Remoto Especial 2021.2 na UEFS, durante o período pandêmico. Os textos podem ser entendidos, portanto, como vivências e suas subjetividades, ou até como um grande desabafo em um cenário complexo de doença, dor, confusão, agitações políticas, crise econômica e problemas sociais.

Nas disciplinas SAU319 – Práticas Integrativas e Complementares em Saúde em diferentes contextos socioculturais e BIO605 – Educação e

Sexualidade, e ainda naquelas criadas por nós: BIO161 – Saúde e Espiritualidade e BIO163 – Terapias Corporais, todos os alunos foram incluídos na grande Roda. Estas últimas, cujas ementas estavam ligadas ao contexto da Educação, da Saúde a partir dos referenciais da Espiritualidade e das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, ganham força com a proposta de curricularização da Extensão e assim integramos a atividade de ensino ao Programa de Extensão Rede de Apoio, Afetos e Ações Solidárias para a UEFS (CONSEPE 122/2019) e ao Núcleo de Pesquisa em Saúde, Filosofia, Educação e Espiritualidade (NFSEE-DSAU).

Para dar conta disso tudo, além dos marcos legais da PNPIC (Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares) e da PEPICS (Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde), utilizamos referenciais da espiritualidade de Barbara Ann Brennan, Stanislav Grof; da Bioenergética de Wilhelm Reich e Alexander Lowen; do pensamento sistêmico de Bert Hellinger, e, do pensamento Monista do Prof. Pietro Ubaldi, cujas produções se afinizam com o Programa de Extensão e com o NFSEE.

Apesar de todo sofrimento e restrições que passamos a viver com a pandemia, o *home office* que a UEFS teve que estabelecer foi nosso melhor momento para concretizarmos e expandirmos nossos conhecimentos e experiências no campo da Espiritualidade. Nós, com quase 60 anos de idade, uma certa experiência de vida e alguma maturidade, tivemos certas dificuldades para reelaborar a pandemia em nossas vidas. Com nossa idade, tivemos que rever nossas práticas docentes, reorganizar nossas vidas profissionais e particulares, readaptando ao que se apresentava.

Isso levou-nos a meditar: acreditamos que ainda viveremos mais uns 30 anos com todo este impacto, mas e nossos alunos? Pessoas jovens que carregarão o estigma da pandemia por 60, 70 anos. O que se pode esperar deles nos próximos anos quando o ensino presencial retornar?

À vista, portanto, de nossa necessidade de aprimorar nossa prática pedagógica, queríamos registrar, em primeira mão, o que estes jovens sentiam e se permitiam revelar. O que eles tinham a dizer. E assim nos submetemos todas à prova que a pandemia nos impôs e começamos nossos registros e reaprendizagem de viver.

Como uma garrafa lançada ao mar com uma mensagem dentro, daqui há anos, poderá este livro ser resgatado e os autores, mais maduros, poderão se reler e com certeza devotarão ternura a todos que aceitaram deixar aqui este panorama do ensino remoto.

Por isso enfatizamos que não se trata de nenhum concurso literário, de competição ou de se ganhar algum prêmio, mas de se expressar por meio da escrita dialógica aquilo que a alma sente e a mente concreta e cartesiana às vezes

reprime e impede que venha à tona no nosso dia a dia. Trata-se de um registro de experiências, de se permitir uma abertura em um ambiente sem julgamentos onde o diferente pode coexistir com os outros diferentes sem ser desrespeitado.

Esse é o nosso maior desafio: o autoconhecimento. Ter a coragem de se ver, de se mostrar um pouco mais do que normalmente costumamos fazer, de relembrar do tempo em que ainda éramos crianças o suficiente para nos permitir brincar de roda e curtir o prazer de comemorar a vida, se deixando levar pela alegria de estarmos juntos com outros, que como nós, se divertiam e sorriam sem qualquer tipo de recriminação. Uma alegria que vem do fundo da nossa alma e tonifica o nosso corpo, que já não sente mais qualquer dor, mas é inundado de felicidade e paz, por um momento, apesar da situação difícil que estamos.

*Sapere aude* é o lema Kantiano que nos incita a “ousar saber” e a assumirmos o controle do nosso destino, a *pensarmos por nós mesmos*, pois quem não *pensa por si mesmo* não é verdadeiramente livre, depende de outro para tomar suas decisões e isso é aceitável em uma criança, mas na lógica iluminista de Immanuel Kant, filósofo do século XVIII, isso é vergonhoso para um adulto, pois lhe impede se assumir um papel mais ativo em nossa sociedade e exercer plenamente a sua cidadania.

Entendemos que como professores universitários, estamos formando mais do que meros tecnocratas, mas antes de tudo, cidadãos, homens e mulheres de bem, futuros pais e mães de família (para aqueles que tiverem esse privilégio) que necessitarão *pensar por si mesmos* para assumir o destino de suas vidas, para serem verdadeiramente livres usando o seu livre arbítrio com responsabilidade, pois liberdade sem responsabilidade é a receita certa para o desastre social.

Bert Hellinger, que nos revelou o fenômeno da Constelação Familiar com o seu “portal” de acesso aos conteúdos profundos dos emaranhamentos familiares nos fez compreender, também, que SEMPRE que nos afastamos do caminho evolutivo do amor, excluindo alguém, o sistema maior da qual fazemos parte responde com uma ação reequilibradora no sentido de reinclusão do excluído. Essa ação se dá por meio da dor e do sofrimento que, para Pietro Ubaldi, um filósofo italiano, altamente influenciado por Francisco de Assis, só existe enquanto for necessária, pois a Natureza é pragmática e não gasta energia com coisas desnecessárias.

Por essas poucas falas, se pode perceber que estamos tratando, nessas disciplinas, com outras racionalidades que complementam o saber acadêmico tradicional e onde, no campo social, tal como acontece na Biologia, a diversidade é uma benção que numa crise pode se mostrar como a diferença entre a vida e a extinção. Esta crise pandêmica que estamos vivenciando, serve para mostrar o quanto isso é importante do ponto de vista biológico, mas a crise política que também estamos vivenciando no Brasil, mostra o quanto, no campo social e político, é fundamental sabermos pensar fora da caixa, agirmos com

responsabilidade e aprendermos a respeitar o diferente. A história mostra o quanto atitudes eugênicas e discriminatórias levaram a situações que as gerações futuras se envergonharam dos protagonistas do seu passado. Não precisamos passar novamente por isso. Exercícios de reflexão como esses que os nossos alunos empreenderam e que estão aqui registrados, cremos, que devem ser mais do que suficientes para que se veja o quanto de bom se pode produzir se se der a essas mentes mais “frescas” a oportunidade delas se expressarem.

Muitos dos nossos alunos estão fazendo essa escrita criativa pela primeira vez, pois nunca lhes foi dado antes a oportunidade de falarem um pouco de si mesmos, de se mostrarem, de se posicionarem. A montagem do texto seria em forma de diálogo com algum personagem e a escolha deste personagem foi livre, assim como a estrutura do texto. Apenas indicamos alguns delineamentos como a situação pandêmica que vivemos, o alinhamento com algum ponto de sua própria roda da vida e o tangenciamento com os conteúdos trabalhados nas disciplinas. E o verdadeiro limite estaria apenas na capacidade de imaginação e entrega de cada autor.

O trabalho de autoconhecimento é portanto, o elemento chave para expandir esses limites e consolidar uma personalidade de alguém mais inteiro e capaz de assumir sua vida plenamente. Apontamos vários caminhos e ferramentas possíveis para nossos alunos empreenderem suas jornadas de autoconhecimento, mas coube a eles, e a mais ninguém, escolher que caminho trilhar. Nós escolhemos os nossos, e cada um tem o seu e não existem dois iguais. Esta é uma jornada, sem fim, que é extremamente desafiadora e recompensadora para todo aquele que a empreende, pois se conhece, se empodera, assume a sua *maioridade* e, com isso, se liberta.

Assim, com muita alegria, apresentamos ao público mais este volume, fruto de um trabalho coletivo que realizamos. Parabéns aos jovens autores! Que esses textos lhes inspirem e o incentivem a empreender a sua própria jornada de autoconhecimento com coragem para se harmonizar com o seu lado sombra e andar em paz e com alegria rumo a luz que há no fim do túnel.

Feira de Santana, 09 de fevereiro de 2022.

André Renê Barboni e Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni  
Organizadores



## Prefácio

Ei, você... Pessoa dançante ou não... Seja bem-vinda!

Espero por você e pelo seu espírito de vitalidade!

Uma pausa. Respire... Traga a sua presença para a roda!

Com a sua presença, observe atentamente o seu ritmo natural e o seu coração antes de iniciarmos essa prosa. Diga-me, por favor, como se sente? Ou melhor, o que você se permite sentir? Que tipo de presença você traz? (para o mundo, sua vida, para a nossa roda...). Respire fundo... Não precisa responder nada agora, apenas sinta! O tempo (o seu tempo) é precioso, aproveite-o! Peço licença para merecer um pouco dele e continuar a prosa. Prometo não demorar muito (assim espero! risos).

Não tenho experiência com este tipo de produção ou estilo literário, mas sou muito grata aos organizadores pelo convite e confiança na produção desse prefácio. Um desafio que escolhi encarar da forma que me deixa mais confortável (quem me conhece, já sabe!). Então, vamos lá... Deixe seu corpo numa posição confortável e entre conosco nesta roda dançante, em que diferentes coreografias nos convidam a refletir sobre ela, a vida. Assim como, sobre cada presença que colocamos na roda, tanto da dança quanto da vida.

Como mulher dançante e focalizadora de Danças Circulares posso afirmar que cada experiência vivida me remete a diversos (re)encontros dançantes e vice-versa. Sou grata por cada um deles! A roda é sempre um lugar de pertencimento. Há entrega, confiança, respeito, dedicação, verdade e inspiração.

É exatamente assim que vejo a produção coletiva em “A Roda da Vida”, sendo que aqui foi pulsante a escrita livre e criativa. Encontraremos relatos de experiências acadêmicas e de vida, que nos embalam, de forma poética, entre ficção e realidade. Por falar nisso, quem já participou ou participa de rodas dançantes comigo já sabe que, de modo geral, antes da coreografia ser dançada, busco mensagens meditativas de Kathy Tyler e Joy Drake em “O livro das CARTAS dos ANJOS”. A proposta é, de olhos fechados, mentalizar a situação desejada, colocar a presença, respirar fundo e retirar uma cartinha embaralhada. Trouxe a prática para o contexto dessa escrita e o anjo que nos abraçou aqui foi o da “Inspiração” que diz assim: “Crie espaço em sua vida para alertas intuitivos. Ultrapasse o ruído diário e conecte-se à fonte que alimenta a vida” (2001, p. 50). Nossa, como fez (e faz) sentido!

“Inspira. Expira. Transpira. Não Pira.” Sem dúvida alguma, esses foram alguns dos comandos que muito escutamos no contexto pandêmico de COVID-19. Foram sugestões de exercícios de respiração para controle de ansiedade, dicas

de movimentos/atividades físicas em casa, dentre outras tantas práticas saudáveis para não pirarmos, literalmente. As Práticas Integrativas e Complementares à Saúde (PICS) tiveram mais visibilidade e contribuíram com muitas vidas. Cada pessoa, a seu modo, recorreu a algo. Houve também quem não soube lidar muito bem com os desafios desse contexto e seus diferentes enfrentamentos. Não conseguiu ou não teve oportunidade de liberar as emoções, colocar para fora o que era necessário. Devemos respeitar e lembrar do tempo. Cada pessoa tem seu próprio ritmo.

Por outro lado, importante registrar os espaços e ações reinventadas para que as coreografias fluíssem melhor e pudéssemos dar mais leveza à cada presença na roda. A citar, tivemos o desafio das atividades remotas para o ensino, pesquisa e extensão na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Todas as pessoas que se mobilizaram para retomar o contato e as ações com estudantes, entre professores(as), servidores(as) técnico-administrativos, terceirizados(as) e comunidade em geral, merecem destaque. Em especial aqui, destaco o empenho dos queridos colegas e organizadores da presente obra que se permitiram sair da zona de conforto do ensino tradicional para, em contexto remoto, mobilizarem estudantes com metodologias ativas que impulsionaram a produção de diferentes coreografias para esta ciranda literária, além de agregarem profissionais que são colaboradoras voluntárias da extensão universitária.

Encontraremos vinte e uma coreografias produzidas que nos embalarão em diferentes ritmos que trazem à baila temas atravessados pelo contexto pandêmico, a citar: medo, expectativas, possibilidades, capacidade de sonhar e nutrir seus sonhos, perspicácia, coragem, saudade, morte, vida, passagem, esperança, valorização do aqui e agora, memória afetiva, aprendizado, amor, sexualidade, saúde, autoconhecimento, dor e sofrimento, luta, o tempo e a vida, prática da gratidão, importância dos afetos, transgeracionalidade, cultura, dança, o campo e a cidade, identidade cultural, sabedoria popular, conhecimentos tradicionais, espiritualidade, PICS, plantas medicinais, constelação familiar, meditação e comunicação não-violenta.

Da presença criativa de cada autoria, contamos com estudantes de diferentes cursos e áreas de conhecimento da UEFS, sendo uma dessas por estudante de outra instituição que estava em mobilidade acadêmica, e três profissionais que são colaboradoras voluntárias do programa de extensão Rede Apoio, Afetos e Ações Solidárias para UEFS (Rede AAA). Em “A Roda da Vida” fomos embaladas(os) por estudantes de Psicologia, História, Artes, Física, Biologia, Pedagogia, Educação Física, Farmácia e Filosofia, além de uma terapeuta sistêmica e duas professoras de Educação Física.

Hum... Cansada (pessoa dançante)? Vamos respirar bem fundo...mais uma vez. Como tudo isso chegou até você? Os diferentes saberes e estilos literários trazem “histórias dentro de histórias”, como me inspira a Clarissa

Pinkola Estés em “A ciranda das mulheres sábias” (2007, p. 23). Veremos a capacidade humana de ser dual, tão perigosa quanto divina. Cada coreografia ou história narrada nos convida ao movimento e à pausa. Ao autoconhecimento. Somos convocadas e convocados a viver de verdade cada ritmo, cada passo, pessoa dançante! Sim, você dança! É presença que floresce! Você pode florescer na roda da dança e na roda da vida. Inspira... Expira... Respire devagar... Sigamos de mãos dadas nesta grande ciranda literária!

## **REFERÊNCIAS**

ESTÉS, C. P. **A ciranda das mulheres sábias**: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Tradução de Waldéia Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

KATHY. T. **O Livro das Cartas dos Anjos**. São Paulo: Taygeta Editora e Consultoria, 2001.

Feira de Santana, 08 de março de 2022.

**Amanda Leite Novaes**

Professora Assistente do Departamento de Saúde da UEFS

Líder do Núcleo Inter/Transdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão de Educação e Saúde (NIEPEXES)/UEFS

Coordenadora do Programa de Extensão Rede Apoio, Afetos e Ações Solidárias para a UEFS (Rede AAA)



# SUMÁRIO

<b>RODA, RODA, RODA DA VIDA: EXPERIÊNCIA DA CIRANDA EM TEMPO DE PANDEMIA PARA REINVENÇÃO DE UMA METODOLOGIA ATIVA AMPLIADA</b> .....	19
<i>André Renê Barboni; Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni</i>	
<b>SER BOLSISTA E PESQUISADORA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA</b> .....	30
<i>Fábia Kely Santana Cerqueira</i>	
<b>UMA DANÇA PARA A VIDA NA ERA DE AQUÁRIO</b> .....	36
<i>Paula Evelin Santana de Sousa Magalhães</i>	
<b>NA RODA DA VIDA COM BORBOLETAS</b> .....	41
<i>Allana Silva de Freitas</i>	
<b>NA RODA DA VIDA COM CLARICE</b> .....	46
<i>Geralda Bispo de Jesus</i>	
<b>UMA TERÇA-FEIRA CHUVOSA</b> .....	51
<i>Gabriel Pereira Silva</i>	
<b>JOELHO RALADO</b> .....	57
<i>Marcel Oliveira de Melo</i>	
<b>DEPOIS DE UM CAFÉ</b> .....	64
<i>Matheus Oliveira de Melo</i>	
<b>PROSAS PANDÊMICAS: CAMINHOS DO AMOR</b> .....	70
<i>Ana Karolina Pinto Cruz; Mascarenhas</i>	
<b>UMA DAS RODAS DA MINHA VIDA</b> .....	76
<i>Bianca Gonçalves Costa</i>	
<b>NA RODA DA VIDA DE MÃOS DADAS COM PAULO FREIRE</b> .....	80
<i>Jacqueline da Silva Nascimento</i>	
<b>MANIFESTO DE UMA “MALUCO BELEZA” PARA UM MUNDO MALUCO</b> .....	89
<i>Letícia Suzart Barreto</i>	
<b>DIÁLOGO PARA A RODA DA VIDA</b> .....	96
<i>Abenaildes Soraya Vieira dos Santos</i>	
<b>TRANSFORMANDO TABUS EM DIÁLOGOS TRANSGERACIONAIS AFETUOSOS</b> .....	101
<i>Aline Pimentel Cupertino</i>	
<b>ESCREVIVÊNCIAS NO CENÁRIO PANDÊMICO</b> .....	109
<i>Edlene Pereira de Castro Silva</i>	
<b>RODA DA VIDA E A LINHA DO TEMPO, TEMPO, TEMPO...</b> .....	114
<i>Ricardo Ferreira Rocha</i>	
<b>RODA, RODA, RODA DA VIDA</b> .....	121
<i>Tatiê Nascimento Santos</i>	
<b>NAS ENCRUZILHADAS DO TEMPO E DA VIDA</b> .....	128
<i>Rodrigo de Jesus Pereira</i>	
<b>GRUPO DE ESTUDOS SOBRE CONSTELAÇÃO FAMILIAR: UM RELATO DA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA EM TEMPOS DE CRISE PANDÊMICA</b> .....	134
<i>Maria Aparecida de Almeida Vasconcelos</i>	
<b>SOBRE A EXPERIÊNCIA DE UM CÍRCULO ONLINE DE PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA (CNV) NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (UEFS): ESTENDENDO ESPAÇOS PARA A SENSIBILIZAÇÃO SOBRE DIÁLOGOS COMPASSIVOS</b> .....	140
<i>Daniela Caffé Oliveira</i>	
<b>EVA, UMA SERPENTE: REFLEXÕES ACERCA DO MEU SER, DO CONHECIMENTO E DA SEXUALIDADE</b> .....	159
<i>Nácia Silva Andrade de Carvalho</i>	

<b>PESQUISA ACADÊMICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA</b> .....	166
<i>Rebeca Ribeiro Ferreira</i>	
<b>UM BREVE RELATO SOBRE O “DANÇAR NA FEIRA” (1950-1969)</b> .....	172
<i>Jaiane Santos Silva</i>	
<b>PESQUISA SOBRE DANÇA EM JORNAL: ORGANIZAÇÃO, ESTADO DE CONSERVAÇÃO E ACESSO DE IMPORTANTE FONTE HISTÓRICA DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA</b> .....	175
<i>Viviana Graziela de Almeida Vasconcelos Barboni</i>	

# **RODA, RODA, RODA DA VIDA: EXPERIÊNCIA DA CIRANDA EM TEMPO DE PANDEMIA PARA REINVENÇÃO DE UMA METODOLOGIA ATIVA AMPLIADA**

André Renê Barboni<sup>1</sup>  
Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni<sup>2</sup>

*A ciranda é uma confraternização. Todo mundo dá-se as mãos, na maior harmonia, na maior satisfação, na maior alegria. A ciranda não tem preconceito. Dança branco, preto, criança, velhos. Não tem preconceito. Caiu na roda, dança. A ciranda é uma força muito grande, eu me sinto muito feliz cantando*

Lia de Itamaracá

## **INTRODUÇÃO**

Nos anos 2020 e 2021 quando vivemos a pandemia pelo novo coronavírus, tivemos que adequar nossas vidas e rotinas, e uma das grandes alterações foi introduzida no ambiente acadêmico, o chamado Ensino Remoto. A modalidade deu-se ainda no início da pandemia em 2020 por diversas Universidades e outras Instituições de ensino, no sentido de mitigar os efeitos do “apagão” educacional provocado pela suspensão das aulas presenciais e isolamento social decretados como norma sanitária para conter o avanço da doença que no Brasil chegou a níveis de catástrofe.

Em um curto espaço de tempo tivemos que nos adequar abruptamente como possível nossas vidas e, como foi chamado, ao “novo normal”. O confinamento nos levou a ter que ministrar aulas via telas de computadores e celulares, sem um treinamento prévio, sem bem saber quem estava envolvido no processo uma vez que alunos e alunas, por motivos diversos, insistiam em manter suas câmeras fechadas além da baixa interação durante as aulas.

O ensino e a aprendizagem convencionais que conhecíamos e praticávamos há anos acabaram. Não era mais possível repetir o velho padrão. Virtualização da sala de aula, utilização de plataformas, grupos em redes sociais, a utilização das tecnologias digitais para o ensino remoto sem preparação pedagógica, nossos computadores de casa sucateados, era o novo normal do ensino que podíamos ofertar fazendo nosso possível.

---

1 Professor Pleno do Departamento de Saúde da UEFS.

2 Professora Adjunto B do Departamento de Ciências Biológicas da UEFS.

E o que tínhamos na bagagem?

Foi necessário redefinir objetivos de ensino, muita criatividade não só didática – com a utilização constante das metodologias ativas – para que nós professores pudéssemos dar conta de nossas obrigações pedagógicas neste novo cenário. Juntando a estas dificuldades, também tivemos que administrar o nosso campo emocional e espiritual que já apontavam para um adoecimento coletivo populacional, estando incluso obviamente, professores da UEFS, segundo as pesquisas realizadas que eram divulgadas nos e-mails dos professores.

Assim, em condição de urgência, planejamos estratégias com metodologias ativas para obtenção do efeito pedagógico positivo. Foi aí que projetamos uma escrita criativa como possibilidade dos alunos concentrarem-se, manterem-se conectados às aulas e a produção do conhecimento, com maior interatividade.

A nossa maior preocupação com essa atividade nova para nós e mais ainda para os alunos, estava na questão bastante forte dos impactos emocionais e espirituais da pandemia e seus desdobramentos nos estudantes e suas famílias, repercutindo negativamente em seus desempenhos. Em países como o nosso, marcados por desigualdades estruturais – de onde advém as desigualdades digitais – era preciso ter um conjunto de ações que assegurassem condições mínimas para que estes alunos tivessem como acompanhar as aulas, o que se pressupõe um alinhamento entre condições materiais e psicológicas. Sobre as condições materiais não tínhamos absolutamente nenhum domínio, mas, sobre as emocionais e espirituais, percebemos que poderíamos contribuir, de alguma forma. Como? ensinando Ciência com leveza; exemplificando amor ao serviço; demonstrando disponibilidade em servir ao coletivo; valorizando a vida dos nossos alunos e o seu autoconhecimento; ressaltando a construção do bem comum – esse era o nosso papel. Era esse nosso desafio a cada aula remota.

Após três semestres letivos aprendendo e desconstruindo (PLE, ERE 1 e ERE2), reconstruindo e reaprendendo, a este conjunto de intervenções que realizamos chamaremos doravante de *Metodologia Ativa Ampliada* (MAA). Ampliada porque nos envolveu, nos derrubou do lugar do orgulho, nos colocou em outro lugar: na dimensão amorosa e afetiva do exemplificar, e assim, realizar o que chamamos “ensino”. Ampliada porque inclui o ser humano integral – material e espiritualmente – e volta-se para a valorização destes.

Nessa época, fazendo-nos de tradutores e comentadores dos ofícios de Pietro Ubaldi, Sai Baba, Barbara Ann Brennan, Stanislav Grof, Ruppert Sheldrake, Bert Hellinger, Wilhelm Reich, Alexander Lowen, só para citar alguns gigantes que nos ampararam – fizemos o duplo trabalho conosco e com os alunos. Estes autores configuraram-se como fontes mais interessantes para nossa visão de mundo e atendimento às ementas, e, de onde foi possível beber a amorosidade, a Espiritualidade e olhar a situação que vivíamos de forma segura e esperançosa.

Experiências diferentes de ensino, vivência da Espiritualidade e Amor, *Metodologia Ativa Ampliada*, autores que ainda suscitam efeitos de estranhamento em relação ao ambiente acadêmico... que queremos? Queremos repetir com Sai Baba que valores humanos não são absorvidos em textos, discursos ou aulas. É preciso exemplificar.

O conteúdo trabalhado estava nas vivências autobiográficas dos alunos e estes foram incentivados a assumir o protagonismo de uma escrita, de uma reflexão voltada para suas experiências produzindo conteúdo. As experiências poderiam estar mescladas com ficção, cada um no seu possível, sem violência, sem invasão de privacidade. Como uma autoficção que

se estabelece com o leitor um pacto oximórico (JACCOMARD, 1993), que se caracteriza por ser contraditório, pois rompe com o princípio de veracidade (pacto autobiográfico), sem aderir integralmente ao princípio de invenção (pacto romanesco/ficcional). Mesclam-se os dois, resultando no contrato de leitura, marcado pela ambiguidade, em uma narrativa intersticial (FAEDRICH, 2015, p. 46).

Enquanto expressões de saberes e novas possibilidades didáticas, as performances de escrita traziam muito mais do que um simples espelhamento do cotidiano pandêmico e a indignação com a situação sanitária, política, econômica, social e educacional do país. Floresceram textos de diversos alcances e profundidades; diversos contextos multiculturais, conscientes; escritas carregadas de histórias de si mesmos, sutilmente embebidas em fatos inverídicos, para proteção dos autores. Era algo muito especial, para além de simples avaliação, de produção letrada, que estava acontecendo. Eram pessoas e seus dramas de vida camuflados entre pseudônimos, lugares, datas e personagens fictícios.

Na condição de orientadores e também de sujeitos do processo, acompanhávamos a escrita e aos poucos, íamos dialogando com os autores,

descobrimo, compreendendo o que estava dentro de nós e o que estava acontecendo conosco. Então não era só ensinar: era revelar e revelar-se, ajudar a nascer uma reflexão, um escrito. Mesmo porque,

Escrever sobre si é, sim, uma prática antiga, como sugeriu Tezza. Confissões, literatura de testemunho, diários, memórias e autobiografias são exemplos desse tipo de escrita. Quando questionamos a possibilidade de representar o real pela linguagem ou relativizamos a verdade, é fácil cairmos na tentação de considerar tudo ficcional (FAEDRICH, 2015, p. 48).

Com base nestes pressupostos, então, este relato procurou, a partir da autorreflexão sobre a nossa prática pedagógica, documentar o trabalho com uma *Metodologia Ativa Ampliada*, dentro de suas perspectivas teóricas, subjetivas e intuitivas, tanto no nível do processo de ensino, como da escrita criativa, como do autoconhecimento. Uma ação, que, talvez, no futuro, pode se mostrar valiosa para se compreender o que se passou conosco em Feira de Santana, neste momento pandêmico e como nossas soluções criativas puderam colaborar para uma convivência mais saudável.

## **DESENVOLVIMENTO**

Escrevemos este relato de experiência durante o Ensino Remoto Especial da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) no semestre 2021.2 (ERE 2021.2), entre agosto-dezembro de 2021, sob o signo da Espiritualidade.

Desde março de 2020 que estamos na atividade docente remota, e a partir de julho daquele ano passamos a ministrar disciplinas obrigatórias e optativas, devido ao distanciamento social quando tivemos que readequar nossas vidas, condutas, rotinas pessoais e sociais devido a pandemia. Neste contexto, nossas vidas e conseqüentemente, nossas atividades docentes foram fortemente atingidas.

Agora, quase vinte meses depois, apesar de sentirmos a formatação do retorno semipresencial ser ensaiado pela Administração Superior, e posteriormente o retorno presencial, o cenário ainda permanece desolador mesmo com a vacinação e a diminuição dos óbitos e do avanço da COVID-19 e a nova variante, a ômicron, menos letal mas muito contagiosa. A nossa preocupação é a mesma. Uma vida é uma vida, insubstituível, um amor que se vai, um luto, a dor da saudade.

Foi nesse cenário de pandemia que nós e milhares de professores e professoras do país tiveram que se reinventar para ministrar o ensino. Foi preciso muita força, determinação, criatividade para dar conta deste desafio.

Muitas incertezas, inabilidade, dificuldades. Mas nossa travessia docente durante o ensino remoto parece ter sido guiada por “Algo Maior” que, apesar de nossos medos, incertezas e insegurança, insistia em nos proteger ao tempo em que também insistia em nos inquietar para outras possibilidades de ensino/avaliação da aprendizagem e Extensão. Este “Algo Maior” é o que aqui vamos chamar de “arquétipo da Espiritualidade”.

Este arquétipo performa para nós um conjunto de vozes, de forças e imagens da humildade, da empatia, da compaixão, da responsabilização, da ternura, das alegrias, das graças. Em especial para esta última voz nos inspiramos no dizer de Freire (2021, p. 5):

Use do arquétipo das Graças para me direcionar ao encantamento da espiritualidade e da intuição que promovem acontecimentos, dimensão essa a qual considero essencial à vida e que, por meio deste projeto, fez-se expressar em arte, em roda, em dança, em prosa, em ritmos, em cuidado, em subjetividades, em liberdades. Um estado de graça alcançado pela presença das Deusas que habitam em mim e me afetam, de forma peculiar, nas paixões que a vida faz vibrar, nas singularidades no mergulho em coletivos presentes em meu cotidiano. Mesmo diante dos dissabores, há um impulso que me inclina às possibilidades, potências e criatividade, que acionam produções de mim e do mundo. Bem autêntica é a vida quando o universo nos guia à autoria e protagonismo da nossa própria história.

Sim, um estado de graça!

A Espiritualidade que para nós quer dizer conexão com o transcendente, com o divino, e pode traduzir-se em caminhos de autoconhecimento; força criativa: profundidade de vida e seu encantamento. E isto tudo nos leva à intuição, à realizações para o Bem comum e à alegria.

E foi para isso e por isso que “guiados” e nos sentindo seguros, começamos a reinventar o ensino/avaliação da aprendizagem e Extensão em nossas atividades, dando o protagonismo aos alunos e alunas matriculados nas disciplinas e que se permitiram ser atravessados por forças tão poderosas. Sem um “plano B” ou treinamento pedagógico especial buscamos onde nos ancorar para seguir com as atividades como podíamos.

Educar não é só transmitir conteúdos e treinamento técnico. Educar é um ato de Graça, embebido de intuição, de criatividade e acolhimento para que os alunos se sintam seguros, queridos, respeitados, amados e necessários ao processo. Para tanto, é fundamental doar-se, abrir-se, com a sensibilidade, a coragem de experimentar o novo, ouvir, dar as mãos e ver o outro.

Quis o Universo que já quase no fim de nossas carreiras, repensássemos nossas práticas e reinventássemos o que pensávamos que já estava acabado, e nos colocou neste lugar de experiências. Foi aí que percebemos que o convite era para a nossa desconstrução, que era preciso e tivemos que “nos quebrar” sairmos das velhas caixinhas, aprendermos e errarmos/acertarmos juntos com os alunos.

As disciplinas obrigatórias que ministramos no PLE (BIO144 – Biologia Humana aplicada à Educação Física; BIO162 – Biologia Humana; SAU241 – Informática em Saúde) seguiram um curso mais ou menos conservador do que já vínhamos fazendo no formato presencial, mas nem por isso deixamos de trazer reflexões e temas de diálogo que evocassem a Espiritualidade.

Já as disciplinas optativas (BIO161, BIO163, BIO605 e SAU319) impuseram uma necessidade de pedagogia criativa, de metodologia ativa. Repetir os velhos modelos de provas, seminários já não atendiam ao momento com a eficácia desejada e nem era cativante. Além disso, estas disciplinas estavam incluídas na proposta pedagógica de curricularização da Extensão.

Como poderíamos ser criativos numa situação sanitária desesperadora sem opções rápidas de saída? Basta transmitir conteúdo científico, discutir filosofia? Lembrávamos de Sai Baba “Professores que promovam o amor mútuo entre si mesmos e seus pupilos são muito necessários atualmente.” e mais adiante: “Vocês podem ensinar o amor aos estudantes somente através do amor.”

Sintonizados com estes ensinamentos, entre observações e tentativas nosso anseio era pelo belo, educativo, transformador, amoroso. Queríamos algo também significativo e recompensador para os alunos que os animasse para a escrita e os estudos. Erudição, literatura nunca foram nossos propósitos, muito menos apologia político-partidária, religiosa ou moralista.

Durante anos como professores universitários sentíamos que a questão da expressão escrita ainda era um problema entre nossos alunos. Estes, em sua maioria, são de classe social média ou menos favorecida, com pouco acesso à livros fora do ambiente acadêmico, além do igualmente pouco

interesse por leitura e escrita, infelizmente. Sabemos que de alguns anos para cá sua maior fonte de conteúdos tem sido o ambiente digital, em especial as redes sociais, repleta de desinformação e temas rasos, produzidos por fontes diversificadas, com interesses duvidosos, não científicas ou não comprometidas com formação cidadã.

Assim, desenhamos algumas possibilidades que pudessem confrontar com esta situação absurda de manipulação das redes sobre os jovens e estas propostas de estudos/pesquisas enriquecidas pelas próprias observações e vivências pessoais, oportunizaria a produção de textos, que qualificados, seriam incluídos nos livros publicados e divulgados no formato PDF.

Alunos de diferentes cursos e semestres se reportaram as dificuldades que tiveram para entender o *Google Meet* e o *Classroom*: tutoriais, apoio de colegas ou ter de aprender sozinhos, por *tentativa e erro*, foram os caminhos encontrados que ajudaram a utilizar a plataforma.

A proposta era escrever sobre si mesmos de diferentes ângulos: primeiro como relato de experiências, vivências de si mesmos no início da pandemia, no cenário de incertezas, caos social, imagens tristes, que resultaram no “Bricolagem”, em 2020. Depois, o olhar da empatia para personagens criados, construídos em cenas do cotidiano de Feira de Santana, da UEFS, que ganharam vida própria, e ante a pandemia, as suas dificuldades, os dribles na tristeza, as conquistas, conduziram ao “Ateliê de Empatia”, o segundo volume. Agora prevendo o retorno às atividades acadêmicas em formato presencial, cremos que se finda um ciclo, estamos dando as mãos formando uma grande ciranda, “A Roda da Vida”, o terceiro volume.

Nos três momentos de construção dos livros, estabeleceu-se um elo forte com o Programa de Extensão “**Rede de Apoio, Afetos e Ações Solidárias para UEFS**” (Rede AAA UEFS CONSEPE 122/2019), do qual fazemos parte da equipe executora – dentro da linha “**Sentir, Emocionar e Transformar-se**” (SENT) relacionando-os à oferta de uma atividade extracurricular – a produção de um livro digital – com lançamento como eventos literários.

E mais uma vez Sai Baba nos inspirava: “Os professores podem atingir altos ideais se cooperarem, se forem disciplinados, imbuindo-se de serviço e sacrifício e se forem determinados para o sucesso. Instruam as crianças a reverenciarem seus pais. Esta é a primeira coisa a fazer”.

Eureka! Na construção da roda a proposta pedagógica de produção de textos deveria vir a partir da memorização e trazer para perto de si mesmo sua própria linha do tempo: quem eu sou? de onde vim? Que embora a grosso modo muitos de nós saibamos, muitas vezes, acontecimentos são inconscientemente esquecidos, não registrados e para que cada aluno pudesse construir sua linha ou chegasse o mais próximo dessa realização é preciso oferecer “um espaço-tempo de acolhimento”, de não julgamento e de segurança, revelando-se para si mesmo como fosse possível. Nascia a possibilidade de autoficção.

A autoficção permitiu que na construção desta linha do tempo fosse dado liberdade total aos autores, desde inserir fatos e personagens imaginários conforme a criatividade e a necessidade de cada um, sem trazer grandes conflitos, ou até produzir em diferentes esquemas a linha do tempo. Feita esta a linha do tempo, inicia-se a ciranda.

Esta ciranda é uma roda de vida, ou de vidas, melhor dizendo. Ela é dinâmica: além de si mesmos, os alunos e alunas convidaram outros corpos para compô-la. Abrimos as mãos e o coração, demos espaço para que possam estar conosco, demos as mãos imaginárias, mas afetivas e vibracionais, até que a grande roda se fizesse.

As integrações na roda pôde ser como portais “dando pistas” de nós mesmos através de um diálogo sobre descobertas ou quem sonhamos ser, sem um ponto final ou desfecho de “estorinha feliz”.

Sabemos que uma dimensão inconsciente está presente na escrita e é possível registrar e ao mesmo tempo emergir o eu, ou seja, é possível um processo terapêutico, um alívio espiritual via escrita, ainda que com personagens e fatos inventados. Foi possível verificar o prazer de se deliciar com o texto produzido, externado, ressignificando os fatos, conduzindo à um efeito libertador, via metáforizações.

Ficamos curiosos sobre como seria um diálogo com outro personagem. Reconhecemos que,

A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Neste diálogo o homem participa inteiro e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e esta palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2003, p. 348, grifo do autor).

Assim, trouxemos a possibilidade de escolha de um personagem para que os autores livremente pudessem criar as falas no melhor sentido do “brincar” infantil, em situações imaginadas, sem precisar agradar aos professores de modo a só obter a nota. “Uma poderosa experiência no presente desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior (geralmente de sua infância), da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa.” (FREUD, 1907/1908, p. 141).

Com leveza, prazer estávamos certos ser este um bom caminho de superação das dificuldades da pandemia, pelo comprometimento com uma proposta transformadora de educação permeada pela segurança, pelo não julgamento e pelo amor. Eis aí o foco da nossa *Metodologia Ativa Ampliada* que prima por estimular o aluno a *pensar por si mesmo*, o *Sapere aude* kantiano que estimula o indivíduo a assumir a sua *maioridade*, sair do seu eu criança, um lugar menor de dependência, e ser dono do seu destino, da sua vida. E para que isso se dê, é fundamental que estimulemos os nossos alunos a empreenderem uma jornada de autoconhecimento, pois isso lhes permite perceber quais são os seus limites e quando dizer sim/não.

Mas essa não é uma tarefa fácil, pois não envolve apenas uma transmissão de conteúdos, mas requer por parte do professor/facilitador um maior engajamento nesse processo contagiante de autodescoberta. Um resgate do verdadeiro processo de educação onde todos ensinamos e aprendemos uns com os outros e que não se restringe apenas ao intelecto. É um processo que também mexe com o corpo e com as emoções. Requer confiança!

Mesmo com todo nosso entusiasmo no planejamento, preparo de material, bom ânimo para as aulas, sentimos que vários alunos não foram devidamente sensibilizados e entendemos: jovens, passando por uma pandemia, sem contato direto conosco e lançados “neste lugar estranho”; o somatório do ensino remoto mais disciplinas não convencionais com ementas curiosas mais a perturbação e instabilidades geradas pela pandemia. Normal se sentirem inseguros, antissociais e desconfiados.

Com o andamento das disciplinas procedeu-se uma verdadeira reviravolta e estabelecimento de confiança através de pequenas práticas mobilizadoras corporais como: meditação, respiração, contemplação, integralização das forças paterna e materna, honra aos ancestrais e alguns exercícios bioenergéticos. Tudo isso, atravessado pelo diálogo e pela escuta acolhedora, ajudou os alunos a se entregarem mais ao processo e viverem com intensidade a beleza de seus corpos.

Na produção dos escritos os estudantes eram orientados a escreverem tudo que considerassem pertinente e sem engessamentos. Eram também protagonistas, livres para escolher a abordagem e os personagens; a invenção de fatos, sem a concepção “certo ou errado/pode ou não pode”, porém, sempre no cenário pandêmico e de sua própria trajetória de vida (construída numa linha da vida).

Não foi feita avaliação gramatical dos textos, ou de seus sentidos, apenas a potencialidade criativa. Durante a construção dos textos o aluno recebia atenção individual *online*, as produções eram de acesso exclusivo aos autores e a nós professores, sem comentários públicos durante as aulas.

Importante ressaltar o fato de se surpreenderem quando anunciamos que os textos finais integrariam um livrinho modesto, em formato digital, e que eles seriam os autores. Consideramos esse ponto importante pois foi capaz de afetar a escrita positivamente mas também tendo ao final alguns alunos que não quiseram ter seus trabalhos divulgados, e assim foram excluídos da publicação final sem nenhum prejuízo para avaliação na disciplina.

Creemos que com essas estratégias, foi possível criar um ambiente seguro, sem julgamentos, deixando os autores livres para ousar na imaginação e nas aberturas pessoais, com autonomia crescente e sem nossa interferência. Imprimir suas marcas no que ficou escrito e “o saber produzido pelo inconsciente”. Assim, enfatizamos que eles deveriam encontrar sua própria linguagem e forma de expressão, de forma autêntica e dotada de sentido para eles, bem como a reconhecerem-se como autores e que nosso papel era mais de auxiliar, apesar do valor avaliativo da produção.

Mesmo com este ambiente que supúnhamos seguro e livre, ainda assim, alguns alunos apresentaram ansiedade, inibição, “travas”, perda de inspiração, dificuldade de organizar o pensamento, entre as queixas mais relatadas por eles. Nestes momentos, leituras eram indicadas por nós para amadurecer o pensamento, interferíamos com delicadeza no texto para ajudar a clarificar as ideias e fluir a escrita (um “empurrãozinho”). Dava certo! Só em poucos casos que houve abandono precoce ou abrupto da disciplina, desistência do tema, autoavaliação de incapacidade, certo desconforto com a publicação, escrita superficial (“só para cumprir os créditos”).

Com o estabelecimento de um ambiente seguro de aprendizagem dentro de uma *Metodologia Ativa Ampliada* é lógico que a avaliação teria que ser processual destacando cada progresso alcançado assim como a autoavaliação. Ou seja, a avaliação acompanhou todo o processo de produção

da escrita, assumindo duas dimensões conforme Menino e Santos (2004): “a de regulação interativa, uma vez que mediou todo o trabalho desenvolvido; a de regulação retroativa, já que o uso deste instrumento se prolongou após ter sido trabalhada uma sequência de aprendizagem”.

Esta foi nossa *Metodologia Ativa Ampliada*. A forma que encontramos para valorizar o conhecimento tratado nas aulas, curricularizar a Extensão, ao tempo que investimos em valores espirituais, na capacidade dos alunos de solucionar problemas e de se adaptar às mudanças que se impuseram com a pandemia. Sobretudo, o maior desafio que cumprimos: valorizar a experiência dos alunos dando-lhes voz e colocar nas suas mãos a sua própria história.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

FAEDRICH, A. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. **Itinerários**, Araraquara, n. 40, p. 45-60, 2015.

FREIRE, É. V. S. **Cartografia de Práticas Pedagógicas no IFSertãoPE Campus Petrolina: A Formação Integral em compassos de Cirandas Interdisciplinares para um Projeto Pedagógico Singular**. 2021. 163 f. Dissertação (Mestrado do Programa Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares da Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina) UPE, Petrolina, 2021.

FREUD, S. (1906-1908). Escritores Criativos e Devaneio. In **Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, Gradativa de Jensen e outros trabalhos (vol. 9. p. 133-143). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JACCOMARD, H. **Lecteur et lecture dans l'autobiographie française contemporaine**: Violette Leduc, Françoise d'Eaubonne, Serge Doubrovsky, Marguerite Yourcenar. Genève: Droz, 1993.

MENINO, H.; SANTOS, L. (2004). Instrumentos de avaliação das aprendizagens em matemática. O uso do relatório escrito, do teste em duas fases e do portfólio no 2º ciclo do ensino básico. **Actas do XV Seminário de Investigação em Educação Matemática (SIEM)**. Lisboa: APM, 271-291. [online] <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/msantos/Hugomenino.pdf>.

# SER BOLSISTA E PESQUISADORA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Fábia Kelly Santana Cerqueira<sup>1</sup>

Antes de tudo, quero me apresentar, sou Fábia Kelly Santana Cerqueira, estudante do 8º semestre do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), além de bolsista/pesquisadora do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC-UEFS), no qual desenvolvo uma pesquisa sobre pacientes renais crônicos que realizam hemodiálise através do Tratamento Fora do Domicílio (TFD) durante a pandemia de COVID-19.

A minha chegada ao PROBIC aconteceu em decorrência do meu desejo de realizar meu trabalho de conclusão de curso com esta temática, porém, de maneira totalmente despreziosa, visto que eu não imaginava o potencial do projeto de pesquisa até receber o convite da minha orientadora para ajustar e submetê-lo. Sempre quis ir além do ensino, mas até este momento pesquisa e extensão me pareciam realidades distantes.

Meu projeto foi construído em conjunto e parceria constante com minha orientadora, que me incentivou, e, soube delicadamente fazer os recortes necessários, afinal, eu era iniciante neste processo e desconhecia alguns limites, chegando, portanto, com uma ideia muito ampla e generalizada, o que aos poucos, conseguimos amadurecer, elaborando uma pesquisa de campo, com a técnica de entrevista semiestruturada.

Recordo-me de ter ficado bem feliz com o resultado final do projeto, e para, além disso, mais confiante da minha capacidade, e o quanto isso foi importante para meu próprio engajamento no curso. Projeto, enfim, submetido em março/2020, homologado em abril/2020 e, por fim, aprovado em setembro/2020, isso significa que até a construção do projeto a pandemia ainda não havia começado.

Quão grande foi a minha frustração ao notar que, com o surgimento da COVID-19, precisaria readaptar meu projeto, desistir do que até então estava planejado em detrimento dos protocolos de isolamento que surgiam a todo tempo. Naquele momento, havia muita incerteza sobre trâmites a serem adotados, mas tínhamos claro: o encontro presencial já não poderia ocorrer. Inclusive, até mesmo a entrega da documentação para estabelecimento da bolsa na UEFS, ocorreu via *e-mail*. Passado o susto, era hora de ajustar a metodologia.

<sup>1</sup> Estudante de Psicologia da UEFS. Bolsista do Programa de Iniciação Científica da UEFS (PROBIC-UEFS).

A fim de evitar a exposição das pesquisadoras, dos trabalhadores das Unidades e mais ainda, das pessoas atendidas no serviço de hemodiálise, consideradas altamente vulneráveis, nossa decisão frente à restrição e total impossibilidade de realizar as coletas de dados presenciais foi reorganizar o plano de trabalho e, principalmente, fazer adequações na metodologia. Essas consistiram em: não realizar visita técnica, e aprofundar na pesquisa bibliográfica; alterar o público a ser entrevistado, isto é, de paciente para um profissional da equipe que desempenha o cuidado; e, ao invés de realizar presencialmente, a entrevista agora seria virtual.

É preciso frisar que ser bolsista/pesquisadora de Iniciação Científica, durante a pandemia de COVID-19, é desafiador. Isto porque necessariamente precisei me desprender de todos os métodos conhecidos até então, de uma investigação *in loco*, e, desvendar os meandros do mundo virtual, onde a pesquisa passa a acontecer de forma *online*. Esse mundo que embora vastíssimo e repleto de recursos que potencializam a pesquisa e a faz possível de ocorrer, mas que em contrapartida, retira o caráter da vivência prática, aquela que necessariamente só ocorre em campo.

Em meio aos inúmeros desafios, ainda cabe ressaltar o absurdo de ver o ataque à ciência pela sociedade civil e poder público: este ocorreu de várias maneiras, mas em especial, com o enfraquecimento do CNPq, os cortes das bolsas de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado, e o quão forte o “negacionismo” imperou, fazendo com que duvidassem da veracidade das produções científicas.

Sendo que, mesmo em meio às restrições, as pesquisas aconteciam com qualidade e esforço dos pesquisadores. No caso específico da UEFS, as bolsas de Iniciação Científica (PROBIC-UEFS) foram mantidas e o pagamento ocorria em dias, além da abertura de novo edital, tornando possível o ingresso de novos projetos ou a renovação dos existentes.

Mas, se por um lado, houveram ataques à Ciência por parte de grupos negacionistas e rejeição das vacinas, por outro, destaca-se, na maior parte da população, a valorização e o reconhecimento da relevância da pesquisa em termos de ganhos sociais: a Ciência é o caminho para vencermos a pandemia de COVID-19.

Quando tudo se mostrava nebuloso, os cientistas já davam passos no que se refere ao estudo da COVID-19, buscando encontrar medicações eficazes e, literalmente “correndo”, para desenvolver uma vacina em tempo recorde, ao tempo em que ainda combatiam as *fake news* e a desinformação sobre

tratamentos de origem duvidosa, sem comprovação científica e eficácia, e o pior: a questão anti-vacina. Essa situação me angustiava, enquanto pesquisadora que estava alçando voo, pois sabia da seriedade do trabalho dos cientistas, da sua relevância para a humanidade.

Muitos questionamentos surgiram: Será que vai ser possível pesquisar com qualidade? Hoje eu sei que sim, apesar de reconhecer a importância de estar em campo/em contato, entrevistando, vivenciando, coletando... Inicialmente, por ter elaborado uma metodologia de campo/coleta de dados, talvez tenha fixado o olhar nesta maneira específica, sendo a pandemia capaz de suscitar a criatividade e, conseqüentemente, outras formas de ser cientista em meio às restrições.

Vale ressaltar que não houve consenso no ensino da área da saúde sobre a inserção nas atividades práticas porque o momento além de ter sido permeado por incertezas, também iria expor de modo bastante delicado os alunos em ambientes com alta possibilidade de contágio, afinal, a única medida inicialmente eficaz era o isolamento social combinado com a higienização adequadas das mãos.

O momento pandêmico atual exigiu medidas sanitárias rígidas, e, nessas circunstâncias preservar vidas, seguindo as orientações dos órgãos responsáveis, tais como o Ministério da Saúde, que publicou o ofício circular Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, que orientava para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual, era primordial, todavia, corroborando com os protocolos de Biossegurança, na impossibilidade de acessar o campo, e no meu caso específico, o serviço a ser investigado se insere no campo da saúde.

A população do meu estudo eram pacientes que estavam realizando um tratamento altamente invasivo, no qual seu sangue é filtrado por meio de uma máquina, o dialisador, que substitui a função que originalmente seria do rim, uma vez que o órgão está comprometido de modo crônico, e no caso daqueles que residem em municípios que não oferecem o tratamento, lidam também com o deslocamento, e em 2020, passaram a conviver com o medo de contrair a COVID-19.

Além disto, existem outras questões que permeiam a vida de um paciente renal crônico, tais como os impactos psicológicos, físicos, estéticos, alimentícios e até mesmo sexuais. Eles lidam com a ambigüidade proporcionada pela máquina que lhes permite continuar vivendo, ao passo que restringe essa vida, afinal, limitações passam a compor o cotidiano de quem desenvolve falência renal.

A pandemia impôs uma nova realidade organizacional, ou seja, do “fazer universidade”, baseando-se no modelo remoto, implicando em uma logística tecnológica que nem todos os alunos dispunham, isto é, uma internet de

qualidade para acompanhar as aulas que aconteciam via plataforma do *Google Meet* e realizar as atividades em ambiente virtual, precisando ainda de um ambiente minimamente confortável e silencioso, algo que não estava ao alcance de todos, comprometendo a qualidade do ensino/aprendizagem, ocasionando em uma exclusão digital, expondo desse modo, a fragilidade do ensino superior.

Priorizar a saúde dos participantes e dos pesquisadores era o mais urgente, visto que o público ao qual eu gostaria de ter contato era justamente um dos grupos mais vulneráveis para a COVID-19, devido à sua condição crônica: a falência renal. Iniciei com os atravessamentos que este adoecimento e tratamento (hemodiálise) impactavam na vida de pacientes que realizavam o procedimento em situação de TFD (Tratamento Fora do Domicílio), porém, com o surgimento da COVID-19, essa vertente foi incluída a fim de esclarecer as novas configurações de cuidado/manejo em um momento delicado da saúde pública.

Nossa proposta estava agora no contexto de como o cuidado prestado era seguro em um cenário complexo e confuso, com recursos governamentais cada vez mais escassos e sofrendo cortes. Sim, entendíamos que estávamos produzindo conteúdo em um importante momento e luta históricos, baseado em evidências, com todo o rigor científico que é necessário ao passo que respeitando os protocolos de saúde.

Tudo o que estou vivendo tem me ensinado, sobretudo, a redirecionar o meu olhar para a maior quantidade de benefícios que a pesquisa poderia produzir em detrimento dos danos que podem ocasionar, naturalmente, em todos esses processos, ou seja, optou-se pela redução dos prováveis malefícios oriundos deste processo, desconsiderando colocar em risco pacientes fragilizados que compunham o grupo de risco, afinal já estavam em coexistência com outros pacientes nos transportes, o que não poderiam evitar.

Ser pesquisadora, nesse momento, também me colocou diante das minhas próprias limitações, mais precisamente, àquelas as quais eu não poderia controlar, e ainda é latente o incômodo e a angústia oriundas deste momento, afinal, o sinal de internet nem sempre colaborava, os equipamentos eram razoáveis, bem como as condições do ambiente externo, porém, em contrapartida, tudo ficou mais difícil, os processos burocráticos em setores acadêmicos acontecendo via *e-mail* e tudo demorando mais tempo para ser resolvido.

Senti muita falta da rotina presencial da Universidade, em especial, da orientação, embora acontecesse remotamente. Recordo-me da ansiedade que surgia quando a *internet* estava instável, o quanto aquilo me deixava com o sentimento de impotência, pois estava acima do meu alcance. Considero que esse tenha sido o ponto mais negativo desse momento.

No entanto, não ter estado em campo fisicamente, trouxe alguns desafios, o qual, o mundo virtual não foi capaz de suprir na íntegra, embora os ajustes na pesquisa tenham permitido uma mudança de metodologia, fazendo a pesquisa acontecer, de fato. E, mais uma vez, outro questionamento surgiu: É justo realizar entrevistas quando se sabe que nem todos estão inseridos no contexto de internet, dispondo de aparelhos que assegurem qualidade de comunicação e sigilo dos seus relatos?

Então, ser pesquisadora, principalmente durante a pandemia, colocou me diante de questões sociais gritantes, uma vez que ficaram evidentes algumas disparidades. Sendo assim, foi preciso me reinventar e mudar o foco do objeto de investigação, não sendo possível entrevistar pacientes, a equipe agora era uma possibilidade. E, nesse sentido, outros ganhos seriam possíveis através do olhar de quem atua no serviço.

Para tanto, contei com o apoio da orientadora que sempre esteve trabalhando em conjunto comigo, e felizmente, por estabelecermos uma relação interpessoal de muito comprometimento mútuo, foi possível direcionar os rumos com base em diálogo e acordos. Seu intermédio foi imprescindível para a nova configuração metodológica que conseguimos formular em meio à pandemia. Sempre que penso nessa relação orientando-orientador, atesto que é necessário firmar uma parceria na qual ambos estarão alinhados quanto ao objetivo em comum: êxito na pesquisa. E assim, fomos nós.

E, para minha surpresa, a perspectiva de quem atua no serviço era muito interessante, principalmente partindo do meu olhar enquanto estudante de Psicologia, uma vez que também consigo me projetar nesses espaços, em atuação com equipes interdisciplinares, e considerando que uma vez sendo psicóloga nesses espaços, teria que atuar **com** à equipe e **para** a equipe. Isto significa que minha atuação deve sim incluir àqueles que estão na oferta do cuidado, pois integram o elo com o paciente e a família, e, por vezes, são também a referência do paciente, a quem recorrem em busca de conforto.

Pensando assim, foi possível compreender os relatos, mesmos virtuais, de alguém que estava até então em segundo plano na investigação. O meio virtual, apesar de tudo, aproxima. Ter acesso visual durante a entrevista foi um ganho, pois estive, literal e temporariamente, dentro do cotidiano do serviço, algo que a tecnologia torna possível. Embora, acredite intimamente, que ao entrevistar de modo virtual, eu tenha perdido algumas nuances referentes à presença física, aos aspectos comportamentais e a vivência de campo. Mesmo que o participante tenha me relatado sobre o cotidiano, a relação com o paciente, suas impressões e experiências, existe algo da ordem do campo visual que a virtualidade não permite acessar, e conseqüentemente, limita.

Isso não significa ofuscar a relevância de se manter distante enquanto um vírus altamente transmissível assola a população, apenas endossa algumas das perdas (e, claro, pontos positivos) de ser pesquisadora nesse momento, reconhecendo que existem impasses, afinal, com a perda do convívio social, perde-se também a convivência, na qual, certamente reflexões no tocante ao desenvolvimento das pesquisas emergem, mas simultaneamente, há possibilidades de se reinventar, o que considero que tenha acontecido, uma vez que me aproximei das questões de Biossegurança que permeiam a ética científica em pesquisa e nos orientam quanto aos cuidados necessários.

De acordo com os pressupostos da Bioética, não podemos causar mais danos (estes devem ser reduzidos ao máximo) do que benefícios com as pesquisas científicas, e pensando dessa maneira, direcionei meu olhar durante todo o processo. Além disto, a pesquisa também foi pautada nos Direitos Humanos, que preza pela dignidade da pessoa humana, sempre em defesa da vida.

É possível ser pesquisadora durante a pandemia de COVID-19 se exercitamos a nossa capacidade criativa, reconstituindo os objetos de estudos, adaptando as metodologias, sendo flexíveis e compreensivos quanto às limitações, utilizando os recursos tecnológicos a nosso favor, visto que são aliados preciosos no momento em que não podemos acessar espaços fisicamente, visando nos aproximar destes contextos, além de absorver o máximo de informações que irão enriquecer a nossa pesquisa.

Em tempos tão difíceis e complicados, espero ter contribuído com a reflexão sobre os desafios que os jovens pesquisadores de Iniciação Científica viveram e estão vivendo, na proposição de estratégias que são válidas para a continuidade da produção de conhecimento, tão necessária na atual conjuntura. Acredito que, minhas experiências, aqui publicadas, ainda no transcorrer da pandemia possam inspirar e encorajar outros pesquisadores, afinal pesquisar em tempos sombrios requer inovação, mas, sobretudo, perspicácia e coragem.

## UMA DANÇA PARA A VIDA NA ERA DE AQUÁRIO

Paula Evelin Santana de Sousa Magalhães<sup>1</sup>

14 de março de 2019, o início de uma nova era. Imaginemos o primeiro dia de aula na universidade, o elo perfeito entre felicidade e ansiedade, não fosse o peso de ser a primeira de uma família humilde a ingressar em uma universidade pública aos 18 anos de idade. Medo, incerteza e angústia se somam aos outros sentimentos e trazem perguntas sem respostas. Será que consigo dar conta de tudo isso? E se eu decidir parar, eles ainda vão sentir orgulho? Caso eu desista, alguém vai ocupar o meu lugar?

“O que é universidade para nós?”, perguntou a professora de Metodologia do Trabalho Científico. Como um coral, imediatamente algumas estudantes responderam: “Novas oportunidades para o futuro”. Insegura, ainda sem saber falar em público e sem pensamento crítico para entender o que havia nas entrelinhas dessa pergunta, não respondi. Mas refleti. Meses depois a professora de História da Educação nos pediu um memorial, uma linha do tempo que pudesse englobar as últimas três gerações da família de cada um, respondendo como foi a nossa educação. Educação da minha família? Que educação, pró?

Eu pude estudar, no entanto, para que eu pudesse andar, minha mãe teve que correr muito, minha avó mais ainda. Minha mãe é filha de um pai que estudou até a quarta série do ensino fundamental por causa da vida difícil na zona rural e que faleceu quando ela tinha apenas 11 anos. Sua mãe também foi uma mulher de pouco estudo, cursou até a primeira série do ensino fundamental, mal sabia assinar seu nome, mas nunca se intimidou pelo pouco estudo. Se esforçou para aprender a ler, pedia ajuda aos 7 filhos e, depois de certa idade, quando passou a frequentar uma religião, aprendeu a ler a Bíblia e escrever, mesmo que com dificuldade.

Se eu tivesse a oportunidade de voltar naquela aula, e parafrasear JongaDJ minha resposta seria: “...afinal chegar aqui, na universidade, sabendo de onde eu vim, é desafiar a lei da gravidade... pobre morre ou é preso nessa idade”.

Sempre sonhei em estar na universidade, me graduar, exercer uma profissão na área escolhida. À medida que via familiares entrando no mundo das drogas, sendo privados de liberdade ou voltando a conviver com a vida fora das grades sem o mínimo de ressocialização, meu desejo de construir uma vida completamente diferente dessas vividas por eles aumentava.

---

<sup>1</sup> Estudante de Pedagogia da UEFS.

Eu consegui. Nós conseguimos, eu e minha mãe. Passei pelo ensino médio de 2014 a 2016, em seguida fiquei um ano e meio estudando para o Enem, focada em Psicologia – curso que eu pretendia estudar na época. Passei por várias noites sem dormir, crises de ansiedade e síndrome do pânico, causados pelo medo de não conseguir alcançar meu objetivo. Embora eu tenha sido privilegiada em relação a várias pessoas por estudar sempre em escolas da rede privada, que dão mais assistência aos alunos, considerando o sistema desigual do nosso país – eu nunca fiquei tranquila. Sou negra, de família pobre, e estudar em uma escola dessas me preparou para o vestibular, mas não me preparou para o mundo.

Após ter maturidade emocional e entender as questões sociais do nosso país e como isso impede nossas crianças e nossos jovens de sonhar, tomei uma decisão em janeiro de 2019: “Serei professora!”.

Como já foi dito anteriormente, comecei o primeiro semestre em março, logo iniciaram uma greve que durou 2 meses, e em outubro veio o segundo semestre... Estava dando tudo certo, apesar das dificuldades, afinal estar em uma universidade não é fácil. A rotina é cansativa. 04:50 o despertador toca, 06:00 o ônibus sai, 07:30 chego no meu destino, 12:30 vou embora, chego em casa cansada e com fome por volta das 14:00 e a partir desse horário banho, almoço e mais estudo.

Apesar dos dias iguais, sem descanso e com muita leitura, o ano de 2019 foi muito bom para mim. Na UEFS fiz amizades que vou levar para a vida, daquelas que nos apoiam na corda bamba da vida. Nela também conheci meu atual namorado, que está do meu lado em todos os momentos. Passei mais tempo com a minha mãe, que saiu do trabalho... ela sempre trabalhou muito e precisava descansar; recebi ajuda do meu pai nos dias em que voltar pra casa depois de tantas aulas era exaustivo. Tudo indo bem até 16 de março de 2020.

Quando o coronavírus chegou ao Brasil eu não podia imaginar o que estava por vir, nem nas melhores obras literárias alguém teve a capacidade de pensar em algo assim. Como tudo podia mudar de uma hora para outra? A alegria que eu sentia quando pisava os pés naquela instituição foi embora, as pessoas que estavam presentes no meu cotidiano tiveram que ficar isoladas, assim como eu. As ruas ficaram vazias, o número de mortes por dia foi crescendo, a tristeza tomou conta de todos nós.

Meus medos e incertezas voltaram. Medo de perder alguém, medo de morrer, medo de não me formar, medo daqueles que seriam meus futuros alunos não terem uma professora que tenha um olhar sensível e enxergue o contexto em que eles vivem. Medo de somente as pessoas com condições financeiras terem a capacidade de cursar o ensino superior. Medo da história da educação dos meus antepassados se tornar o presente das nossas crianças.

Aos poucos fui me acostumando com 2020, dias em casa, acompanhando virtualmente o luto de muitos brasileiros. Dias sem ver ninguém, sem perspectiva de melhora acerca do futuro. Que ano péssimo! Eu não fui feliz nesse ano.

Um ano e meio depois que tudo isso começou, eu tomei minha primeira dose da vacina contra a COVID-19, e com ela veio a esperança de dias melhores.

Dizem que enquanto sonhamos o nosso cérebro faz um balanço de como foi o nosso dia, e assim são organizados os tópicos importantes do dia e alguns podem surgir em nossos sonhos. Nessa fase tão difícil que todos nós estamos passando em meio a essa pandemia que destrói os bons sentimentos, ouvir “Era de Aquarius” de JongaDJ e Martinho da Vila tem sido um refúgio nos meus dias atuais, por isso minhas noites se resumem em diálogos esperançosos:

— Agora sim, JongaDJ! agora eu acredito que tudo vai melhorar, quando a era de Aquário chegar. O mundo não terá mais pandemia, as pessoas do nosso país não irão mais perder seus entes queridos para esse vírus, a dor vai se esvaír e não haverá mais ninguém com síndrome de pânico, as diferenças sociais vão encolher e a fome não será um problema.

— Eu já me vi no seu lugar. A educação aqui em casa sempre foi motivo de celebração, principalmente quando eu passei no curso de História. Por isso que minha postura é o mais belo refrão, o que eu fiz na minha área é representatividade. E o que fez eu me manter de pé foi acreditar que dias bons virão. Quando a era de aquário chegar. Quando a era de aquário surgir.

— Eu penso muito sobre isso. Muitos falam que quando essa era chegar o espaço em que vivemos será melhor. Nós vivemos ciclos, então acredito que o mundo também tem suas revoluções. Me conforta pensar em uma era sem preconceitos, em que ninguém terá medo de ser quem é e principalmente – que possamos trilhar uma nova jornada sem essas mortes.

— Quando esse momento chegar, tenha uma vida próspera, não se esqueça dos medos que você sentiu, nem de quem te ajudou, mas viva, não perca a felicidade dos dias bem vividos.

— Seguirei o conselho. No entanto, apesar de romper ciclos é difícil não pensar nas mazelas do nosso país com tudo que está acontecendo. Mesmo no futuro será complicado esquecer desse momento lastimável. É como você diz nas rimas: Antes de escolher comprar Nike ou Adidas, você certifica que tem banquete para a gente encher a barriga. Que país é esse?

— É o país da desigualdade, da pobreza, da fome. Porém, também é o país da esperança. É de conhecimento nacional que brasileiro não desiste nunca.

Infelizmente eu tinha que me preocupar primeiro com o que tinha para comer, para depois pensar no que vestir, assim como muitos... Estou vivendo agora os frutos da minha persistência. Por isso eu acredito que paralelo à luta por melhores condições de vida e de educação, é importante pensar sempre nas coisas boas, os nossos pensamentos conduzem a nossa direção. Dessa forma, embora as adversidades aconteçam, estaremos preparados para enfrentar todos os dias. É interiorizando o bem e agindo em prol disso que as mudanças acontecem.

— Com certeza! Em tempos de pandemia, por exemplo, cuidar da saúde física e psicológica é de grande importância, pois o estado emocional de todos está em constante luto, mesmo entre àqueles que não perderam nenhuma pessoa próxima. Para nós, que não tivemos perdas e só sentimos falta de outras questões como a continuidade da educação, é necessário lembrar que o choro alivia e deve ser priorizado, como uma forma de se distanciar dos sentimentos ruins, mas quando dura dias ele desmotiva e paralisa.

— A gente precisa disso mesmo, se cuidar, estudar para conseguir essa conquista de cursar o ensino superior, se esforçar independente de qualquer coisa e acreditar que dias melhores virão, para sempre. A pandemia e as inércias causadas por ela são apenas alguns obstáculos que você vai conseguir superar.

Quando pensamos em uma pessoa com saúde, a nossa mente tende a imaginar uma pessoa fisicamente saudável, com base em números registrados a partir de um exame. Para pensar em uma pessoa de saúde fragilizada, basta pensar no exemplo contrário, alguém que está com uma aparência enferma, sempre precisando de visitas ao médico. O que o senso comum acredita, de certa forma, é verdade, mas não é a única verdade, estar em paz consigo e com o próximo, cuidar do corpo e da mente e se espiritualizar são algumas outras formas de manter-se saudável; bem como gastar energia em situações ruins, cultivar sentimentos como ódio e rancor e não saber se desfazer de práticas prejudiciais culmina em uma vida debilitada.

Nosso corpo é como o nosso lar, ele precisa de uma base bem estruturada para nos dar proteção, independente de qual seja o problema pelo qual estamos enfrentando, precisamos nos cuidar. O corpo humano carrega energias que apenas com sensibilidade é possível perceber. Quando se sente dor nas costas, por exemplo, existe a possibilidade de haver um transtorno físico, no entanto essa dor também pode ser causada por angústia, aflição, por sentir que o mundo está sob as costas. Da mesma forma, o nó na garganta pode ser explicado como falta de confiança, carência de segurança ao falar sobre sentimentos. Assim sendo, é preciso situar-se sobre os incômodos, dando uma atenção à saúde mental, para se fortalecer, permitindo se curar de tudo que faz mal.

### *A Roda da Vida*

Vale ressaltar que a maneira pela qual a recuperação de uma ferida será realizada – que pode partir tanto da resiliência, quanto da espiritualidade – não advém da necessidade de ter uma religião, se espiritualizar no processo de cura vai além de seguir uma doutrina, é sobre se conectar com o que realmente importa, tirando de si as impurezas e todo sofrimento. No que se refere à pandemia gerada pelo coronavírus, a principal forma de passar por toda essa circunstância mantendo a saúde mental, além de prevenir a si mesmo e aos sujeitos íntimos, é aprender a lidar com a morte e com o luto da maneira que for mais reconfortante para cada um. Não é preciso seguir um único caminho, mas compreender que a saúde está diretamente ligada à alma, e a energia que habita em um corpo.

Uma grande e nova mudança para entender quem somos. Uma nova Era de luminosidade, solidariedade e de esperança: a revolução do amor virá!

## NA RODA DA VIDA COM BORBOLETAS

Allana Silva de Freitas<sup>1</sup>

Não há nada mais surpreendente do que a roda da vida. Não sabemos o próximo desafio, mas podemos escolher alguns caminhos durante a jornada. Sempre gostei de imaginar como seria o meu futuro, gostava de escrever carta para mim mesma. Recentemente, encontrei uma dessas cartas, que foi escrita em 2016, aos 17 anos de idade.

*“Aproveite cada segundo destes momentos e nunca pense em desistir. Eu espero que você viaje para muitos, muitos, muitos lugares. Que tenha uma família linda e que sempre cuide dos seus pais. Sempre cuide da sua mãe, que eu amo tanto e tanto. A pessoa mais importante da sua vida. Dê muitos motivos de orgulho para ela. Faça ela muito feliz, ela merece tanto! Dê orgulho para aqueles que te querem bem.”*

Nasci em vinte e cinco de agosto de mil novecentos e noventa e nove. Fui muito idealizada e esperada por doze anos. No meu nascimento, a minha mãe sofreu uma pré-eclâmpsia e foi um parto difícil. Na minha infância, eu gostava de conversar com meus amigos imaginários, brincar de escolinha e planejar atividades escolares para os clientes do bar do meu avô. Aos 03 anos, me queimei na descarga da moto e tenho a cicatriz até hoje. Aos exatos 06 anos, um armário caiu em cima de mim, mas saí ilesa, mesmo com todos os objetos de vidro quebrados. Com tudo isso, considero a infância uma fase feliz de minha vida, as quedas e cicatrizes físicas, eram facilmente esquecidas depois de um abraço materno, mas infelizmente, as cicatrizes da alma, são as que doem até hoje.

*“Mãe, não é nada fácil... Você sempre foi tudo na minha vida e o sentimento é de estar sem rumo. Parece que fui anestesiada e nada mais faz sentido. Acho que a ficha ainda não caiu e parece que a qualquer momento você voltará para mim. Você é a minha melhor amiga, eu nunca escondi nada de você e me sentia confortável em conversar sobre qualquer coisa contigo. Você me tratava como seu bebezinho e eu acreditava que ainda era o seu bebê. Lembro que quando eu era criança, toda noite segurava bem firme a sua mão para que você não conseguisse sair da cama pela manhã e não fosse trabalhar. Acordávamos juntas, eu te contava o que aconteceu na aula, ficava esperando dar o horário de você voltar do trabalho e tomávamos café juntas. Boa parte da minha infância eu tinha medo de dormir sozinha,*

---

<sup>1</sup> Estudante de Educação Física da UEFS.

## A Roda da Vida

*então dormia com você. Eu te abraçava, sentia seu cheirinho, te apertava, sentava no seu colo e te perguntava: “tu me ama, mãe?”... Você ficava desesperada quando eu chegava atrasada e por isso eu sempre mandava mensagem informando onde eu estava, mas a verdade é que eu também ficava desesperada quando você não chegava 18h30min ou exatos 12h07min (sim, eu ficava na porta te esperando). Todos os sonhos que realizei, foi graças a você e você estava lá comigo. Se eu fosse dizer os meus momentos favoritos com você, eu diria toda a minha vida. Eu te aproveitei cada momento que pude e mesmo assim a sensação é de que eu poderia ter aproveitado mais. Eu amo a sua voz, seu sorriso envergonhado, seu cheirinho, seu abraço, sua parceria, sua confiança em mim, sua paciência, seu jeito engraçado... Ah mãe, você vai ser sempre lembrada tanto por mim quanto por tantas pessoas que te amam! Eu queria ter tido a chance de te contar o quanto você estava equivocada quando achava que quase ninguém gostava de você. Eu queria ter tido a chance de te abraçar forte e me despedir. Li que se eu sofrer demais, sua alma sofre e mesmo sentindo que perdi o chão, mesmo com a dor no peito, tento não chorar muito... Eu quero que você tenha a paz que merece. Tenho lido “Violetas na Janela” e imaginado como você está nesse momento... Eu espero que esteja bem e que possa continuar cuidando de mim aí de cima. Obrigada por sempre cuidar de mim, confiar em mim, aceitar minhas decisões e me apoiar incondicionalmente. Você é a minha mãe e o amor da minha vida eternamente. Eu te amo, mãe!”*

Mais uma carta encontrada e as lágrimas continuam a cair. Escrevi essa carta alguns dias depois da maior ruptura de minha vida. Três anos se passaram e a dor continua. Não perdi apenas a minha mãe, mas sim, a minha melhor amiga e o meu casulo. Fui empurrada pela vida e obrigada a aprender voar. Além de passar pelo luto da minha mãe, veio também a doença e a morte da minha avó materna.

Dois mil e vinte foi um ano difícil, não só para mim, como também para a humanidade. Passamos por uma pandemia e os dias se tornaram confusos e angustiantes. Sofri um acidente de moto, adoeci e me envolvi com pessoas que me deixaram muito triste. Vi muitas pessoas perdendo as pessoas que amam por conta desse vírus. Seguir em frente exigiu de todos, fé e coragem.

A vida é mesmo uma jornada, ficamos em um casulo até que possamos voar com nossas próprias asas. Durante esse voo, enfrentamos muitos obstáculos como o sol quente que arde mas nos nutre; a chuva que nos encharca, mas nos revigora. Perdemos pessoas que amamos no caminho, perdemos amigos que

estavam conosco apenas em uma de nossas fases. Descobrimos que a gente pode ir mais do que pensamos que podemos. Também descobrimos, que às vezes a borboleta foca tanto em uma flor, que se esquece de todo o jardim ao seu redor.

Nós somos como borboletas: ganhamos asas para voar e encontramos muitas sementes pelo caminho, mas é o nosso papel espalhar as sementes para florescer o nosso jardim. Eu sou grata por ter tido por dezoito anos, o melhor e mais forte amor ao meu lado e hoje sigo com ele em meu coração, pensamento e através dos nossos encontros em sonhos. Afinal, o amor é o laço mais poderoso do Universo.

*“Voa, minha ave  
Voa sem parar  
Viaja pra longe  
Te encontrarei em algum lugar  
  
Permaneço em ti como sempre foi  
Mais perfeito e mais fiel  
Mesmo sozinho sei  
Que estás perto de mim  
Quando triste olho pro céu  
  
[...]  
Mas você partiu sem mim  
E sei que estás em algum jardim  
Entre as flores  
  
Anjo, meu tão amado anjo  
Bem sei que estás  
E eu do brando sono hei de acordar  
Para os teus olhos ver uma vez mais  
O verdadeiro amor espera  
Uma vez mais” (Uma Vez Mais – Ivo Pessoa)*

— Filha, lembra quando eu te dizia que eu tinha o sonho de ir naquele país cheio de flores? Hoje eu vivo em um lugar tão florido e cheiroso, posso ouvir a sua voz sempre que você direciona a mim. Abraço-te e te reencontro sempre que possível, pode conversar comigo que eu te escutarei, meu amor.

— Mãe, eu tive um sonho esses dias e quero te contar. Eu me afogava em um mar e era muito angustiante, porém, uma hora esse mar se acalmava e eu subia em umas escadas e avistava uma placa que estava escrito frases sobre o valor da vida e a importância de viver. Atrás dessa placa, eu avistava uma

### *A Roda da Vida*

paisagem de beleza indescritível, com uma enorme árvore de flor de cerejeiras. Pesquisei e descobri que as cerejeiras para os samurais estão associadas ao lema: “Viver o presente sem medo.”

— Nana, os sonhos são mensagens. O mar agitado, nós podemos interpretar como as dificuldades da vida. A cerejeira fica florida por pouco tempo, o que representa a fragilidade da vida e a importância de aproveitar cada momento.

— Mãe, eu te prometo que vou tentar continuar, mesmo quando tudo o que eu mais quero é desistir. Você sempre foi a minha vida e quando você se foi, eu perdi o rumo. Mas é por você que eu vou seguir. Você é a minha vida.

— Durante a minha vida, eu gastei muito tempo guardando mágoas em meu coração e se eu pudesse voltar, faria tudo diferente. Aproveitaria mais o tempo, não deixaria os sentimentos de mágoa ou tristeza invadirem a minha alma, porque a vida é um sopro e temos que vivê-la intensamente. Então, aproveite o hoje; demonstre hoje; ame hoje. Pois o amanhã não é garantido de chegar. Filha, seja feliz, não colocamos um ponto final em nossa história. O amor de uma mãe para um filho é infinito. A roda da vida gira, tudo vai se transformando e quando menos esperamos, a gente se reencontra. Até janeiro.

— Mãe, suas palavras me encorajam a seguir. Os sentimentos não são fáceis de administrar, mas quando percebemos que guardá-los é a pior escolha, procuramos outros caminhos. Até mesmo o amor em alta dosagem, pode se tornar possessão. E é por isso que por mais dolorido que seja, eu te deixo ir. Eu sei que onde estás, é um lugar muito melhor do que você estava antes. Posso te imaginar rodeada por nossos familiares, por novos amigos e também por muitas flores. Sempre que puder, venha me visitar. Eu amo conversar com você durante os sonhos, eu amo sentir aquele ventinho diferente que surge toda vez que você está por aqui. A pandemia levou tantas e tantas mãezinhas, mas eu espero que esses filhos também possam sentir suas presenças através dos pequenos detalhes da vida, da gotinha de chuva que cai estrategicamente em nossa testa, como um beijinho maternal até um sonho tão real que aquece nosso coração. Eu não sei o que você quis me dizer com “até janeiro”, mas eu te afirmo: Estou pronta! E para todos que perderam alguém que ama, deixo a fala de Miguel, personagem do filme “Viva: A Vida É Uma Festa”: “Minha avó disse que a morte não existe. Ela acreditava que só morremos quando os outros nos esquecem.”

Figura 1 – Allana e Rita de Cássia.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

“Nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei.” – Allan Kardec

## NA RODA DA VIDA COM CLARICE

Geralda Bispo de Jesus<sup>1</sup>

Fazia cerca de duas semanas que ele sentia dificuldades para se alimentar. Achamos estranho, logo ele que nunca havia sentido nada. Nos seus quase setenta anos jamais houve necessidade de frequentar médicos. Tirando aquela vez que quebrou o braço – foi de fato um evento marcante, o gesso se tornou nossa possibilidade de arte.

Acordamos bem cedo para ir ao posto e descemos alegres e sorridentes como sempre. Nossa relação sempre foi aquele emaranhado de sentimentos. Às vezes penso que fomos almas destinadas a se encontrarem por um curto tempo para preencher um espaço vazio deixado por outras vidas.

Naquele mesmo dia ao chegarmos em casa com uma parcela grande de pedidos de exames seguimos a vida normal. Afinal não seria nada demais! No entanto aquela noite não terminou como as outras. Por volta das 19h, jogada na cama após chegar da escola, acabei adormecendo. Ao menos foi o que pensei.

— Ana?

No primeiro chamado não liguei. Certamente era mãe querendo que eu fosse lavar as vasilhas ou tomar banho antes de me deitar.

— Ana?!

— [...] e precisamos ter cuidado com o que desejamos, mesmo que seja apenas um pensamento bobo em um momento de raiva. Sabia?

Levantei-me rapidamente sem entender nada. E estática, sentada na cama, dirigi o olhar para aquela mulher me fitando fixamente com um dos meus (ou seu, já nem sabia) livros nas mãos.

— Você ainda vai viver muitas coisas. Algumas bem confusas, devo advertir. Ah! Mas não se preocupe em entender agora garotinha crescida. Eu não sei você, mas eu *não quis a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quis uma verdade inventada.* Você tão nova já segue trilhas que te levará a um caminho muito certinho, mas lhe asseguro que chegará determinado momento que as circunstâncias te jogarão no mar sem nem uma boia. Já vou indo, mas volto para continuar nossa conversa. Você vai precisar.

---

<sup>1</sup> Estudante de Licenciatura em Artes (universidade de origem: UFSB, estudando na UEFS através da mobilidade acadêmica).

Como assim vou precisar? Pensei. Antes mesmo de dar tempo da minha mente formular alguma questão cortei violentamente os pensamentos esfregando os olhos e os mantive fechados por uns segundos. Ao abri-los só disse para mim mesma: isso foi um sonho e ponto. Esquece! Não sei bem o que houve depois, mas lembro vagamente de ver o rosto do meu pai e uma cor verde forte invadir o ambiente.

Os dias, meses foram passando e já havíamos recebido o diagnóstico. Meu pai estava com um tumor no esôfago. Diziam: é um tumor benigno. Até hoje não sei se por inocência, falta de informação ou talvez uma tentativa de sabotar o sofrimento, não estava nada preocupada com aquela situação. O tratamento tinha começado, as viagens eram cansativas é verdade, tanto para ele quanto para mãe, mas ainda assim era como se a vida não tivesse sofrido alteração. Exceto por aquele sonho estranho que continuava ocorrendo. Não fazia sentido! Por que eu estaria sonhando com ela? Era minha escritora favorita, mas mesmo assim. E por que sempre com aquelas frases soltas que pareciam mais enigmas? E por que parecia tão real?

Estamos em véspera de ano novo, 2013 batendo na porta. No entanto o clima não era bom. É uma data de muita comida, bebida, alegria e ele não podia comer nada. E o mais interessante disso tudo é que o prazer que sentia era de ter tudo em casa sabe? Quando chegava uma visita a primeira coisa que ele fazia era mandar preparar o café. Como comeríamos felizes se a refeição dele se resumia a sopas e vitaminas bem ralas para conseguir passar em uma sonda? Como bebermos se nem água ele podia engolir? Mesmo assim ele se mantinha firme, sorridente e amoroso com todos e consigo mesmo. Nisso me recordo de uma vez que disseram que o *chakra* mais forte dele era o cardíaco. Um *chakra* de fato maravilhoso, mas confesso que a parte que mais me interessava era a que fala da cura.

O dia mais perturbador aconteceu quando uma prima me disse: “Não existe isso de tumor benigno”. Se ela estava certa não sei, mas aquela frase fez mais estrago que tsunami no meu frágil coração que ainda não experimentara a perda de tão perto. Para piorar, na mesma semana ela apareceu mais uma vez.

— Nossa vida é como um livro. Por mais que alguns capítulos sejam bons, eles acabam. Ficar tentando criar histórias para personagens que já cumpriu sua função é desnecessário.

Mais uma vez a cena se repetia. Lá estava ela, sentada em frente minha estante, com um dos seus/meus livros nas mãos. Aquele seria um encontro magnífico em outras circunstâncias. Mas assim? Não, assim estava errado. Muito errado! Ou será que eu é que estava ficando louca? Pela primeira vez, antes que

aquela figura desaparecesse, criei coragem de romper as barreiras da realidade. Com a voz trêmula, gaguejei um contato:

— Você... me houve?

— Claro que te ouço. Tá pensando que sou um fantasma surdo? Esses são raros.

Se era de fato ela, é uma resposta que jamais vou ter, mas se for um impostor, realmente cumpre bem o papel.

— Você deve se perguntar o porquê dessas visitas, não é? Já vou logo dizendo que não estou aqui para te responder nada. Detesto entrevistas. Vamos falar de você. Por que você não sai um pouco? Não tem ninguém em casa. De que adianta fechar todas as portas e janelas se seus pensamentos têm livre acesso, entram e sai da sua mente quando e como bem querem?

— Não estou entendendo? Que loucura é essa... eu fiquei louca?

— Ah! A loucura, dádiva de poucos. Não se encante muito com os dias coloridos. Quase sempre há arco-íris depois de uma boa chuva, mas isso não é garantia que nunca mais verá tempestades.

Eu até ia tentar prolongar a conversa, mesmo estando com muito medo, mas ela se foi na velocidade que pisquei.

Devido ao agravamento do tumor, meu pai precisou além da quimioterapia, da radioterapia, tratamento que não tinha onde morávamos. Então ficavam meses em outra cidade. Da última vez que foram ele voltou aparentemente bem e havia terminado essa etapa. Como dizia ela, “foram dias coloridos”. Mas parece que ela estava certa no restante da frase também. Ervas daninhas invadem plantações e acabam com elas. Nesse caso, meu pai era as plantas. Estrago interno e externo. Seu olhar se tornou tão profundo que se focássemos muito tempo nele nos perderíamos naimensidão de incertezas que era transparecida.

Em nosso último diálogo marcante ele disse: “...é Ana, seu pai velho está ruim”. Parece uma frase boba, mas significou muito. Após isso ele foi internado e suas poucas forças se esvaíram em alguns dias. Por mais que esperávamos essa notícia, até então aquela história dos *chakras* ainda trazia resquícios de esperança. Mas depois percebi que ele estava certo sim, mas não da maneira que eu queria. Meu pai soube amar e foi muito amado durante seu percurso aqui. Também teve uma saúde invejável durante sua vida toda praticamente, acho que posso dizer que seu *chakra* cardíaco estava alinhado.

Sentada na sala, estava pensando em como aqueles encontros com ela pareciam fazer tanto sentido agora, além disso estava refletindo sobre aquela cor verde depois do primeiro encontro, descobri que é a cor do *chakra* cardíaco. Mas minha vida estava toda desestruturada, tive que assumir responsabilidades, tomar decisões, mudar a rota. A única certeza era de não saber nem como seria o presente. Senti vontade de velá-la novamente. Foram tantos encontros que perdi a conta. Resolvi chamá-la.

— Clarice? Não sei se pode me ouvir, mas queria muito conversar contigo. Suas frases estavam certas. E elas não eram enigmas, eu só insistia em olhá-las com julgamentos já construídos. Você está por aí?

Já desistindo desse contato irreal, afinal eu era um pouco cética, me levantei e ia em direção a outro cômodo, mas ela apareceu no mesmo instante.

— Você é apressada né?

— É que isso tudo ainda parece sem lógica alguma. Eu conversando com uma...

— Morta? Pode dizer!

— É. E essas coincidências. O que você fala parece ter relação com o que acontece. Por que ele morreu? Desejou tanto algumas coisas e nem pôde aproveitar. Não é injusto? E com tanto sofrimento. E por que eu não conseguir chorar? Não conseguir sofrer? Parece que nem era meu pai. Mas eu o amava mais que qualquer pessoa nesse mundo, não havia mágoas, nada, nada mesmo. Mas ainda assim parece que não tinha sentimento ali, que estava tudo bem ele está indo para sempre.

— E por que você acha que o amor é equivalente a sofrer com a partida? Acho essa convicção padronizada demais. Sabe Ana? ficar lembrando as coisas, tentando refazer o percurso não muda nada, só te faz não cicatrizar as feridas e ainda as machucar mais toda vez que uma casquinha começa a se formar.

— Mas o que eu faço? Não é simples assim.

— Eu sei. Não disse que era. A vida é apenas um momento passageiro e por isso devemos aproveitar. Como? Bom, não sei, mas arrisco dizer que se a vida se resume em um momento, temos muitas vidas, já que vivemos muitos momentos. Ou talvez a vida seja uma grande sequência de momentos, faz mais sentido afinal. Alguns são inesquecíveis, outros parecem tenebrosos. Será que de fato só tem um lado ruim nesses tenebrosos? É outra resposta que não tenho, porém, novamente arrisco dizer que sinto que há um lado bom. Então encerre

esse capítulo, guarde esse momento-vida como um livro bom que você leu e já sabe de todos os detalhes, então por melhor que ele seja, não tem por que reler. Mas ele sempre estará ali na sua estante como seu livro preferido.

— E o que faço com a saudade?

— Liberte-a. Escreva. Se porte de toda força que puder. O futuro lhe exigirá muito. Haverá tempestades longuíssimas, ah...! mas não se cobre muito e lembre-se que vai passar. Lembre principalmente que é possível aprender coisas grandiosas nesses momentos. Outra coisa, saia mais, aproveite essa liberdade que você tem agora. Respire todo ar que puder sem medo, porque no futuro isso vai fazer falta.

— Eu vou ter problemas respiratórios?

Clarice não segurou a risada nesse momento e acabei me contagiando e sorrindo também, depois de dias.

— Que mente fértil vocês têm. É muito mais que isso, garota, mas no momento lhe cabe apenas ouvir o conselho e aproveitar os capítulos que lhe restam. Agora vou de vez, mas antes, fique tranquila, o Ensino Médio vai ser melancólico, mas a Universidade lhe trará alegrias jamais sonhadas.

— Universidade? Eu vou conseguir fazer um...

Ela já tinha ido, sempre assim, esse vento rápido em dias quentes, passa forte demais e a gente reclama, mas depois agradece porque refresca.

## UMA TERÇA-FEIRA CHUVOSA

Gabriel Pereira Silva<sup>1</sup>

Em uma manhã de uma terça-feira qualquer em um cenário pós-pandêmico, Fabrício levantou e foi direto tomar banho e em seguida o café, como era de costume. Logo foi para o quarto para se arrumar já que aquele seria mais um dia de UEFS. A manhã estava bastante chuvosa, com pancadas de chuva e trovão, como ele não tinha nenhuma capa de chuva pediu um guarda-chuva a sua mãe. Saindo pelo portão abriu o guarda-chuva e foi direto para o ponto de ônibus. Após a espera de 15 minutos seu transporte chegou pagou sua passagem e nem se sentou pois logo em seguida já desceria porque em breve chegaria no terminal de ônibus. Como aquele trajeto era rotineiro ele sabia os horários dos ônibus então se posicionou estrategicamente para ser um dos primeiros a entrar no UEFS-DIRETA, e como era de praxe ele ligou seus fones de ouvido sentou do lado oposto ao Sol e foi dormir. Ele teria pelo menos mais 40 minutos de sono que seria o tempo até chegar em seu destino.

Ao chegar próximo ao Feira VI ele simplesmente despertou, como se soubesse que estava na hora de acordar para descer. Fabrício teve uns sonhos estranhos e a chuva intensa já não existira mais, acordou com uma sensação estranha, as coisas estavam um pouco diferentes como o clima, as cores e as roupas, mas mesmo achando estranho ele seguiu o caminho e desceu no módulo 4 indo direto para o seu laboratório já que pela manhã não teria aulas ele iria dar continuidade à sua pesquisa. O LABOFIS estava diferente e com rostos que ele não reconhecia, porém ainda estava meio sonolento foi direto para a sua sala trabalhar. Chegando lá encontrou um homem mexendo em tudo, Fabrício achou super estranho e falou:

— Bom dia, quem é você? Apenas eu e meu orientador temos permissão de entrar nessa sala.

O homem estranho olhou para ele nos olhos e sorriu falando

— Bom dia, dormiu bem? Hahaha!!! você tem razão apenas você e seu orientador tem permissão para entrar nessa sala, porém eu sou super conhecido deles e tive permissão para entrar também.

Fabrício não havia percebido o homem falar “deles”, mas como ele disse que tinha permissão resolveu puxar assunto com o rapaz.

---

<sup>1</sup> Estudante de Bacharelado em Física da UEFS.

### *A Roda da Vida*

— Humm... entendi, me desculpe então. Eu me assustei ao ver alguém que eu não conheço mexendo nas coisas. Hoje a manhã tem sido bem estranha. Por sinal me chamo Fabrício, sou o único que faz parte desse laboratório junto com meu orientador. E você como se chama?

O homem respondeu:

— Não por isso, não precisa se desculpar. Estranha? Uma manhã tão linda dessa, para mim ela vem sendo bem normal. E esse guarda-chuva aí? A julgar pelo dia acho muito difícil chover hoje viu. Me chamo Fabrício também você é meu xará. – E sorriu.

Fabrício estava meio confuso com o que aquele homem falou e indagou:

— Como assim não vai chover? Quando eu saí de casa estava um toró sem precedentes quase que não saio de casa, estava praticamente ilhado.

— Hahahah!!!! que exagero o seu, hein? bom quando eu saí de casa já estava bem ensolarado e o céu super azul. – Falou o homem.

Fabrício franziu a testa, mas não comentou nada, então o estranho falou:

— Mas me diga o que você tem achado dessa área de pesquisa?

— Eu tenho gostado bastante! Foi uma área que me surpreendeu bastante, jamais havia imaginado esses tipos de coisas. Apesar de achar algumas coisas bastante complicadas, tenho curtido o que estou fazendo.

O estranho disse em seguida:

— Realmente é bastante difícil, eu mesmo tive bastante dificuldades na minha graduação quando estava aprendendo.

Fabrício interrompe perguntando:

— Você trabalha com semicondutores também? Aaaah, agora entendi porque você parecia entender no que estava mexendo...! é porque você realmente manja! Hahaha! E você é formado aonde?

O homem disse – Está vendo? Uma hora a gente acaba pegando o jeito. Eu sou formado aqui na UEFS mesmo e hoje sou professor. Me lembro que a graduação foi bastante turbulenta imagino que a sua também deve estar sendo.

— Nossa... com certeza, viu? muitooo turbulenta, muita coisa acontecendo e tantas coisas dificultando...

O rapaz o interrompe — E se eu lhe perguntasse sobre as disciplinas? Imagino que as físicas-matemáticas foram o seu xodó, estou certo?

— Oi? Como você adivinhou? Foram mesmo... me divertia bastante ao ficar horas tentando entender uma frase de algum livro, achava super compensador quando finalmente entendia e resolvia algum problema. Mas você falou que foi muito turbulenta a sua graduação em qual sentido? Fiquei curioso.

O homem disse — Olha... houve muitos momentos complicados que aconteceram, mas eu sempre dava um jeito de resolver...

Fabrizio interrompe: — Pois é, toda hora temos que lidar com várias coisas diferentes que dificultam bastante a nossa vida acadêmica e pessoal.

— Exatamente, mas apesar de tudo era possível lidar, já que qualquer dor de cabeça era facilmente resolvido em seu Dino com uma cerveja e umas rodadas de...

Fabrizio interrompe completando enquanto grita: — SINUCA!! Nossa que saudade de uma sinuquinha com o pessoal, eram bons momentos!!!! Então venho lidando com a maioria das situações do mesmo jeito que você lidou.

O homem riu: — Hahah, pelo visto sim!!!! sou obrigado admitir que é uma boa forma de escape quando as coisas apertam, depois dessa relaxada parece que os problemas são mais fáceis e geralmente realmente são... A gente que fica fazendo tempestade em copo d'água...

Fabrizio completa falando: — Isso mesmo, é o que ganhamos por procurar chifre em cabeça de cavalo, uma bela dor de cabeça!

O homem riu e continuou sua explicação sobre as turbulências: — Exatamente, mas as coisas realmente desandaram quando veio a pandemia.

Rapidamente Fabrizio interrompe o homem: — Como assim “pandemia”??? Você já é doutor é impossível você ter passado pela pandemia na graduação! quem sofreu com isso foi eu e não você.

O estranho com um olhar sério virou para Fabrizio afirmando: — Não, meu xará, eu passei por exatamente isso que você passou também...

Mais uma vez Fabrizio corta o homem, mas dessa vez falando em um tom mais sério: — Sinceramente? Não estou achando engraçada essa sua brincadeira... Aaah, acho que entendi você estava fazendo uma outra graduação aí veio a pandemia, correto?

Respondeu o estranho: — Não, você está errado. Na minha graduação em bacharelado em Física eu tive que passar pela...

Mais uma vez Fabrizio o interrompe: — Ma...

O estranho o corta e disse — ...me permita continuar!

Fabrécio curioso e um tanto apreensivo se desculpa e pede para que ele continue.

O estranho agradece e diz: — Então... eu tive muitos problemas durante a graduação por conta da COVID-19... ficar trancado em casa respeitando minuciosamente a pandemia afetou os meus gostos na graduação, o que era divertido antes se tornou massivo e muito cansativo, não que antes não fosse, mas o peso era muito maior.

Fabrécio comenta: — Você falou de uma forma que se a pandemia tivesse acabado há muito tempo, mas tem poucos meses que isso aconteceu.

O estranho completa: — É porque realmente faz muito tempo, 15 anos para ser exato. Você não percebeu, mas está tudo diferente. Assim que entrou naquela sala eu tive uma sensação estranha e muito confortável quando te vi, foi como se eu estivesse me vendo 15 anos mais novo. Ai então você afirmou que era o único aluno desse laboratório e era o único que trabalhava aqui, foi então que eu entendi que não era como se eu “estivesse” me vendo mais novo eu realmente estava me vendo mais novo.

Fabrécio assustado não sabe o que falar, então continua apenas ouvindo

Continuou: — Você devia estar bem sonolento, hein? Porque assim... está TUDO completamente diferente e você não se deu conta. Não vou entrar nos méritos das teorias de viagem do tempo, até porque são apenas teorias e isso seria assunto bastante longo, e sabe lá quanto tempo temos, não é mesmo? O que acha de sairmos para tomarmos uma cerveja e jogarmos uma sinuca? Não se preocupe é por minha conta.

Fabrécio ainda cheio de dúvidas de alguma forma não conseguia desconfiar daquele rapaz e então disse: — V-vamos lá então, meu eu do futuro. Mas me deixa pegar esse papel e essa caneta porque eu preciso saber quais são as melhores escolhas para fazer. Aah, e vou pegar os números da mega também, me lembre disso!

Fabrécio do futuro diz — Olha... essa deve ser uma boa viu, mas você tem certeza que quer chegar aonde eu cheguei? Porque assim... eu tenho o carro que sempre quis e uma casa confortável, mas será que fiz as melhores escolhas? Essa resposta eu não tenho, sei que abri mão de muitas coisas que sinto falta, mas a vida é isso... são escolhas e eu fiz as minhas. Então eu não quero que você “*cheat*” e tome os mesmos passos que eu, quero para você, ou melhor para mim, um futuro melhor ainda. Vamos?

Eles dois seguiram para o carro conversando, enquanto finalmente Fabrício havia se dado conta que tudo estava diferente, só passava pela cabeça dele: “Como eu não percebi antes??” Foram então para um bar com uma música bem calminha e sinuca, um lugar muito arrumado e bonito.

Após arranjarem uma mesa Fabrício mais novo resolveu perguntar: — Quando você disse sobre “abrir mãos de coisas”, o que seria?

Fabrício mais velho então respondeu: — Não seriam necessariamente coisas físicas, mas também, são escolhas que tive que fazer para chegar aonde cheguei, mas eu lhe garanto crescer é isso, estamos expostos a escolhas todo o tempo. E aí, o que achou do carro?

Fabrício mais novo diz um pouco frustrado: — Hum... eu não imaginei que eu seria tão emblemático. Carrão viu? Estou muito empolgado para dirigir ele quando eu tiver o meu. Maaas espera aí, se você sou eu, então, isso significa que o carro é meu, então, eu po...

Fabrício mais velho interrompe: — Nada disso espertinho!!!! vá tirando seu cavalinho da chuva, nem dirigir você sabe ainda. O melhor a se fazer é ser emblemático sobre as minhas escolhas, eu não posso e não quero interferir no que você pode fazer.

O mais novo completa: — Droga, esqueci que tudo que eu posso pensar você vai ter uma resposta na ponta da língua afinal de contas você mesmo pensaria. Se não quer falar das suas escolhas me fale das suas conquistas.

O mais velho da risada e diz: — Exatamente. Então...! viajei para todos os lugares que você pode imaginar, hoje falo inglês, espanhol, francês e estou aprendendo o alemão.

O mais novo impressionado diz: — Nossa... eu realmente sou barril, me conte mais.

E assim ele faz.

— Conheci muitos países novos e também muitas comidas diferentes e também bem gostosas. Aaah, você é tio viu? Fui visitar nossa irmã antes que você possa imaginar foi uma sensação muito boa, a saudade era grande demais, por sinal ela está super bem com a nova vida.

O mais novo um pouco choroso diz: — Ai que saudade dela! fico feliz em saber que ela está bem e poderei vê-la o quanto antes. E os nossos amigos, a amizade perdurou ou foi acabando com o tempo?

### *A Roda da Vida*

O mais velho meio entristecido diz: — Como dizia a nossa mãe “vão se os anéis e ficam-se os dedos”. Alguns foram embora e perdemos contato outros continua firme e forte e outros ... bom é isso.

O mais novo percebeu que ele não queria continuar aquele assunto então mudou a conversa rapidamente: — Parando pra pensar aqui que loucura hein? Do nada estou 15 anos no futuro, tomando uma cerveja cara em um lugar chique jogando uma sinuca comigo mesmo.

O mais velho então disse: — Nunca que poderia imaginar uma situação dessas... vai completamente contra tudo que eu sei, mas acredito que nem tudo precisa ser explicado. Me permita perguntar você está satisfeito com o seu de 15 anos?

Fabrcício então responde: — Não sei ao certo... se for pela conquista financeira eu diria que sim, mas não vi você comentar nada sobre nossa mãe e eu acho que não quero saber. Sobre as conquistas acadêmicas estou sim, mas não sei se quero viver no laboratório como vi que você estava, já que estava muito cedo eu presumi que você virou a noite nele e depois de conversar um pouco acho que estou certo.

O mais velho complementa: — Pois é a vida de pesquisador é dura, mas sim, conquistei tudo que quis. Aceite uma dica de você para você mesmo e eu sei que você sabe disso, mas se esforce mais.

Fabrcício perguntou: — Qual seria?

A resposta veio, mas estava muita zoada no ambiente, muita gente conversando e um barulho alto de chuva e trovão. Tirou os fones para tentar entender melhor o que estava acontecendo. Ao clarear a visão Fabrcício percebeu que estava no ônibus e tinha acabado de passar pelo Feira VI. Foi como o sexto sentido dele tivesse dito: “...tamo chegando, acorda aê!”

E assim ele seguiu o seu caminho, foi correndo para o laboratório na esperança de encontrar o seu eu do futuro lá, mas a sala estava vazia. Lá então, ele percebeu, que naquela sala tinha apenas uma pessoa com infinitas possibilidades e escolhas para fazer. O sonho que ele teve ao ir para UEFS despreendeu e diminuiu a tensão de alguém que está prestes a formar e clareou em sua mente que apesar da pandemia deixar sequelas tudo aquilo vai cicatrizar e passar.

## JOELHO RALADO

Marcel Oliveira de Melo<sup>1</sup>

— “A orientação da OMS é que todos mantenham-se em suas casas para evitar a propagação do vírus...”

Mudo o canal.

— “Os casos confirmados de COVID-19 no Brasil e no mundo estão aumentando cada vez mais e com a superlotação dos hospitais, o número de mortes...”

Próximo.

— “... é só uma gripezinha...”

Desligo a TV. Todos os canais dão as mesmas notícias. Uma pandemia nos atingiu e fez com que o futuro, que já era incerto, ficasse ainda mais. Quando acordar, não terei aula na universidade. Ninguém de casa vai sair para trabalhar ou fazer qualquer outra coisa. Todos os estabelecimentos estão fechados. Todas as pessoas distantes. Todos com medo.

Um lado meu insiste que “tudo vai passar” e que em algum momento ficaremos bem, desde que agora nos recolhamos e nos cuidemos. Talvez esse pensamento seja mais insensível do que otimista. Pois bem, reconhecendo o privilégio de poder ficar em casa, coloco uma cadeira no quintal num fim de tarde e fico a observar o pouco que ainda dá para ver do céu, vendo que alguns poucos pássaros voam por ali e enquanto penso na incerteza do futuro, procuro um abrigo no passado, que nem sempre parecera um amigo, mas que nesse momento, eu talvez consiga lidar melhor do que com o presente.

Observando os pássaros, lembro-me de quando era criança e passava horas na calçada vendo-os voar. Mergulho nessa lembrança e me vejo de frente à minha casa como ela era nessa época. A ladeira ainda não era asfaltada, o portão fino com uma grade vermelha... e de repente sou atropelado por uma criança que andava de bicicleta pela calçada. Caímos. Penso em me levantar rapidamente para apoiá-la e noto um machucado no meu joelho que dói de forma absurda. Enquanto me levanto, a criança sai de baixo da bicicleta e vem até mim.

— Desculpa, moço! O senhor tá bem?

— Eu tô bem – tiro a poeira da roupa – cuidado com essa curva, eu sempre caía por aq...

---

<sup>1</sup> Estudante de Física da UEFS.

*A Roda da Vida*

Quando olho a criança, fico sem reação por um instante. Aquele garoto se parece comigo aos meus 7 ou 8 anos de idade. Mas como...? Tento não demonstrar o susto e tranquilizá-lo.

— E você? Se machucou? – pergunto.

— Eu ralei um pouco o joelho, mas nem dói – ele sorri – desculpa, é que eu tô aprendendo a andar de bicicleta e ainda não sei fazer curva direito.

— Tudo bem. Qual o seu nome? – pergunto para tentar tirar a pulga de trás da orelha.

— Marcel, mas meus amigos me chamam de Cel. E o seu?

Eu fico em silêncio por um instante. Aquele sou eu... meu lado cientista ao mesmo tempo que custa a acreditar, busca ser cauteloso tentando minimizar os efeitos dos paradoxos que aquele momento poderia envolver.

— Moço? – ele insiste.

— Ah, também me chamo Marcel – por algum motivo não consegui mentir meu nome – somos xarás!

— Ah, que legal! Tem um vizinho que mora ali que é xará da gente também! – ele ri e se distrai com um bando que voa no céu acima de nós – Olha o tanto!

Eu admiro o voo dos pássaros e percebo que havia tempo desde que vi um bando tão grande voando por ali.

— Noossa! – eu exagero de propósito na reação – São muitos!

— Sim! Nessa hora tem um monte! – ele se empolga e senta na calçada – Vai vir mais, quer ver?

— Claro!

Eu me sento ao lado dele e ficamos ali olhando o céu. Num momento, lembro dos paradoxos, a incerteza do futuro e me pergunto o que pode dar errado se eu...

— Cel, você sabia que eu viajei no tempo e vim do futuro? – falei antes que a razão me tomasse.

O garoto me olha com os olhos arregalados e pergunta, empolgado:

— Sério? Como é lá?

Ele nem duvidou da informação. Admito que não era a reação que esperava, mas onde eu estava com a cabeça quando esperei algo diferente? Aquele

sou eu, mas... criança. A minha mania de desconfiar de tudo ainda não existia ali. E aquela empolgação... há tempos não sentia aqui.

— É um lugar bom, mas tá acontecendo uma coisa ruim. Tem gente que tá ficando muito doente.

— Oh... e eles não tomam remédio?

— Ainda não tem remédio, aí todo mundo tem que ficar em casa pra não pegar essa doença. Ficar tanto tempo em casa faz a gente se sentir sozinho... dá até um medo. Mas logo logo vai ter vacina e vai ficar todo mundo bem – falei isso mais para mim mesmo do que para o garoto.

— Tomara! – ele volta a olhar o céu quando mais pássaros aparecem e aponta – Ó...

Eu contemplo novamente o voo dos pássaros e, me ajeitando na calçada, faço a menção de dobrar uma perna e sinto a dor do joelho ralado. Não lembrava que doía tanto. Mas o garoto com o joelho mais ferido que o meu parece nem sentir.

— Como tá o seu joelho? – pergunto.

— Hã? Ah! Tá doendo não. Vai arder quando mãe colocar Merthiolate.

— Deixa eu te falar uma coisa... no futuro, o Merthiolate não arde.

— Que bom! O daqui arde muito! Você já usou o daqui?

— Já... – percebo que ele se refere a “aqui” como um outro lugar, não outro tempo. Não esperava que fizesse uma distinção, na verdade, gostei do jeito que ele buscou entender – e já usei muito... Arde demais!

Ele ri. Me olha e fala:

— Quando você vier do futuro de novo, traz o Merthiolate que não arde pra mim?

Eu começo a rir. A única preocupação dele com o presente ou futuro é o Merthiolate que arde. Que paz...!

— Trago sim! Você vai ver a diferença...

Notando a falta de preocupação dele, deixo de lado toda a minha preocupação com os efeitos daquele paradoxo e falo sem hesitar.

— Cel... – me chamar pelo apelido me soou estranho – você acha a gente parecido?

*A Roda da Vida*

Ele me encara por um momento.

— Sim, a gente é bem parecido! Até o nome é igual! – ri.

Eu retribuo o riso.

— E se eu falar que eu sou você no futuro?

Ele para de rir e me encara fixamente, cerrando os olhos. Depois de um breve silêncio ele solta.

— Quase me enganou! Você não sou eu, nada! – ele ri alto, como um detetive se vangloriando de ter resolvido um mistério.

— Por que você acha que não? – pergunto, intrigado.

— Eu não tenho medo de ficar sozinho! Você falou que fica com medo lá no futuro.

Fico paralisado por um instante. Realmente, aquela criança não se reconheceria na minha versão atual. Isso me faz pensar, no quanto eu deixei de ser eu ao longo desses anos até que acontecesse a pandemia. Não por uma questão de arrependimento ou desejo de que coisas acontecessem de forma diferente. Só um questionamento: durante todo esse tempo, onde estava essa criança com quem eu converso agora? Sem resposta para essa pergunta, me ponho no papel de aprendiz para tentar retomar esse meu lado inocente, despreocupado e corajoso. Mas antes que o mestre de 7 ou 8 anos de idade pudesse me ensinar mais, eu precisaria convencê-lo de minha identidade para abordar certos assuntos.

— É... você tem um ponto... – ele ri e eu continuo – Mas se eu não sou você, como eu ia saber da coleguinha que você gosta lá da escola? A...

Ele fecha a cara quando toco no assunto.

— Quem te contou? – ele pergunta assustado, ignorando um enorme bando que voou sobre nós.

— Ninguém contou. Eu sei disso porque eu sou você!

Ele fica envergonhado e não fala mais nada. Desde tão cedo, o amor já era um assunto profundo pra mim. Foi um golpe baixo, eu sei.

— Eu sou você... – continuo – Viu?

— Tá! – ele aceita e responde cabisbaixo – Mas eu não quero falar dela... ela não gosta de mim...

— Tudo bem! Tudo bem! A gente não vai falar dela, mas deixa eu te falar outra coisa do futuro... você vai conhecer garotas que você vai gostar delas e

elas vão gostar de você também – tento tranquilizá-lo sobre o assunto – e você vai ver que isso é muito muito bom e que vale a pena continuar acreditando no amor.

Ele sorri e o vermelho do seu rosto começa a se dissipar enquanto a vergonha que sentia vai embora e um olhar curioso ocupa seu semblante.

— Você veio de quando no futuro?

Faço as contas.

— Daqui a uns vinte anos.

— Você namora? – ele pergunta empolgado e eu já prevejo uma sequência de perguntas.

— Não... Eu namorava até pouco tempo atrás...

— Aah... entendi. Você é arquiteto?

— Não... Eu tô perto de me formar na universidade. Em Física.

— Física? – ele fica confuso, afinal, nunca ouvir falar.

— É! Coisa de cientista. Você vai gostar... só não durante a pandemia. Aquilo que falei, que tem muita gente doente.

— Aah... – obviamente, ele fingiu entender para não prolongar o assunto.

Mais pássaros voam no céu e atraem nossa atenção. Depois de um breve e contemplativo silêncio, ele pergunta:

— No futuro a gente voa?

— Só de avião... – respondo decepcionado, pois o sonho de ter asas e voar como os pássaros no fim da tarde ainda se mantinha.

O assunto é interrompido por um ronco do estômago do garoto. Me levanto, com o joelho ainda doendo e pergunto:

— Você quer merendar? Posso comprar uns lanches ali na padaria.

— Que padaria?

Olho para o outro lado da rua e percebo que ainda não tem a padaria da esquina.

— Coisa do futuro... Vão abrir uma padaria ali – aponto – posso comprar um biscoito ali no mercadinho, se quiser.

*A Roda da Vida*

— Ah! – ele ri – Precisa não. Daqui a pouco eu vou entrar. Mãe fez bolo e suco de manga – ele se anima – vou só andar mais um pouco de bicicleta. Você sabe andar de bicicleta, né?

— Eu sei mas tem muito tempo que não ando. Mas dizem que quem aprende não esquece, né?

Levanto e pego a bicicleta pequena. O pensamento de que minha criança interior ainda vive e quer me (re)ensinar algo me dá um impulso de tentar andar naquela bicicleta infantil. O garoto ri enquanto dou umas pedaladas “barbeirando” pela rua de terra, tentando aguentar a dor insuportável do joelho ralado. Após algumas voltas, desço da bicicleta próximo a ele.

— É engraçado porque você é grande! – continua rindo – Você anda em bicicleta grande, né?

— Seria bem mais confortável se a bicicleta fosse maior.

Ele continua rindo.

— Sua vez! – digo, entregando a bicicleta – vou te ensinar a fazer curva pra você não atropelar mais ninguém – sorrio.

Ele ri e monta, empolgado.

— Bora! – ele se prepara – Eu sei que pra se equilibrar tem que ficar em movimento ou colocar o pé no chão...

— Isso! Aí pra fazer a curva, você tem que apertar o freio pra diminuir a velocidade – eu completo.

Ele vai. Pedala. Aperta o freio de vez. Cai. Levanta. Pedala. Não aperta o freio a tempo. Cai. Levanta. Pedala, pedala, pedala... aperta o freio suavemente... reduz a velocidade... redireciona o guidão e segue pedalando.

Ele desaparece ao dobrar a esquina e eu aguardo, pois, me conhecendo, seria uma volta no quarteirão. Eu observo aquele cenário até que o garoto aparece na outra esquina, veloz, ofegante, animado.

— Consegui! Consegui! – fala empolgado – Eu entendi como funciona, não caio mais!

Eu fico feliz por ele e não contendo o sorriso de orgulho de todo aprendizado e ensinamento.

Ele me abraça e parte pra outra volta no quarteirão. Antes que ele reapareça chegando pela outra esquina, uma voz vem de dentro da casa e aquece todo meu corpo.

— Cel! Vem merendar, filho!

Não dá pra não reconhecer a voz materna.

Olho novamente para o céu quando um outro bando passa sobre mim. Agradeço por poder contemplar tão belo voo e sou atingido pelo pensamento de que viver é como andar de bicicleta.

Para seguir em frente é preciso manter o equilíbrio e quando uma mudança de direção é necessária, precisamos ir mais devagar... e o mais óbvio que me parece ser muito importante destacar, é que nos momentos em que é necessário parar, a queda é evitada mantendo os pés no chão.

Minha reflexão é interrompida por uma voz que vem de dentro de casa. Estou novamente no quintal. No “futuro”. Na pandemia.

— Cel! Se você quiser merendar, eu fiz bolo e tem suco de manga.

Sorrio e vou até a cozinha, onde meus pais conversam enquanto comem bolo com suco. Junto-me a eles e percebo que essa pode ter sido uma das maiores lições que aprendi na pandemia até então:

“Amar também é como andar de bicicleta... mesmo que passemos um tempo sem praticar, uma vez que a gente aprende, a gente nunca esquece como fazer”.

## DEPOIS DE UM CAFÉ

Matheus Oliveira de Melo<sup>1</sup>

Eu bebi café demais e agora só a insônia me faz companhia. Todos já foram dormir ou coisa do tipo. E eu sigo acordado, sentindo a paz de saber que todas as pessoas que gosto estão dormindo, seguras, em descanso, saudáveis... Também sinto arrependimento e culpa por ter bebido café tarde da noite e agora estar enérgico falando sozinho... Apesar de não sentir o cheiro do café, ainda sinto o gosto. Se eu tivesse que escolher entre o olfato ou o paladar, preferia ter perdido o paladar, assim eu sentiria o cheiro de petricor da terra molhada regando meu jardim de apartamento e depois eu beberia um terrível chá com alho, limão e sem açúcar! Mas que esse chá fosse revigorante e ajudasse a tirar essa sensação de areia dentro do peito.

Aliás... mas que bobagem! Tem muita gente no sufoco ao pé da letra, e eu querendo escolher quais sintomas eu vou ter... que disparate! Que bom que não tem ninguém aqui para ouvir isso.

Agora só me resta eu mesmo...

O meu pensamento pula de um tema para outro evitando que caia sobre mim mesmo, como uma pessoa tímida que foge do olhar da pessoa amada.

Até que por capricho ou descuido, direciono o pensamento a mim, eu me olho, e me vejo, e me reconheço e não gosto. Pareço estar diante de um espelho, um mímico, um reflexo igual e oposto. Fiquei tão confuso e o “Outro Eu” parecia estar também. Fui até ele sem saber se eu estava em busca de consolar ou ser consolado. Neste momento, não sei se estou acordado ou se já estou sonhando, mas me sinto desperto e lúcido, eu me sinto “não-dormindo”. Talvez eu tenha me perdido em algum grau de meditação ou de loucura.

Tem tanto tempo que não vejo ninguém, que saudade que estava de ver um rosto livre, sem máscara! Mesmo que seja uma alucinação, vale a pena curtir o delírio.

Sinto os lábios quentes, devo estar com hálito de café, é uma pena que eu não possa sentir o cheiro para poder confirmar. Mas talvez essa quentura seja da febre, vai saber... até hesitei em puxar papo, mas eu me conheço, e sei que fico tagarela quando bebo café.

Nós começamos uma conversa e então tudo virou verbo.

Eu: — Boa noite.

---

<sup>1</sup> Estudante de Biologia da UEFS.

Outro eu: — Ótima noite.

Eu: — O que faz acordado essa hora?

Outro Eu: — A noite está linda demais pra dormir.

Eu: — Mas o que há de tão bonito nesta noite?

Outro Eu: — O céu escuro e sem luar ressaltou o brilho das estrelas.

Eu: — Mas mesmo sob um céu limpo e bonito acontece tanta desgraça... Como pode uma noite de insônia ser linda assim?

Outro Eu: — O céu estaria bonito hoje mesmo que você não estivesse aqui para apreciá-lo. Igualmente as desgraças vão acontecer independente do céu está bonito ou feio.

Eu: — Oxente, e isso lá é resposta?

Outro Eu: — Oxente, e isso lá é pergunta? O que eu quis dizer é que as coisas acontecem juntas, mas de forma independente. Você pode apreciar as coisas simples e boas e se conectar a essa boa energia mesmo sabendo que existe um polo oposto e ruim dessa mesma energia.

Eu: — Ah, entendi! mas eu prefiro estar mais perto das energias ruins, assim eu aprendo como lidar com elas.

Outro Eu: — E para que você quer aprender a lidar com elas?

Eu: — Uma pessoa não fica forte sem usar a força.

Outro Eu: — Vixe, e isso lá é resposta?

Eu: — Vixe, e isso lá é pergunta? Temos que estar prontos para a guerra se quisermos sair vitoriosos. Se eu ficar negando as desgraças que estamos vivendo, ela ficará livre para crescer. É preciso reconhecer, aceitar e bater de frente em busca de melhorias.

Outro Eu: — Deveras, mas eu nunca neguei as desgraças. Mas agora, debaixo desse céu estrelado, o que você pode fazer contra as desgraças?

Eu: — Agora não posso nem dormir... quiçá combater alguma coisa.

Outro Eu: — Mas você pode contemplar as estrelas comigo.

Eu: — Deveras, poderia, mas ainda assim, não consigo parar de pensar nesse maldito vírus que não entra em extinção.

*A Roda da Vida*

Outro Eu: — Tudo bem se não estiver pronto para contemplar agora. Provavelmente as estrelas estarão aqui amanhã de novo, e mesmo se elas não estiverem, haverá outra coisa que possamos contemplar.

Eu: — No meio de uma Pandemia eu estou com insônia, e no meio de uma insônia você me vem com essa conversa de contemplação. Como é que eu vou contemplar a natureza com 630.000 mortes por Sars Cov 2 só no meu país?

Outro Eu: — Infelizmente, agora já são 630.001. As estatísticas não param de crescer.

Eu: — Não são só estatísticas. É mais fácil resumir as mortes em estatísticas e não pensar em cada pessoa como indivíduo que tem família, amigos, direito de amar e viver... Ou que ao menos tinham isso ...

Outro Eu: — A TV gosta mais dessas aí mesmo, pessoas com direito de amar e ser feliz, esse tipo comove muito mais quando deixa esse plano físico. Pouco se fala naqueles que, em verdade, só tinha a própria carne e os ossos.

Eu: — Todas as vidas importam. As 630.002 vidas têm igual importância.

Outro Eu: — Todas as vidas importam, mas as 630.003 mortes importam ainda mais na tela da TV.

Eu: — Talvez os 630.004 mortos sejam mais importantes que os vivos para a TV, mas eu não sou uma TV. Eu faço parte de uma massa que está entre a desinformação e a esperança, terceira onda de infecção e a terceira dose da vacina, mas ainda assim, sou diferente do Todo.

Outro Eu: — Oxi, como é que é, rapaz? Não entendi nada.

Eu: — Vou falar na sua língua então. Por acaso, uma estrela é igual a sua constelação?

Outro Eu: — Não é. É apenas uma parte dela.

Eu: — Ah pois, eu sou como uma estrela de outra constelação. A massa que eu estou inserido é semelhante a TV, mas ela não me representa.

Outro Eu: — Falando em constelação, o céu agora está nublado. Não vejo mais estrela nenhuma.

Eu: — O vento trouxe nuvens, mas as estrelas ainda estão lá.

Outro Eu: — Sim. Mas tudo bem, sem ver as estrelas, posso contemplar o vento passando agora. Aliás, tudo passa... Assim como o vento, por isso é bom aprender a amar o vento.

Eu: — Amar o vento que traz nuvens para frente das suas estrelas?

Outro Eu: — Sim, ele é o mesmo vento que trouxe nuvens para que um contemplador de nuvens pudesse apreciar elas.

Eu: — Oxi, como é que é, rapaz? Pra mim, tu não falou nada com nada aí.

Outro Eu: — Vou falar na tua língua então. A doença quando vem e passa, ela não deixa a imunidade?

Eu: — Na melhor das hipóteses, sim, ela deixa.

Outro Eu: — Ah pois, tudo tem seu lado bom.

Eu: — Onde há um lado bom em 630.005 mortes?

Outro Eu: — O lado bom é que não são 630.006.

Eu: — Na verdade, agora já devem ser 630.007.

Outro Eu: — Tá bom, vamos parar com essa contagem. O lado bom das 630.008 pegadas dessa peste, de certo, está nos vivos. Houve uma polarização muito forte nesse ano. Depois disso tudo, vai ser difícil achar alguém em cima do muro. As pessoas criaram caráter, seja ele bom ou mau. Quando a pandemia acabar nós vamos sair de casa e dar de cara com um novo mundo. Um mundo onde as pessoas não usam máscaras.

Eu: — Máscaras metafóricas?

Outro Eu: — Sim, máscaras metafóricas. Com muito tempo preso em casa, as pessoas precisavam respirar e então tiraram essas máscaras nas redes sociais.

Eu: — Pois eu assisti esse espetáculo. Um comentário cheio de ódio, outro comentário defendendo homofobia e reclamando de mimimi, um pouco de xenofobia aqui, um racismo ali e machismo em toda parte... Eu gostaria de “desver” muita coisa que vi nas redes sociais.

Outro Eu: — Durante muito tempo nós fomos os atores, a plateia e os jurados desse espetáculo, tudo ao mesmo tempo.

Eu: — Não entendi o que você falou, mas eu não quero amizade com esse povo tóxico.

Outro Eu: — Mas se você quebrar esse laço, por onde o amor vai chegar até essas pessoas?

*A Roda da Vida*

Eu: — O amor dá seu próprio jeito. Ele sempre acha um caminho. Não é minha obrigação.

Outro Eu: — Essas pessoas que fizeram o espetáculo ser horrível sempre estiveram por aí, mas agora você sabe quem são elas. Isso te ajuda a direcionar o conhecimento necessário para cada uma delas ser menos “tóxica”. E digo mais, se levar o amor fosse obrigação, não seria amor.

Eu: — Prefiro ser o elo da corrente que conecta o amor a uma pessoa que está angustiada por estar presa em casa. Não quero ser o elo que conecta o amor ao povo que fez aglomeração pra assistir live de cantor sertanejo, comprou cachaça pra ficar junto no *lockdown*... quero nem pensar.

Outro Eu: — Mas você mesmo me disse que todas as vidas têm a mesma importância. A pessoa que ficou de quarentena merece mais amor do que a que se aglomerou?

Eu: — Mas como você é chato! Tens razão. Ambas merecem o mesmo amor e eu concordo em ser um veículo para curar a angústia de uns e conscientizar outros.

Outro Eu: — As pessoas estão mais espiritualizadas, estão gratas por terem coisas que já tinham antes: Saúde, um emprego ou um teto para morar. As pessoas estão dispostas a serem esse veículo do bem. Talvez isso seja um lado bom das 630.009 mortes.

Eu: — Ver esse lado bom me deu um sono...

Outro eu: — Me desculpe se meu discurso te deixou entediado.

Eu: — Não, acho que me acalmou. O que preciso mesmo é de sono.

Outro eu: — Então vá contemplar o sono.

Eu: — Sim, irei, mas antes de ir, por que você continuou a contagem se você mesmo pediu para parar?

Outro eu: — Como eu disse antes, as coisas acontecem juntas de maneira independente. Parar de contar não parará a contagem.

Eu: — Mas você não precisa gastar sua energia com isso... o noticiário de amanhã não perde essa contagem. É melhor ocupar seu tempo contando estrelas ou nuvens.

Outro Eu: — Deveras, nós paramos a contagem em 630.010?

Eu: — Que importa? É melhor esquecer essa contagem e começar a contar quantas vezes você lavou as mãos hoje.

Outro eu: — Parece que nós estamos aprendendo a contemplar as coisas certas.

Eu: — Sendo assim, então irei contemplar o sono. Acho que é mais fácil dormir pensando no céu que pensando no noticiário de amanhã.

Outro Eu: — Quando o vento levar embora essas nuvens, espero não contar mais 630 mil estrelas no céu.

## PROSAS PANDÊMICAS: CAMINHOS DO AMOR

Ana Karolina Pinto Cruz Mascarenhas<sup>1</sup>

*“O amor é o fenômeno mais próximo da meditação: Os amantes abandonam suas máscaras. São uma alma dentro de dois corpos.”*

*(Osho)*

Esse meu texto tem como tema central a vivência da sexualidade de forma saudável, amorosa, natural, transcendental, como traz Osho em suas obras com visão oriental, tântrica da sexualidade. Na construção, fiz uma linha do tempo e problematização do tema tentando fazer um ensaio leve e de leitura prazerosa.

Em uma manhã primaveril, veio a este mundo uma bela menina com nome de flor, Jasmim. Teve uma infância adorável, pais amorosos e cuidadosos que deram tudo do bom e do melhor. Crescia alegremente pelos jardins floridos de sua casa e amorosamente pela vida, com as pessoas à sua volta e com as que passavam pelo seu caminho.

Teve uma infância e uma adolescência tranquilas. Convivia harmoniosamente com as pessoas à sua volta. Ao chegar em sua vida adulta, passou por certos percalços e atualmente, nesse momento pandêmico, tem passado por muitos momentos difíceis em todos os campos de sua vida. Mas, com leveza e sabedoria, busca superar as dificuldades da vida.

Uma certa vez, nesse cenário pandêmico, em uma clínica à uma consulta ginecológica, Jasmim foi levar seus exames para revisão médica após ter saído do lugar que tinha realizado os mesmos. Surpreendentemente, conseguiu uma vaga sem marcar, com consultório cheio de pacientes. Após aguardar sua vez de ser atendida, a médica ao olhar seus exames, diagnosticou que ela estava com um nódulo na tireoide, um nódulo na mama esquerda de um centímetro e um mioma de oito vírgula cinco centímetros na parte externa superior do útero, comprimindo seu endométrio e o ovário direito (o que causa forte dores em seu período menstrual e sangramento intenso nesse dias) ocasionando anemia verificada nos exames laboratoriais. A médica indicou cirurgia de mioma e consulta ao mastologista, mas temos um porém: essa jovem não tem uma descendência, um sonho muito almejado e com pretensão de ser alcançado e realizado por ela.

---

<sup>1</sup> Estudante de Licenciatura em Pedagogia da UEFS.

Em um sonho, *in locu* de uma belíssima paisagem para além dos horizontes da Terra, em um jardim muito florido, Jasmim teve diálogo com uma senhora de idade, com nome de Celeste Maria, uma ancestral sua, a respeito desses momentos difíceis da pandemia.

- Jasmim minha querida, nesse momento difícil pelo qual passa a humanidade, precisamos ter fé e olhar para trás, para tudo que passamos e superamos. Em relação à sua saúde, o que precisa ser feito é esperar o momento certo para gerar uma descendência com amor, em companhia adequada para você, que será seu futuro parceiro, um homem de bem, um amor recíproco. Você o conhece, agora é só esperar o tempo certo de se unirem para viverem um grande amor e celebrarem a vida. Até mais querida!

Jasmim agradeceu:

- Muito grata pela orientação minha querida, até logo, *hasta luego!*  
Um forte e carinhoso abraço!

E assim, depois dessa agradável conversa, a jovem calorosamente se despediu da simpática senhora com quem tinha dialogado. Acordou mais leve e com o coração mais tranquilo, cheio de amor e paz!

Em outro sonho, após um momento meditativo, entrou em contato com um amigo a quem ama muito, de nome Pedro. Ela lhe contou o ocorrido e eles começaram a conversar sobre esse período atual pandêmico, eles não se veem presencialmente há muito tempo e bateu uma saudade...! Ela sentiu um acolhimento vindo dele, um aconchego na alma, ficaram muitos felizes em se reencontrarem e se abraçaram afetuosamente.

Nesse momento afastados, tomaram consciência de que o que sentem pelo outro é mais do que amizade e decidiram vivenciar de forma mais intensa e mais próxima fisicamente esse amor, essa amizade, atração, desejo que sentem um pelo outro. Marcaram de se encontrarem em um lugar muito significativo para ambos, no qual se viram pela primeira vez nessa vida.

No plano físico, eles entraram em contato conscientemente e marcaram um encontro, os dois vacinados, para trocarem esse amor. Encontraram-se naquele lugar combinado no sonho, conversaram um pouco e se dirigiram para outro *locus* mais reservado, intimista, no qual vivenciaram de forma plena, agradável, amorosa e intensa esse sentimento e esse desejo mútuos.

Após quatro meses, Jasmim deu a notícia a Pedro que estava grávida pelo igual período de tempo. Ele ficou muito feliz, comemoraram o fruto de seu amor e decidiram ser companhia um para o outro nesse momento tão difícil da

humanidade e compartilhar uma vida juntos, vivenciando o amor e a sexualidade de forma plena, saudável e amorosa, enfrentando juntos os desafios da vida, sendo felizes e apoiando um ao outro, sendo um porto seguro, um oásis no deserto na vida de cada um.

Em uma certa feita, depois do café da noite, Pedro e Jasmim conversavam sobre a vida, sobre dores físicas e da alma e ele questionou para ela:

- Amor, você pensou o porquê desses sintomas que você tem? Em algum tratamento complementar com as PICS? Li em livros de Reich, discípulo de Freud, um deles “Psicologia das Massas”, que até inspirou Michel Foucault a escrever “Microfísica do poder”, “Vigiar e punir”, “História da Sexualidade” e “Sobre Sexualidade”, que a repressão causa dores crônicas, encorajamentos energéticos que não são detectados pela Medicina convencional, alopática, pois têm uma causa mais profunda, psicossomática, espiritual, voltando o olhar para uma concepção integral do ser, pois esses remédios alopáticos são importantes mas não resolvem tudo e podem até impedir de enxergar as verdadeiras causas das doenças, que inclusive podem ter origem em outras vidas, em uma concepção espiritual mais profunda.
- Também podem trazer cargas emocionais de sua ancestralidade, que podem ser resolvidas à nível da alma. Li também o livro “Constelação Familiar na Medicina”, de Dagmar Ramos, que trata sobre o tema e também em livros de Bert Hellinger, idealizador das Constelações Familiares, como “Simetria oculta do Amor”, “As Ordens do amor”, “As ordens da Ajuda”, “A Cura”, “No centro sentimos leveza”, “Histórias de Amor”, que também tratam sobre o tema de forma terapêutica.
- Outro remédio perfeito, natural, sem contraindicações, é o uso de florais. Vai fazer você se sentir ótima, não vai agredir seu corpo e vai melhorar a dor no estômago que você vem sentindo e qualquer outra dor crônica que você venha a sentir. O passe dispersivo também vai ser bom, pois cura a nível da alma, do espírito. Pense sobre o assunto.

Depois de ouvir atentamente, Jasmim disse:

- Muito grata amor, vou pensar com carinho.  
E se beijam calorosamente.

Depois dessa conversa que tiveram, Jasmim buscou estudar sobre esses diversos temas, pelos quais se interessou bastante e resolveu procurar fazer esses tratamentos alternativos e naturais dentro da medida do possível no contexto da pandemia.

Cinco meses após a notícia da gravidez, Jasmim deu à luz à gêmeas: Beatrice e Crystal e viveram felizes e com amor, dia após dia, cultivando o afeto e respeito entre si e por onde passassem...

Três meses depois, ficaram grávidos novamente, agora de trigêmeas: Aurora, Bella e Katniss. Após o tratamento que ela iniciou, todos os sintomas cessaram e ela buscou intensamente o autoconhecimento e a reforma íntima, o que foi de significativa importância para o relacionamento consigo mesma, com o marido, as filhas, as pessoas à sua volta e para o mundo também em que vivem.

Como dizia Manhatma Gandhi, “Seja a mudança que você quer no mundo”. Foi isso que ela fez e procurou ir fazendo na sua vida. Também realizou a cirurgia de mioma após o primeiro parto e o retirou. Acompanha o nódulo da mama, o cisto na tireoide e no joelho, fazendo visitas periódicas ao angiologista, ortopedista, cardiologista e à ginecologista, pois como teve trombose e têm casos de doenças cardíacas na família consanguínea, precisa de um acompanhamento mais intenso e detalhado.

Em um dia desses, florido e ensolarado, Jasmim estava dialogando com Pedro sobre Tantra, após ter lido o livro “Tantra e Plenitude” e alguns de Osho e disse:

- Meu sol, estava lendo um livro “Tantra: O caminho para a Plenitude” e alguns de Osho e achei muito interessante. Ele fala que a sexualidade é transcendental, é uma conexão espiritual, de alma com a outra pessoa. O Tantra é uma Filosofia de vida, é o caminho para o amor. Quando duas pessoas se conectam à nível íntimo fisicamente, com amor, não são mais duas e sim uma única à nível energético, um só coração vibrando amor. São Yin e Yang formando um círculo de energia amorosa e eletrofísica de profunda conexão com o divino. É um bem-estar físico, emocional, espiritual de grande satisfação e descarga e recarga emocional, amorosa. É uma troca de afetos, afinidades, simpatias, gostos mútuos.
- Você sabia disso amor ou tinha lido algo sobre?
- Eu também fiz um curso *online* de massagem tântrica? Quer experimentar minha massagem?

Pedro respondeu:

### A Roda da Vida

- Não sabia minha querida ou pelos menos não tinha consciência disso e não me lembro de ter lido nada à respeito.
- Quero sim experimentar sua massagem, com maior prazer. Vai ser uma honra para mim!

E se entregaram ao amor e ao desejo que sentiam um pelo outro de forma intensa e profunda. Uma pura conexão divina e amorosa, pois Tantra é entrega, é o caminho do amor sublime e profundo.

Nove meses depois...

Jasmim deu à luz a Nina e à Fernando, fruto do amor deles e do elo de ligação amorosa entre os dois. Muito lindo e profundo!

Nessa pandemia teve também muito trabalho no campo profissional. Como professora de crianças, usou de muita criatividade para inventar muitas atividades, sequências didáticas e planos de aula criativos e interativos, além de orientações *online* para os estudos de seus educandos e educandas, incluindo as tarefas domésticas, as aulas da universidade, cuidar do *baby* e das *babes*, de si mesma e da relação com o marido lindo e dessa bela família que formou com o parceiro e amigo que tanto ama e é feliz ao lado dele. Além também de escrever um livro infanto-juvenil, do gênero fantasia, com nome “Alvorecer Encantado”. Em breve escreverá o volume 2. Tudo que é feito com amor, de coração, rende belos frutos, faz bem à alma e traz felicidade e realização pessoal e profissional.

Com a volta das aulas presenciais, no período pós-pandêmico, realizou um projeto “Sarau de Poesias”, que foi um grande sucesso e encantou todas as pessoas que participaram e se envolveram nele.

Tempos depois...

Jasmin estava conversando com Pedro sobre uma citação de Osho que viu em uma aula da universidade, do Componente Curricular Sexualidade e Educação.

Jasmim disse:

- Osho também nos fala para naturalizarmos a sexualidade como as mãos que vemos. Isso pode ser aplicado nas escolas e em qualquer meio educacional para refletirmos sobre a temática e conscientizarmos as crianças, jovens e adultos sobre a importância de se respeitar a diversidade e toda forma de expressão da sexualidade saudável e amorosa, combatendo o preconceito e a intolerância para com quem se expressa sexualmente de uma forma diferente da nossa. Também li o livro “Educação e Emancipação”,

de Adorno, filósofo e sociólogo alemão, um dos fundadores da escola de Frankfurt, que aborda sobre a não repetição da barbárie e também da importância do respeito à diversidade.

Pedro respondeu:

— Sim, com certeza! Reflexão e conscientização muito importantes!

— Meu amor, hoje eu falei que te amo e te admiro muito? Você é linda, maravilhosa, sou apaixonado por você e quero viver os próximos anos da minha vida ao seu lado e com nossa família linda que construímos. Você é minha vida, meu sol, minha rainha, minha flor, minha querida mulher, amigona e companheira! Gratidão por tudo!

Jasmim respondeu emocionada:

— Fiquei emocionada com sua fala meu querido! Sinto o mesmo por você, meu amor! Gratidão por tudo e por existir na minha vida e por escolher ser meu companheiro de jornada.

Deram um forte e carinhoso abraço de coração, um beijo com amor e se aninharam no braço um do outro, contemplando o pôr-do-sol da janela do apartamento onde compartilhavam a vida e os sonhos ecoamorosamente, com a linda família que constituíram durante a pandemia, em seu ninho de amor!

A experiência do viver nos mostra a importância do autoconhecimento, autocuidado, da fé, da esperança, do amor, de uma vivência saudável e transcendental da sexualidade, como diz Osho em suas obras. E que ela não está somente vinculada ao ato sexual em si, mas a toda uma experiência de expressão da força potencializadora da vida, da criatividade e do ser, estar e agir no mundo à sua volta e consigo mesma de forma respeitosa e amorosa, como está também presente nas obras de Rollando Toro, idealizador da Biodança.

Numa perspectiva ampla podemos perceber que a saúde sofre fortes influências de nosso estado emocional, espiritual e como é de grande importância o tratamento integral. A partir de uma visão oriental de sexualidade, baseada no pensamento de Osho, podemos alcançar a naturalidade da vivência sexual, oferecer uma educação sem preconceitos, respeitando a diversidade e todas as formas de expressão sexual.

## UMA DAS RODAS DA MINHA VIDA

Bianca Gonçalves Costa<sup>1</sup>

A minha história começa em 18 de junho de 2000, o dia em que eu nasci. Posso afirmar que vivi uma infância feliz e saudável, regada de muito amor e participação da minha mãe em minha vida, plena das brincadeiras tradicionais (sete pedras, bola, boneca, pega-pega, etc) brincava bastante com os meus amigos e vizinhos. Lembro que a minha mãe me levava todos os dias à escola pois tinha medo que eu fosse sozinha.

Morei durante 11 anos na zona rural, depois disso me mudei para a cidade, pois a minha mãe precisava trabalhar. Foi um novo recomeço, pois comecei a morar com a minha prima e o meu padrasto, além da minha mãe, então foi difícil me adaptar, mas fiz novas amizades e comecei a estudar em outra escola. Comemorava o meu aniversário todos os anos, sempre fui apegada a minha mãe, até porque eu não convivía muito com o meu pai – fui criada apenas por ela – e ia visitá-lo às vezes.

Em 2015 a minha mãe engravidou. No começo foi um pouco confuso, pois eu ainda não tinha me acostumado com a situação de ganhar uma nova irmã e deixar de ser a filha única por parte da minha mãe. Eu já tinha uma irmã por parte de pai, mas não me importava muito, pois não era tão apegada a ele quanto sou a minha mãe, então ao decorrer do tempo fui tentando me acostumar.

— Oi, Bia! sou a sua irmãzinha... estou na barriga da nossa mamãe e ansiosa para conhecer vocês.

— Oi, minha irmã! ainda estou confusa com a sua chegada, talvez eu esteja com ciúmes pelo fato de ser a filha única e com medo da nossa mãe não se importar mais comigo.

— Bia, não precisa sentir ciúmes, vou chegar para somar na vida de vocês. Sou apenas um bebê que precisa de cuidado, muito amor e proteção, e sei que quando você me ver pela primeira vez não vai mais sentir ciúmes de mim, vai querer cuidar de mim e me proteger de qualquer coisa. Eu te amo, minha irmãzinha, até mais!

— Sim, minha irmã, no fundo eu sei que isso é apenas medo desse mundo tão diferente e louco, com pessoas maldosas, doenças e você por ser apenas um bebê indefeso e inocente me causa receio, mas vou tentar me adaptar a tudo isso e tentar te ensinar o que for possível e te proteger. Até mais, beijos.

<sup>1</sup> Estudante de Pedagogia da UEFS.

E quando a vi pela primeira vez, fiquei encantada e tive a oportunidade de escolher o nome dela (Pamela), passava noites sem dormir segurando a no colo até ela dormir, dava banho, comida, brincava. Depois da chegada dela minha vida coloriu ainda mais. Eu vou proteger ela sempre que eu puder. O que eu sentia não era ciúme na verdade era medo de como eu iria te proteger nesse mundo louco.

No ano de 2016, aos 16 anos, concluí o ensino médio. Foram anos de muita espera para que isso acontecesse, logo após surgiram às dúvidas, o que fazer agora? Trabalhar? Fazer o curso superior? Qual curso? Então, em abril de 2017 comecei a trabalhar e fazer um curso de informática em outra cidade, e nesse mesmo ano, consegui uma vaga em um curso de Graduação em Nutrição, mas em outra cidade, onde a minha tia morava. Aí surgiu a dúvida: devo abandonar o meu emprego para poder fazer esse curso? Mudar totalmente a minha rotina e cidade? A minha mãe sempre me apoiou em minhas decisões, porém o meu pai não opinava muito sobre, então decidi continuar em minha cidade, com o meu emprego e o meu curso.

Nesse mesmo ano apareceram as crises de ansiedades incontrolláveis com idas ao hospital. Tive que ficar no balão de oxigênio, fiz exames, e tomei remédios mas a pergunta era: por qual motivo isso está acontecendo? Talvez tenha sido devido às grandes mudanças e uma rotina que eu não estava acostumada, porém eu ainda não tinha certeza o real motivo dessas crises. Mecanismo de defesa? Não sei...

Em 2018 mudei de emprego. Eu até gostava muito do meu antigo trabalho mas infelizmente por motivos maiores tive que me mudar. Novas rotinas, novas pessoas, novo ambiente... eu já tinha terminado o curso de Informática. O novo trabalho era bastante cansativo, mas ainda assim continuei.

Nesse ano fiz o Enem e em 2019 me escrevi para a Universidade Estadual de Feira de Santana para o curso de Pedagogia, quando um certo dia em meu trabalho liguei o computador e vejo o meu nome na lista de aprovados no site da UEFS, e era o último dia para poder levar os documentos e se matricular!!!!!! Eu rapidamente liguei para o meu patrão e pedi permissão para ir até Feira de Santana na UEFS e levar os documentos solicitados. Creiam: foi a minha primeira viagem sozinha até Feira.

Agora eu iria começar uma nova fase em minha vida e tentar me adaptar a isso. Comecei morando com o tio da minha irmã e a mulher dele, e, foi difícil estar em um ambiente diferente morando com pessoas que não tinha convivência. Eles me tratavam como filha e faziam questão de falar para todos que eu era a filha deles. Cuidavam e se importavam muito comigo, me levavam

### *A Roda da Vida*

até a UEFS de moto, às vezes, entre outras coisas. Aos poucos fui me acostumando...

Estava tudo indo bem até chegar a pandemia. Voltei para a minha cidade, as aulas paradas, distanciamento, uma outra situação.

No dia 08 de abril recebi uma das piores notícias da minha vida: a pessoa que eu morava e considerava como pai havia se acidentado de moto e chegou a falecer. Foi muito difícil e fiquei me fazendo várias perguntas sobre o porquê e como isso tinha acontecido... muito triste e por fim sigo tentando lidar com essa perda.

A saúde abalada talvez tenha sido o grande fator gerador das crises de ansiedade, onde o meu emocional, a minha mente, estavam totalmente em outro lugar. No entanto, eu tinha consciência que para essa caminhada se tornar saudável e segura era preciso que eu estivesse bem emocionalmente, inclusive para poder obter melhor rendimento nos estudos acadêmicos e aprimorar o meu desenvolvimento intelectual. Era necessário ter foco e interagir melhor com o mundo em si, do jeito que a realidade se apresentava, pandêmico. Incerto.

A minha visão do mundo e sobre a particular roda da minha vida são uma grande reflexão sobre diversas e conflitantes áreas da vida humana: tudo pareceu vir como impulsos para uma realização plena e criadora da minha vida, como possível. Uma forte pulsão de vida.

Encontrei assim sentido para vivenciar – do meu jeito único – o destino trágico e sofrido do adoecimento mundial. E Temos que ter forças numa perspectiva transcendental e não meramente cognitiva para seguir adiante e vencer.

Há incerteza se vamos cumprir ou não nosso propósito de superação deste momento. Muitas das vezes focamos em algo e esquecemos outras coisas relacionadas à vida. Portanto é um conjunto de coisas que envolvem a direção correta para transcender a realidade da vida.

Uma das rodas da minha vida  
Bianca Gonçalves Costa

*A pandemia nos trouxe grandes desafios  
E problemas para lidar,  
A saudade que aperta  
E o abraço que não pode dar.*

*Grandes perdas de pessoas queridas  
Que não irão mais voltar,  
E a dores que nunca vamos superar.*

*Sonhos destruídos  
E pessoas com futuro lindo,  
A pandemia veio para nos mostrar  
Que devemos cuidar, valorizar e por fim pensar.*

## NA RODA DA VIDA DE MÃOS DADAS COM PAULO FREIRE

Jacqueline da Silva Nascimento<sup>1</sup>

Em 1998, ano da Copa do Mundo eu estava na barriga da minha mãe prestes a nascer no meio a essa grande festa. E em 21 de julho eu vim ao mundo a partir daí começa minha jornada nessa vida. Com três anos já estava na escolinha. Não me lembro dessa época mais conheço até hoje quem foi meu professor e ele me disse que eu era a mais esperta da turminha curiosa e sempre querendo aprender mais e mais.

Em 2001 eu, meu pai, minha mãe e meus irmão saímos da cidade de Feira de Santana para morar no distrito de Jaguara, e lembro que passei anos querendo voltar para a cidade pois não gostava daquele lugar. Entretanto foi nesse lugar que passei a infância e adolescência inteiras.

Não tenho muita lembrança da minha infância, porém têm momentos que ficam registrados na nossa memória. Por exemplo: o primeiro dia que fui para a escola no ano de 2003 quando comecei a fazer a primeira série, o percurso da minha casa para a escola era em torno de 40 minutos andando... lembro da minha mãe indo embora e eu fiquei chorando no portão da escola pedindo para ela voltar.

No ano de 2004, mudei de escola passei a estudar na sede de Jaguara. Lembro que não tinha aprendido a ler e reprovei na 2ª série em todas as matérias... a professora gostava muito de mim e levou até dois presentes para que eu não ficasse triste por ter pedido de ano e ver meus amigos todos passarem. Nesse momento fiz uma promessa para mim mesma que nunca mais eu iria fazer uma recuperação.

A partir daí minhas brincadeiras eram imitar as professoras e dar aula para meus brinquedos. Fiz isso até o início do ensino o fundamental II. Nesse mesmo período em 2010 iniciei minha vida esportiva com aulas de esporte com a professora Tatiana e nesse mesmo ano conheço minha amiga Jayse. Em 2013 fui para minha primeira Olimpíada estudantil.

No ano de 2014 ingresso no ensino médio e meu irmão Luís Gustavo nasce. Em 2015 desperta em mim o interesse em cursar o ensino superior e como nesse período eu estava muito envolvida com os estudos da Química, participava de grupo de estudo, desenvolvia pesquisa na escola, cheguei a fazer apresentação em outras escolas e fui conhecer a Universidade Estadual de Feira de Santana. Além disso tive meu primeiro emprego e conheci meu amor Cayck.

---

<sup>1</sup> Estudante de Educação Física da UEFS.

E quando concluo o ensino médio em 2016, fiz inscrição no vestibular da UEFS para Química, e nesse mesmo ano meu sobrinho Lucas nasce. Em 2017 saí da casa dos meus pais para voltar a morar em Feira de Santana, aonde eu iria dar continuidade aos meus estudos. Entro no cursinho pré-vestibular da Prefeitura, presto o vestibular para Química, não passo mais consigo ingressar na UEFS, na segunda chamada, para Física.

Nos primeiros meses consigo perceber que essa não seria minha área de atuação, mas continuei cursando Física pela manhã para não perder a bolsa que era a minha única renda e fazia o cursinho pré-vestibular a noite. Enfim presto o vestibular para Educação Física e ingresso no semestre 2017.2.

Nesse momento um novo ciclo começa na minha vida: a Educação Física sempre foi minha paixão e agora eu tinha certeza que era isso que queria para minha vida, ser professora de Educação Física!

Em 2018 passo no Programa de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID – começo a ser voluntária no Laboratório de Atividade Física – LAF. Saí da casa da minha avó paterna e fui morar com minha avó materna. Em 2019 decido ir morar junto com Cayck. Também nesse ano tive a oportunidade de apresentar meu relato de experiência no ERELIC Maceió no mês de dezembro. Em meio a tantas alegrias, o ano termina com a notícia do surgimento do vírus da COVID-19.

As aulas na UEFS passam a ser remotas e iniciei no Programa da Residência Pedagógica. Começo meu negócio na Mary Kay incentivada pela minha amiga Jayse. Em 2021 minha sobrinha Valentina e minha afilhada Alice nascem. Minha mãe faz uma cirurgia para retirada de um tumor no cérebro e meus pais e meus irmãos passam um tempo morando comigo. Meus pais decidem sair de Jaguara e vir morar na sede da cidade de Feira de Santana.

Neste contexto, minha vida acadêmica se distingue pelas recompensas que recebi para a minha formação profissional. Reconheço que a caminhada é longa e preciso conhecer procedimentos e exercício profissional de excelência no sentido teórico-político-operativo. Tão certa desta necessidade resolvo abrir uma interlocução com Prof. Paulo Reglus Neves Freire.

Vou ligar para ele...

**Liny** — Alô, Prof. Paulo Freire? Sou Jaqueline, aluna de Educação Física da UEFS, Bahia. Sou uma grande admiradora sua! O sr. me ajuda? Preciso dialogar...

**Freire** — Sim, “o diálogo cria base para colaboração”. Mas me diga: qual o motivo desse diálogo?

- Liny** — É sobre minhas experiências acadêmicas e a educação no contexto pandêmico. Para começar vou contar um pouco sobre meu início na Universidade.
- Freire** — “A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fizemos”.
- Liny** — Sempre fui muito curiosa, professor. Estudei em escolas públicas e no final do ensino médio uma professora fez crescer em mim um desejo de entrar na Universidade e ser professora. A educação sempre foi para mim o meio no qual eu poderia dar uma estabilidade para minha família, porém ao iniciar no curso de licenciatura em Educação Física aprendi que a educação além disso é um meio de transformação da sociedade.
- Freire** — Isso mesmo! “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.
- Liny** — E por meio dessa educação eu posso não só transformar a vida da minha família como também de várias pessoas ensinando os conhecimentos elaborados ao longo da nossa história e construindo outros saberes junto com elas.
- Freire** — Isso é possível sabe por quê? “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.
- Liny** — Sim, professor! Por isso eu estava determinada a criar as possibilidades para a minha própria construção de conhecimento e me desenvolver profissionalmente. Dessa forma me dediquei em cada disciplina, buscando sempre ser uma discente de excelência, mesmo com minhas limitações que não são poucas.
- Freire** — Mas isso é importante para o seu desenvolvimento, vou lhe falar uma coisa. Anote aí para nunca mais esquecer. “Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”.
- Liny** — Certo, professor! já anotei isso aqui no meu caderno de aprendizagens. Continuando... Mesmo conseguindo dar andamento no curso sem me

dessemestrarizar, algumas coisas foram me desmotivando: falsidades, competitividade entre os colegas e alguns professores fazendo pressão psicológica. Vou te contar um fato que aconteceu comigo. Um professor começou a me acusar de colar nas avaliações somente porque ele achava que eu não tinha capacidade de tirar um 10 na prova teórica da disciplina dele e começou a me vigiar na hora das avaliações. Mas isso eu entreguei nas mãos de Deus e continuei minha trajetória.

**Freire** — “Olhar para o passado deve ser apenas um meio de entender mais claramente o que e quem eles são, para que possam construir mais sabiamente o futuro”. Refletir sobre isso é importante para você saber qual perfil de professor que vai querer ser.

**Liny** — No meio de tudo isso no final do meu quinto semestre, o mundo foi acometido por uma pandemia da COVID-19 e com ela os cuidados sanitários. Um contexto incerto para a formação profissional. Além disso deixou visível de como a educação é desvalorizada no País.

**Freire** — Exatamente, a sociedade não dá a verdadeira importância para algo que a construiu e a constrói. Isso fica claro quando “ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores. Isso nos mostra o reconhecimento que o trabalho de educar é duro, difícil e necessário”.

**Liny** — Verdade, professor! Logo quando as aulas foram suspensas por conta das medidas de proteção, com o distanciamento social muitos alunos ficaram sem nenhum apoio educacional. Depois as aulas retornaram no formato remoto com as aulas *online* por aplicativos. Entretanto ainda uma grande porcentagem de estudantes da rede pública de ensino ficou sem ter o acesso à educação por falta de recurso tecnológicos e financeiros... um desastre!

**Freire** — Escolas fechadas...? esses alunos ficaram até quanto tempo sem o direito ao ensino??

**Liny** — Algumas escolas disponibilizaram as atividades impressas para os pais irem buscar nas escolas. Essa foi uma das formas para não deixar os alunos totalmente desamparados. Uma medida que realmente não foi a melhor mas foi a possível. Nem todos alunos tinham acesso à internet ou receberam um auxílio para custear os aparelhos digitais necessários para acompanhar as aulas. Eu mesmo recebi esse auxílio na universidade que estudo o que realmente me ajudou a participar

das aulas remotas, porém esse recurso não foi disponibilizado para todos.

- Freire** — “Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história”. Isso vai deixar uma lacuna grande na formação de todos...!
- Liny** — Realmente, professor. Já percebemos isso. O nível de aprendizagem caiu muito e vários alunos abandonaram as escolas para trabalhar e ajudar a família, pois nesse período muita gente perdeu os empregos, passaram fome. Até as merendas que o Governo teria que disponibilizar para os alunos demoraram de ser distribuídas. Infelizmente uma realidade muito triste porque a fome não espera. Um dia desse vi uma reportagem que noticiava mães de família catando comida no lixo para alimentar seus filhos...
- Freire** — “Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica”.
- Liny** — Faço de suas palavras as minhas, professor! Isso realmente faz sentido visto a sociedade capitalista que estamos inseridos.
- Freire** — ... estou pensando na questão da vida e da saúde das pessoas...
- Liny** — Nem fale! O SUS teve que dar conta de tudo e de todos de uma hora para outra! Foi nesse momento de Pandemia e com as aulas remotas que tive proximidade com as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde por meio de uma disciplina optativa.
- Freire** — O que são estas Práticas?
- Liny** — São abreviadamente chamadas PICS. São recursos terapêuticos utilizados em tratamentos com base nos conhecimentos tradicionais e outras racionalidades médicas voltados para a promoção da saúde e prevenção de doenças. Esses conhecimentos que por muito tempo foram negados pela Ciência por não terem um teor científico.
- Freire** — Mas “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”!!!!
- Liny** — Verdade!!! E o conhecimento produzido sobre as PICS é abundante e oriundo de saberes de vários povos. Atualmente o SUS oferece 29

práticas disponíveis para a população. E os defensores têm publicado trabalhos com várias evidências mostrando os benefícios das PICS integradas à Medicina e isso está fazendo o número de profissionais crescerem nessa área.

**Freire** — Quais são essas práticas?

**Liny** — Apiterapia, Aromaterapia, Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Bioenergética, Constelação familiar, Cromoterapia, Dança circular, Geoterapia, Hipnoterapia, Homeopatia, Imposições de mãos, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Ozonioterapia, Plantas medicinais/fitoterapia, Quiropraxia, Reflexoterapia Reiki, Shantala, Terapia comunitária integrativa, Terapia de florais, Termalismo social/crenoterapia, Yoga.

**Freire** — Quais delas você teve experiências na sua formação?

**Liny** — Infelizmente apenas duas delas: Dança Circular e Imposições de Mãos, nos primeiros semestres. Dança Circular são práticas realizadas em grupos em uma dança de roda com ritmo e canto; e as Imposições de mãos são transferências de energias vitais por meio das mãos. Nesta última foi apenas a prática sem um aprofundamento teórico com poucas vivências feitas por algumas professoras que trabalham dentro da universidade com essas práticas e ainda assim com resistência.

**Freire** — “A teoria sem a prática vira verbalismo, assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”.

**Liny** — Estou ciente disso, professor. E nesse contexto pandêmico tive um aprofundamento teórico sobre o assunto, despertando o interesse sobre a atuação do profissional de Educação Física com as PICS. Por conta da pandemia as aulas na UEFS passaram para o formato *online* e em meio a tantas coisas que estavam acontecendo no mundo e as demandas da UEFS foi algo muito desafiador por falta dos recursos necessários para garantir uma aprendizagem significativa. Vejo na disciplina optativa SAU319 – Práticas Integrativas e Complementares para diferentes contextos socioculturais, uma oportunidade de me aproximar das PICS e de entender como o professor de Educação Física poderia atuar nessa área.

**Freire** — Somente profissionais da saúde podem atuar nessa área?

**Liny** — Não, qualquer pessoa que tenha feito uma formação em algumas dessas práticas.

- Freire** — O que você aprendeu nessa experiência com as PICS no formado remoto?
- Liny** — História do SUS e das PICS, OMS e as Medicinas Tradicionais, racionalidades médicas, PNPIC e PEPIC, resgate de identidade, culturas e medicinas, as PICS no Brasil, políticas de práticas integrativas e complementares em Saúde, racionalidades médicas: análise de Madel Luz e outros autores, racionalidade médica ocidental e o paradigma transcendental, cosmovisões das diferentes racionalidades médicas, PICS como campo de promoção da saúde, decolonização de saberes, educação popular, saúde coletiva e PICS, conhecimento tradicionais em saúde, política nacional de educação popular em saúde, PICS e Saúde Mental, o que é ser terapeuta, Educação Física na equipe Saúde Mental e as PICS.
- Freire** — Sempre valorizei os saberes populares e realmente tem muita coisa para aprender sobre as PICS. E os saberes populares de cura? não me diga que foram excluídos...
- Liny** — Felizmente não, e permanecem com muitas lutas e resistências. Os saberes tradicionais indígenas, africanos, quilombolas compõem um conjunto de informações, modos de fazer desses povos de criar e saber são transmitidos oralmente entre as gerações. Muito se discute sobre a importância desses saberes para a sociedade, porém no meio científico encontramos muita resistência, rejeição e desqualificação.
- Freire** — Eu tenho uma reflexão sobre isso. Creio que “Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher, não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros”.
- Liny** — ... quanta verdade, professor! O conhecimento da flora no uso de plantas medicinais, rituais com espíritos da natureza, os saberes das benzedadeiras, parteiras, pajés, xamãs é a base dessa medicina tradicional. Com certeza que esses conhecimento ajudaram nas construções histórico-político-cultural das sociedades e estes conhecimentos que são usados atualmente são reconhecidos pelas Políticas Estaduais.
- Freire** — Fico feliz em saber disso!
- Liny** — Voltando aqui sobre o que tive oportunidade de aprender nessa disciplina destaco a palestra da professora Viviana formada em Educação Física sobre “Epistemologias, racionalidades médicas e

MTCI”, algo que me motivou bastante, por ter essa referência totalmente embasada na Educação Física.

**Freire** — Muito importante esta observação! Formação docente é construir conhecimentos sobre a própria prática docente, a partir da reflexão crítica contextualizada. “O que teríamos que fazer, então, seria, como diz Paul Legrand, ajudar o homem a organizar reflexivamente o pensamento. Colocar, como diz Legrand, um novo termo entre o compreender e o atuar: o pensar”.

**Liny** — (Sorrisos de alegria)

**Freire** — Eu tenho uma pergunta para você antes de finalizar esse diálogo. Qual a importância das PICS para o ou a professora de Educação Física atuante na sociedade?

**Liny** — Grande importância! As PICS promovem saúde, prevenindo doenças e com isso pode reduzir os gastos com fármacos e internações em hospitais, diminuindo as superlotações. Trazem bem estar e ajudam a redução do estresse e podem ser fortes aliadas no tratamento com Saúde Mental. Além de valorizar o conhecimento tradicional de diferentes povos. Mas não substituí o saber médico científico: dá suporte e complementa.

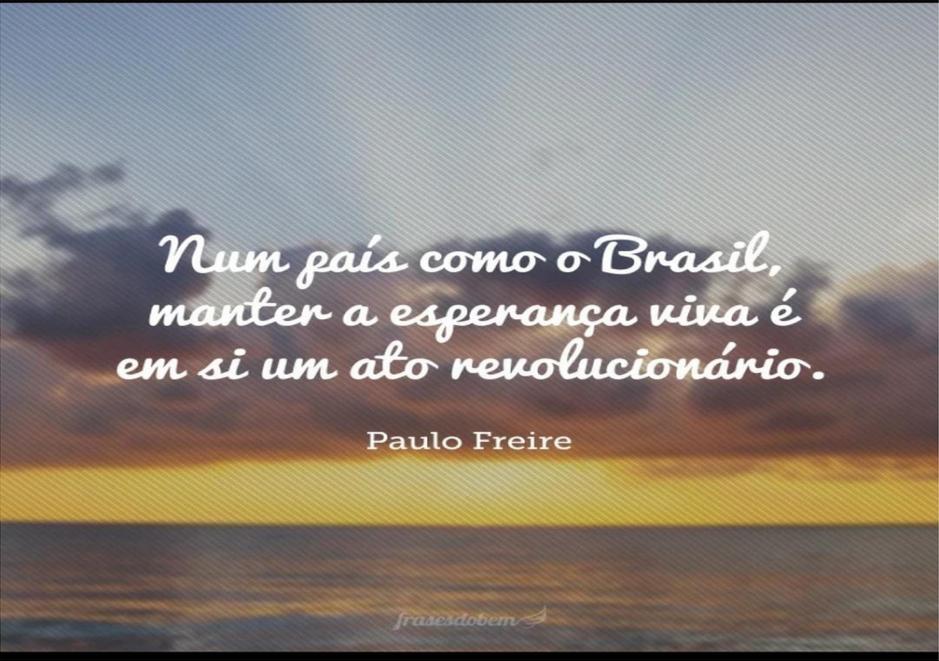
**Freire** — Ótimas colocações! “Se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa”.

**Liny** — Obrigada por me ouvir pacientemente, ouvir minhas experiências, reforçar minhas esperanças e me orientar sobre Educação, professor!

**Freire** — De nada! “Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um que fazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força à serviço de nossos sonhos”

**Liny** — Não esquecerei este nosso diálogo, professor!

**Freire** — Vou deixar uma reflexão para você:

A photograph of a sunset over the ocean. The sky is filled with soft, colorful clouds in shades of blue, orange, and yellow. The water in the foreground is dark and calm. The quote is centered in a white, cursive font.

*Num país como o Brasil,  
manter a esperança viva é  
em si um ato revolucionário.*

Paulo Freire

*frasesdobem*

(Karyne Santiago, 2014).

# MANIFESTO DE UMA “MALUCO BELEZA” PARA UM MUNDO MALUCO

Letícia Suzart Barreto<sup>1</sup>

Para fazer uma linha temporal, temos que dar um mergulho nas memórias mais profundas. É um composto complexo de emoções, podendo elas muitas das vezes serem tristes e/ou felizes, o que se tem certeza é que esse mergulho não será em águas límpidas, calmas e rasas: damos um salto para as profundezas das lembranças as quais buscamos enterrar no tártaro da nossa mente, e desenterrá-las... podem ser angustiantes, mas é necessário, pois são os passos e desvios que nos levaram à estrada que estamos trilhando nos dias atuais.

A minha caminhada se inicia antes mesmo de saber qualquer coisa, antes de entrar nesse mundo de descobertas, uma jornada onde não somos nós que escolhemos os primeiros passos, as primeiras palavras, o primeiro toque. Essa trajetória tem origem quando uma mulher despreparada e um homem sem muitas aspirações na vida descobrem que irão trazer uma criança ao mundo. O sentimento de incapacidade que ronda o ser humano muitas das vezes faz ele tomar decisões inimagináveis, mas que são suprimidas pelo desejo de ver seus genes misturados em uma pequena e indefesa forma humana é mais arrebatadora do que quer que seja!

Assim um feto antes menor que um grão de feijão começa a se formar. Seu corpo entra em um processo de modificação para abrigar aquela minúscula forma de vida e apesar das náuseas, desejo e o corpo cada vez mais pesado pode se sentir um amor indescritível que é quase embriagante para os pais, algo que perdurara por toda uma vida.

No dia 25 de novembro de 1996 em uma noite de muitos trovões, em uma fazenda isolada, onde os gritos não podiam ser escutados por ninguém um raio de 5 km, uma mãe inicia o trabalho de parto acompanhada por sua mãe de criação e sua irmã. A dor era indescritível! Diz-se que ao escutar um trovão muito forte e alto a criança emitiu seu primeiro choro.

A partir deste momento essa criança recebe um nome que foi inspirado em uma amiga próxima da família e que sua mãe considerava lindo, de origem no latim. Letícia significa felicidade e alegria, um nome que a descreve bem até. De agora em diante iremos contar a história dessa pequena semente que floresceu em um jardim com muitas tormentas e raios de sol.

---

<sup>1</sup> Estudante de Educação Física da UEFS.

Uma menina criada no campo, deste cedo em contato com a natureza, livre para brincar, pular, saltar, ficar horas em cima de árvores, cresceu com suas duas irmãs que vieram depois dela, o que foi um estandarte de felicidade já que até o momento ela era a única criança que habitava aquela casa. Até o momento se quisesse jogar com alguém mais teria que andar bastante para chegar a casa mais próxima, e mesmo assim ela fazia esse trajeto um vez na semana bem animada, já que era lá onde ela passava a maior parte do dia com os primos e familiares.

Quando completou seus quatro anos, sua madrinha muito rigorosa decidiu que iria ensinar boas maneiras a menina. Determinada a fazer com que essa criança desenvolvesse posturas, com pilhas de livros em sua cabeça e ou boas maneiras a mesa com tapas cada vez que o talher era pego de forma incorreta, para uma menina acostumada a brincar o tempo todo, ter que dedicar metade desse tempo para aulas pelo menos três vezes por semana eram torturantes! Mas toda vez que tentava falar algo era censurada, já que sua mãe havia dado sua filha para batismo a uma mulher que ela acreditava ser dotada de boas maneiras além de ser professora, o que creditava a fazer esses tipos de atos.

Mesmo assim, o pouco tempo que agora era disponível para brincar, aproveitava ao máximo, o que durou pouco porque dois anos mais tarde iniciou a alfabetização com aulas pelo menos 4 dias na semana. Ela gostava da escola, fez novos amigos, apesar de ser uma escola pequena de interior onde não tinha suporte para mais pessoas. Lá ocorriam aulas para crianças, adolescentes e adultos que pretendiam aprender a ler e escrever. E foi nessa humilde escola que ela começou a fazer seus primeiros traços no papel, desenhava pequenos palitos ligados formando a figura de um boneco.

Com sete anos mudou-se da casa da sua avó que morava com sua tia, as duas irmãs, pai, e mãe grávida de seus filhos gêmeos, um menino e uma menina. Seria o primeiro filho do casal, mas por algumas complicações no parto o menino nasceu morto e assim seu jardim ficou apenas com rosas, já que o cravo se despedaçou antes mesmo de florescer.

Com quatro meninas ela partiu para seu novo lar com o gostinho de independência, pois a casa foi construída com o dinheiro que eles conseguiram guardar com anos árduos de trabalho. Algo que poderia chamar de seu, mas como diz o ditado “felicidade de pobre dura pouco” ela descobriu uma doença que poucos meses mais tarde a tiraria do convívio de todos. Sua filha mais nova ficou com escassas recordações de seu rosto alegre e brilhando, que mesmo apesar dos intempéries sempre estava sorrindo para a vida...

Por causa destes acontecimentos sua avó reclamou a guarda das crianças alegando a incapacidade do seu pai de criar quatro filhas. Enquanto ela puxava a

corda de um lado, ele puxava de outro e quem estava no meio era quem estava sofrendo as consequências: muitas faltas escolares, era exposto o descontentamento por parte de todos. Essa situação se arrastou por mais ou menos um ano e meio, na qual por fim determinou a Justiça que devido a avó ser uma senhora de idade e nesse momento da vida se encontrar sozinha deveria o pai ficar com duas irmãs e a avó com as outras duas.

A avó mudou-se para o mesmo povoado que sua mãe havia construído a casa, deixando sua amada fazenda e suas plantações, mas por um bom motivo agora. Apesar de separadas as meninas estavam sempre juntas já que sua nova moradia se encontrava a quatro ruas de distância das suas irmãs. Seu pai esperou uns 5 anos para se relacionar novamente... e que relacionamentos, todos bastante conturbados!

O primeiro foi com uma mulher que não gostava das suas filhas, deixando-as com fome. Esse não demorou muito, e após muitas brigas se separaram. O segundo era uma pessoa boa, arrumava as meninas, cuidava da casa, e em nenhum momento tentou substituir a mãe delas, mas tinha “um defeito”: ela também tinha filhos, cinco para ser exata, em uma casa pequena com três quartos nove pessoas e de vez em quando onze! A conta começou a não dar tão certo... No término não houve brigas nem discussões, simplesmente separaram-se por não ter mais a paixão inicial. A terceira não é muito amada pelas filhas, mas nunca as maltratou, e é a que permaneceu até hoje. Por ela não poder ter filhos fez de tudo e tentou fazer das meninas as filhas dela e é por isso que elas não tem um relacionamento tão profundo, apenas convivem por ter algo que gostam em comum.

A caminhada está cada vez com mais passos, vou dar uma corridinha para ressaltar alguns passos importantes que deixaram pegadas na página da vida da agora jovem Leticia.

Com quinze anos, integra o grupo jovem da igreja católica e torna-se a líder indo para eventos, buscando inovações para trazer os adolescentes da comunidade à igreja, com gincanas, peças de teatro e um grupo de apresentações de dança. No final do fundamental e início da ensino médio demonstrou ser uma boa jogadora de futebol, e entrou para o time local como lateral. Os treinos eram exaustivos, mas prazerosos, pois era lá que encontrava suas amigas para fofocar e colocar o papo em dia, já que ela pouco saía de casa, devido a uma rotina que não favorecia muito. Por ser irmã mais velha ela era responsável por arrumar a casa, cuidar da irmã e tinha a escola que ela sempre gostou bastante, e como sempre apegada aos livros foi selecionada para um concurso de poesia, aos quais nos dias atuais ela nem se recorda tanto.

Assim que entrou no ensino médio integrou o grupo de quadrilha junina denominada “Explosão Nordestina” a qual traz consigo um legado de vitórias em concursos de quadrilha da sua cidade, sendo respeitada nos demais povoados e na sede como uma das melhores quadrilhas!

Foi em uma dessas vitórias que teve seu nome citado em uma ação judicial pela primeira vez, tendo que prestar esclarecimento ao Juizado de Menores sob o ocorrido na noite em que seus colegas estavam fazendo algazarra na rua, causando perturbações aos moradores.

Em 2014, terminava sua travessia pelo ensino médio, sendo considerada uma das melhores alunas do colégio com notas altíssimas. Participou da Olimpíada de Química, e fez cursinho pré-vestibular – um ano muito corrido que não tinha tempo para nada! Estudava de segunda à sexta-feira pela manhã até as 12:00h, chegava em casa para descansar porque às 18:00 tinha que estar no cursinho pré-vestibular, e só chegava em casa às 22:00 horas. Aos sábados tinha aula pela manhã de preparação para as Olimpíadas na terceira metade do ano.

Ela gostava da vida que tinha apesar de simples e atribulada. Era feliz, tinha seus momentos de prazer, já que sua avó nunca proibiu as meninas de fazer nada. Iniciou um namoro que não durou muito tempo pois com a agenda apertada namorar não fazia parte dos seus planos, então foi algo que não durou muito. Ela dizia algo sobre dar “prioridades as prioridades” que até o momento era estudar.

Apesar de tudo, ela tinha uma insatisfação. Como uma adolescente de dezessete anos não sabia o que queria do seu futuro, por mais que tenha passado no vestibular da UNEB, sair para um lugar desconhecido sozinha não era sua vontade. Ela tinha medo de alçar voo, e no meio do caminho perder força e não conseguir mais bater as asas. Então simplesmente parou, refletiu, e tinha a certeza que o lugar dela não era ali, mas também não era em lugar nenhum, estava perdida dentro de si mesma.

Necessitando urgentemente de passar por uma processo cirúrgico bucal, foi passar um tempo na casa de sua prima em Feira de Santana. Gostou do lugar e decidiu ficar, mas para isso tinha que arrumar um emprego. Seu primeiro trabalho foi horrível, trabalhou por três meses sem receber, mas a partir desta triste experiência que ela conseguiu um emprego melhor, inicialmente no turno matutino, depois houve umas mudanças e começou a trabalhar no turno vespertino. Não tinha planos para algo mais a frente, estava acomodada aquele estilo de vida, estava com os pés fincados no chão sem poder avançar.

Quando em um momento sem esperar sua amiga incentivou a participar do vestibular da UEFS. Ela não tinha muita expectativa que iria conseguir, mas também por ser orgulhosa não queria ficar atrás, por mais que acreditasse que não

fosse ser aprovada desejava ficar com uma média alta. Então comprou uns livros e começou a estudar em casa, e, sempre que saía do trabalho às 22:00 horas separava duas ou três horas para rememorar conteúdos que até então não faziam parte do seu cotidiano.

No primeiro semestre de 2017 deu início ao curso de Educação Física na UEFS. Como estudar e conseguir se manter na cidade onde o capitalismo impera, na qual, muitas das vezes não sabe nem o nome de quem convive na casa ao lado? Neste momento a pessoa na qual mantinha vínculo empregatício decidiu mudar seu horário novamente para ajudá-la, uma vez que o curso era diurno ela teria que trabalhar à noite, mas nada a impediu de continuar.

Estudava de dia, dormia três horas de relógio e seguia para seu trabalho que agora começava às 22:00 horas. Saía, pegava o ônibus, para sua casa com tempo apenas para tomar um banho e reiniciar sua rotina, ela chegava a passar dois dias seguidos acordada pois nas disciplinas universitárias havia uma carga de leitura muito pesada na qual não dava conta em apenas poucas horas. Seu primeiro semestre foi horrível tendo que desistir de duas disciplinas e indo para a final de outra. O semestre seguinte não foi diferente.

Com a crise econômica em que o país passou, e está passando nesses últimos anos, sua carga horária de trabalho diminuiu, e ela agora estava recebendo menos, mas tinha um tempo maior para se dedicar ao curso. Aproveitou esse momento para se inscrever no projeto de ginástica rítmica Estrela Menina. Não sabia nada de ginástica, muito menos balé, mas sempre gostou de aprender coisas novas, e dedicou-se para ser a melhor professora possível de ginástica que ela poderia ser.

Com o tempo, apenas com o ganho do seu trabalho não estava conseguindo pagar suas contas, e desesperada por algo que pudesse mantê-la dando continuidade ao curso, sua amiga de curso surge com uma ideia, para ela se inscrever no Programa de Bolsa de Iniciação à Docência e assim ela fez, mas não se desfez do seu trabalho noturno. Ela voltou novamente a não ter tempo, e agora era trabalho, faculdade, estágio remunerado e estágio obrigatório. Com esforço, ela se saiu bem se destacou bastante chegando a publicar trabalho na área da Educação, mas a bolsa teve seu final no segundo semestre de 2019.

No mesmo momento em que um vírus novo começou a se espalhar rapidamente entre a população mundial, ela voltou para a casa da sua avó com a incerteza de quando enfim teria o seu diploma em mãos.

Apesar de estar passando por uma pandemia ela decidiu entender toda essa situação como um momento de reencontro de si mesma, e pôr-se a meditar, voltou a jogar futebol que não fazia a um bom tempo, e aproveitar aquela pequena

brisa que soprava quando o suor escorria por sua pele. Voltou a fazer longas caminhadas na qual sempre parava para admirar a natureza, já que essa sempre fez parte de sua trajetória.

Com a projeção imediata de uma vacinação em massa, no ano de 2021 ela voltou à Feira de Santana, sem emprego e com a bolsa do PRP. Decidiu ir novamente ao mercado de trabalho, conseguiu um emprego um pouco melhor que o de antes, mas ainda com um tempo escasso para os estudos, o que não a impede de continuar, apesar de todos os obstáculos que surgem ao longo dessa caminhada...

Como se pode ver nestas humildes linhas “Eu, que já andei pelos quatro cantos do mundo procurando foi justamente num sonho que ele me falou...” Depois de um dia inteiro de muito trabalho, cansada, ela dorme e sonha que era apresentadora de TV e entrevistou ele, “a mosca da sopa”...

Apresentadora — ...E agora chamo ao palco Raul Seixas! Uma salva de palmas para ele, porque ele merece.

Raul — Obrigado, é um prazer está aqui com todos vocês hoje!

Apresentadora — O prazer é nosso, como você está?

Raul — “Essa noite eu tive um sonho de sonhador, maluco que sou, eu sonhei, com o dia em que a terra parou”.

Apresentadora — Como foi esse sonho?

Raul — “Foi assim, no dia em que todas as pessoas do planeta inteiro resolveram que ninguém iria sair de casa, como se fosse um combinado em todo o planeta, e naquele dia ninguém saiu de casa, ninguém!”.

Apresentadora — É muito parecido com o *lockdown* um dos protocolos de segurança durante essa pandemia. Sabemos que por mais que todos combinem algo tem sempre alguém que vai sair de casa! O que pensa a respeito disso?

Raul — “Eu não sou besta para tirar onda de herói”, quando estamos sozinhos podemos ser fracos, mas quando nos unimos coletivamente, somos capazes de fazer mudança, “vemos pedras que sonham sozinhas no mesmo lugar”.

Apresentadora — Mas se todos ficarmos dentro de casa, como ficam nosso emprego, renda, e tudo mais que é necessário para fazer a roda econômica girar?

Raul — É necessário o trabalho, mas antes a saúde. O Governo deveria dar um subsídio as pessoas que se encontra com fome, dizem que brasileiro não desiste nunca, eu digo que “quem não tem colírio, usa óculos escuro, quem não tem filé come pão e osso duro” estamos vivendo em um momento de calamidade social

que pessoas estão passando da linha da pobreza que não tem nem mais o que trocar em sua mesa.

Apresentadora — E quanto a gestão atual do nosso país?

Raul — Não vou falar referente ao Governo, mas sim as pessoas que acreditam em algo que é facilmente contestado pela Ciência e pesquisa, mas é difundo para a população como verdade, e expresso minha indignação “eu não posso entender tanta gente aceitando a mentira”.

Apresentadora — E o que opina sobre as pessoas que estão dentro de casa muitas das vezes doentes, não fisicamente, mas mentalmente?

Raul — O único cenário que mudou foi o ambiente que adquirimos essa doença, ocasionalmente quando “vai para o trabalho todo dia sem saber se é bom ou se é ruim, quando quer chorar vai ao banheiro, as coisas não são bem assim”.

Apresentadora — Qual conselho daria a essas pessoas?

Raul — “Tente! Levante sua mão sedenta e recomece a andar, não pense que a cabeça aguenta se você parar”.

Apresentadora — Ao princípio é difícil seguir essa sugestão à risca!

Raul — “Queira! Basta ser sincero e desejar profundo, você será capaz de sacudir o mundo”.

Apresentadora — É complicado definir a complexidade da mente do ser humano em tão poucas palavras!

Raul — Somos seres de mudanças, “é chato chegar a um objetivo num instante” temos que ser uma metamorfose ambulante.

Apresentadora — Para finalizar... Raul quer dizer algumas palavras aos seus ouvintes?

Raul — Não diga que a vitória está perdida se é de batalha que se vive a vida, tente outra vez!

Ela acorda do sonho.

Assim, pensando com Raul, ela escreve esse texto como um manifesto do que é caminhar. Ela conta essa caminhada por que pode ser que alguém que no futuro a encontre pense “olha que sortuda!”. Não, não foi sorte. Foi luta. Muita luta!

## DIÁLOGO PARA A RODA DA VIDA

Abenaildes Soraya Vieira dos Santos<sup>1</sup>

Me chamo Diana, tenho 23 anos, sou preta, pobre e sempre vi a educação como a única maneira de mudar a minha realidade e da minha família. Tenho como grande exemplo de pessoa a minha mãe, uma mulher que eu poderia chamar de guerreira, mas acredito na ideia de que essa expressão leva a entender que a mãe suporta qualquer coisa, que não tem exaustão e que só vive para e pelos filhos. Na verdade estas “guerreiras” são pessoas reais com dores, medos, angústias e que precisam de carinho, afeto e respeito.

Sempre tive o sonho de ajudar minha família, de dar à minha mãe uma vida melhor e sem preocupações, tudo com o poder da educação e hoje sou estudante do curso de Farmácia da Universidade Estadual de Feira de Santana, a primeira pessoa da família a entrar num curso superior. Apesar de todas as dificuldades para conseguir entrar e permanecer na Universidade, as coisas estavam indo bem, até que chegou a pandemia.

O medo, a insegurança e as incertezas começaram a me acompanhar diariamente. As aulas foram suspensas e as preocupações, as cobranças internas vieram à tona. A ansiedade ficou evidente e a sensação de estar vendo simplesmente o tempo passar só causaram mais angústias.

Até que minha mãe vendo as proporções de toda a situação me convidou para ir ao Jardim Carmelo. O Jardim Carmelo é um local que minha avó materna criou em homenagem a um filho que não sobrevivera a um parto prematuro e que se chamaria Carmelo. É um lugar tranquilo, com algumas árvores e muitas plantas medicinais, localizado a alguns minutos da minha casa. Minha avó gostava de estar lá todos os dias, cuidando e admirando suas plantas, mas com a chegada da pandemia ela ficou impossibilitada de sair de casa por conta da sua idade, pois o melhor era evitar o contato com outras pessoas. Com isso a missão de cuidar do jardim ficou com minha mãe, que além de cuidar, já havia aprendido as propriedades medicinais de muitas delas.

Este conhecimento sagrado tem passado de gerações em gerações especialmente de mulheres de minha família, porque minha avó aprendeu com seus pais a utilizar plantas medicinais e posteriormente foi passado para minha mãe, que sempre teve o cuidado de compartilhar todas as experiências já vividas por ela e por meus avós sobre o conhecimento do poder das plantas em várias

---

<sup>1</sup> Estudante de Farmácia da UEFS.

situações do dia a dia, sempre tendo uma alternativa para qualquer problema de saúde que ocorresse. Além disso era enfatizado que apenas o ato de cultivar e acompanhar o desenvolvimento de uma planta já constituía um processo de cura e de conexão com a natureza, que nós somos parte dela e que tudo está interligado.

Meus ancestrais conheciam o segredo da cura pelas plantas aprendido pela sabedoria de outros ancestrais. De alguma forma, carreguei meus corpos físico e espiritual as histórias destes e destas ancestrais. Histórias de feridas, dores, abusos, culpas, humilhações, violências, medos, mas também as buscas e desejos de superações. Neste sentido, sinto que sou a realização do sonho deles sendo mulher negra, pobre e ao fazer o Curso de Farmácia poder lidar com a química das plantas, ainda que eu saiba que o poder das plantas está no campo energético.

A herança destes saberes contribuíram para constituição de identidade em minha família, da relação com a natureza até a noção de pessoa que somos. E ao chegarmos lá, tiramos as sandálias, sentamos no chão à sombra de uma árvore e minha mãe me questiona serena:

— O que tem te deixado tão triste e preocupada?

Eu disse:

— Toda a situação que estamos passando, o medo da COVID-19, as dificuldades financeiras, dificuldades nos estudos e a ansiedade que só aumenta a cada dia.

— Eu sei que não tem sido nada fácil, mas olha, minha filha: eu sou uma pessoa analfabeta, não tive a oportunidade de estudar mas sei a importância da educação na vida de uma pessoa.

E a partir daí ela começou a contar sua história e todas as dificuldades que passou na infância:

— Eu comecei a trabalhar com meus pais na roça muito cedo, plantava feijão, mandioca, milho, abóbora e algumas hortaliças, fazia farinha, e levava pra vender na feira. Naquela época a gente não tinha energia elétrica nem água encanada, toda água que a gente utilizava era de um riacho que tinha próximo de casa, carregava água na cabeça, mas para lavar roupa a gente lavava lá no riacho mesmo. Eu sei que as coisas eram completamente diferentes antigamente, mas estou dizendo isso para mostrar o tanto de oportunidade que vocês jovens hoje em dia tem em relação ao tempo em que eu era jovem. Eu cheguei a ir na escola quando criança, mas a escola era longe de casa e meus pais não tinham como me levar. Além disso meu pai era muito rigoroso e não via necessidade de estudar como prioridade.

E foi seguindo com a história dela... a cumplicidade, a delicadeza deste momento me levou para um lugar de reflexão.

Fiquei pensativa e imaginando o peso de tudo aquilo que havia acabado de ouvir. Chorei bastante, mas ao mesmo tempo me senti muito motivada a continuar com meus objetivos, não pressionada porque é algo que nunca aconteceu. Eu sempre tive a convicção que esta possibilidade só existe porque minha mãe enfrentou diversas situações para que hoje eu tivesse essas oportunidades.

Ela me abraçou afetuosamente e disse:

— Chora, filha. Não nega a dor. Coloca para fora tudo o que tem te incomodado. E outra coisa que eu te peço é jamais deixe de conversar, de dividir suas angústias, não guarde sentimentos ruins.

Eu respondi:

— Prometo que não vou deixar os sentimentos negativos tomar conta de mim...

Levantamos e antes de irmos para casa ela me olhou nos olhos e disse:

— O choro cura como as plantas curam. Sua bisavó e sua avó conheciam os segredos das plantas, mas também sabiam que uma mulher possui força para curar... curar os outros e a si mesma. A sua cura está em você. Espera, vou levar essas folhas de capim-santo para fazer um chá que irá acalmar seu coração.

Ela contou uma anedota sobre minha bisavó, rimos muito com isso e fomos para casa, com um sentimento de alegria e leveza, que não acontecia há algum tempo. Uma força diferente se apoderava de mim.

Passados alguns meses as aulas foram retomadas de maneira remota, e dentre as disciplinas obrigatórias, tive a oportunidade de cursar uma disciplina optativa chamada Práticas Integrativas e Complementares para Diferentes Contextos Socioculturais (SAU319), e a partir daí foi possível conhecer um pouco sobre estas práticas e sua importância em diversas situações da nossa vida, bem como a importância de valorizá-las e informar a comunidade sobre a disponibilidade destas práticas e saberes tradicionais no Sistema Único de Saúde (SUS), e uma delas é a utilização de plantas medicinais e fitoterápicos, que podem auxiliar no tratamento de diversas doenças.

As vivências de mulheres que ao longo da sua existência carregam consigo diversos saberes que têm o poder de inspirar e de valorizar a diversidade de recursos naturais e culturais que nosso país tem a oferecer. Tanto que essa

sabedoria popular sobre plantas medicinais já foi utilizada como base para estudos de descoberta e desenvolvimento de fármacos. Com isso, conseguir conhecer e desfrutar desses saberes ancestrais é uma forma de resgatar e manter viva essa cultura que muitas vezes é tão desvalorizada.

Atrelado a isso a importância das relações familiares, desses conhecimentos e saberes que vêm dos nossos ancestrais além da importância do cuidado com a saúde mental, são fundamentais não apenas em momentos como este de medo e muitas incertezas, que a pandemia está causando, mas também em todos os momentos de nossas vidas.

E esta questão das relações familiares nestes tempos de pandemia foi algo que marcou muito a vida de muitas famílias. Por um lado, muitos tiveram que se afastar de algum membro familiar por trabalhar em ambiente com maior probabilidade de contrair a COVID-19 e com isso, constituir risco de transmitir o vírus para os familiares mais vulneráveis, outros tiveram que ficar isolados em casa com seus familiares e em muitos casos, conflitos foram gerados por conta do convívio intenso.

Diante disso algo que me fez refletir muito foi em como a saúde mental tem poder sobre nossa vida. Segundo a Organização Mundial da Saúde, o Brasil é o país mais ansioso do mundo e um dos que possui maior prevalência de depressão. Isso já vem sendo constatado há algum tempo, mas se intensificou nesta pandemia, pelo menos as discussões acerca do assunto ganharam ênfase.

Há muito que se melhorar em relação a oferta de apoio às pessoas que necessitam, pois ainda existem estigmas relacionados a saúde mental, visto que muitas pessoas tratam esta questão com preconceito, como uma fraqueza e aquelas que necessitam de ajuda acabam sentindo medo de não serem entendidas ou sofrerem algum tipo de discriminação. É muito importante ter coragem para reconhecer e admitir a necessidade de procurar ajuda, adotar medidas que visem a busca pelo equilíbrio, pelo bem estar.

É muito difícil conseguir manter o equilíbrio emocional, ainda mais num momento como este de muitas perdas, medos e dificuldades, porém é possível aliviar um pouco da tensão imposta por esse momento através de algumas medidas simples e acessíveis como, uma conversa com alguém de confiança, evitar o excesso de notícias ruins, realizar algum tipo de atividade física, artística, leitura, fortalecimento da fé, e outras atitudes de acordo com as possibilidades e condições de cada indivíduo.

Hoje eu caminho mais segura e olho a mulher que me tornei e tenho o maior orgulho da minha história de vida e de meus ancestrais, minhas raízes.

*A Roda da Vida*

Minha herança familiar está me curando e sei que daí virá o equilíbrio para mim e para toda minha família.

Na feminilidade espiritual de meu corpo sinto a força dos meus ancestrais, honro seus saberes-fazer, olho para minha família e reconheço cada um em seu lugar. Nesta força, sei que ao honrá-los não preciso perpetuar suas dores, feridas, abusos, culpas, humilhações, violências, medos. Que posso ressignificar tudo isso transformando em cura e mais forças.

## TRANSFORMANDO TABUS EM DIÁLOGOS TRANSGERACIONAIS AFETUOSOS

Aline Pimentel Cupertino<sup>1</sup>

Ariel será o nome dela. Ariel era o nome que a minha mãe pensou em colocar em mim antes de escolher Aline. Quero que Ariel seja minha neta do futuro, que eu terei a alegria de mediar sua aprendizagem de forma significativa sobre como foi essa crise sanitária que estamos passando. Que abençoarei e darei minha força para sua caminhada segura e firme.

Certo dia, estava sentada na varanda da minha casa aguardando minha neta Ariel, estudante de Pedagogia da UEFS e muito parecida comigo, que vem me visitar e também fazer uma entrevista para coleta de dados de um projeto de pesquisa que ela é bolsista. Ela precisava de informações sobre a minha vida acadêmica no período de pandemia da COVID-19.

— Vó, eu soube pela minha mãe que a senhora vivenciou de perto a pandemia do vírus da COVID-19, aí queria saber como foi. Vou filmar aqui no meu Iphone 30 para depois analisar suas falas. Eu só de saber, um pouquinho sobre tudo que aconteceu no período, fiquei muito curiosa independente da pesquisa. Posso começar a gravar?

— Sim, querida. No que eu puder ajudar... No ano de 2020 estava indo tudo “tranquilamente” até que o novo coronavírus causador da COVID-19 apareceu na China e rapidamente se espalhou para outros países, dentre eles o Brasil. Um vírus que ninguém conhecia e que era muito perigoso para a nossa vida, pois não existia tratamento para os sintomas que este causava. Vale ressaltar que esse vírus era tão perigoso que tirou a vida de milhões pessoas no mundo inteiro, independente de idade ou classe social, incluindo trabalhadores da área da saúde que estavam sempre na linha de frente na luta, porém, ele era mais perigoso para quem tem uma idade mais avançada ou alguma comorbidade.

Esse período foi muito triste, cada vez ficava pior, porque o contágio era alto, ninguém conhecia o vírus, não existia suporte aos hospitais públicos ou particulares, sendo necessário criar hospitais de campanha para tentar atender a todos. Além disso, outro ponto que trazia mais desespero era que um dos sintomas que o vírus causava nas pessoas era falta de ar e nos hospitais o número de respiradores não eram suficientes, os tubos de oxigênio também eram poucos.

---

<sup>1</sup> Estudante de Pedagogia da UEFS.

Enfim, foi um momento muito triste que deixou marcas que só poderão ser reparadas por Deus.

— Nossa! Quanto sofrimento...!

— Olha, eu sofri muito, minha neta. Cada vez que assistia os noticiários na TV, eu sofria mais e mais, pois tinha muito medo de me contagiar, passar para alguém ou até mesmo de morrer, pois você sabe que eu tenho problemas respiratórios, né? Além disso, estava numa fase de trabalhar as minhas várias couraças.

— Entendo. Mas, couraças? O que é isso?

— Eita, agora eu vou ter que me lembrar um pouco de Wilhelm Reich para explicar!

— Bom... Couraças são “couraças” (risos) seriam armaduras psíquicas congeladas em nossos corpos gerando neurose, psicopatologias, doenças psicossomáticas, e dificuldades sexuais e de relacionamentos consigo e com o mundo.

— Nunca tinha ouvido falar nessa palavra, vó. Será que todo mundo tem couraças?

— Sim, querida. Nós somos um conjunto de traumas que adquirimos da nossa vida, antes e depois do nascimento. Além disso, herdamos muitas coisas dos nossos pais, aí já viu, né?

— E a senhora já tinha esses problemas respiratórios desde sempre? Eu achava que era coisa da idade.

— Não, minha querida! Eu sempre tive esses problemas respiratórios e segundo a teoria de Reich eu adquiri no momento do parto, pois eu fui de parto cesariano e esse é muito violento com os bebês. Imagina aí, você dormindo, relaxada, do nada vem uma mão e te tira de um ambiente que você passou meses, que você sente sua mãe, está ligada a ela o tempo todo e é cortada esta relação. Um choque, né?

— Verdade, vó. Que interessante! A senhora poderia me contar um pouco sobre esse tal de Reich?

— Oh minha Ariel, você se parece muito comigo mesmo. Você está sempre em busca de aprender algo ou de saber mais! Eu aprendi um pouco sobre ele há muito tempo, quando eu cursava Pedagogia na UEFS durante as aulas de Sexualidade e Educação. Mas, meu tio Flávio, marido da tia Sheila, estava fazendo uma Especialização em Reich e me informou também sobre algumas

coisas. Foi uma fase bem rica pois a discussão da aula perpassava a Universidade e ia até nossa família.

— Me conta vó, me conta um pouco sobre ele, por favor!

— Bom, Wilhelm Reich, era um médico psicanalista austríaco, um dos primeiros discípulos de Freud, mas que depois de discordar de suas ideias fora expulso do grupo de psicanalistas seguidores de Freud, sendo considerado louco, pornográfico, e etc, por conta de suas ideias que defendiam uma política de liberação sexual. Além disso, segundo Reich, as famílias eram microproduções do Estado que bloqueiam o desenvolvimento natural e sexual das crianças, que aprendiam a obediência a figura paterna, onde sua criatividade espontânea e natural era destruída lentamente, para a formação de cidadãos funcionais, obedientes, passivos, à serviço do capital, funcionando como máquinas fáceis de serem manipuladas e controladas sem direito a se opor. Porém, ele não atribuía esse papel somente às famílias, mas também às religiões, com o seu moralismo, noção de pecado, culpa, transformando o corpo, o sexo e o desejo, em demônios pecaminosos.

— Então ele era revolucionário mesmo!!!... E o que mais a senhora aprendeu sobre ele na aula e com o seu tio?

— Eu aprendi também que as neuroses e patologias são causadas por culpa das estruturas sociais que Reich criticava.

— É? Como assim, vó?

— Bom, Reich dizia que as neuroses e as patologias eram causadas por estas estruturas sociais, que iam contra a nossa natureza humana normal. Elas nos afetam desde a gestação, por conta de algum estresse ou situação de violência vivenciada nessa fase, até a idade dos 5 anos, onde o nosso caráter seria formado. Além disso, em uma pesquisa que eu fiz sobre o assunto eu descobri que Reich dizia que o nosso temperamento era herdado geneticamente, a nossa personalidade seria formada com as vivências e experiências em sociedade, e o caráter, seria formado pelo “congelamento” da neurose em nossos corpos e na maneira de agir e responder ao mundo, de acordo com o momento onde o “trauma” ocorrer desde a gestação até ali nos 5 primeiros anos de vida. Ou seja, dentro da barriga da nossa mãe, já sofremos influências sobre nosso comportamento.

— Que fantástico saber disso!!!!

— Você é uma graça, minha menina!

— Vó, a senhora conseguia relacionar o conteúdo estudado nesta disciplina, com o contexto que a senhora estava vivendo, ou hoje em dia?

— Bom, eu não fiz só relações, como também refleti muito sobre a sociedade, seus costumes e as consequências de várias ações. Por exemplo, nós seres humanos, racionais, em especial as mulheres, devido o preconceito e os “tabus” não conhecemos o nosso corpo, o seu funcionamento, com isso surgem vários problemas, como: gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, desinformações... isso tudo porque falar de sexualidade é um tabu, é sempre segredo, tudo escondido. Silenciado. Sexualidade mesmo com tantos anos passados ainda não está presente nas nossas discussões em sala de aula, família ou cotidiano. Nós mulheres, muitas vezes, tínhamos que chegar à universidade para saber como funciona o nosso ciclo menstrual e coisas do tipo, e isso de certa forma interfere muito no nosso comportamento, na nossa saúde e até na nossa felicidade. Sexo é fonte de vitalidade, de felicidade, de alegria. Orgasmo é vibração corporal. Ter contato com estas energias de forma consciente e responsável só traz satisfação e mais conhecimento. Então, ter contato com assuntos tão pertinentes, fez a diferença para minha vida, assim como das minhas colegas. Por isso, hoje sou uma idosa feliz, realizada sexualmente e na vida.

— Vó, a senhora gostava de saber dessas coisas, né? Foi importante demais...

— Claro que sim, minha filha. Saber essas informações me ajudaram a entender muito mais sobre os meus comportamentos, de seu avô e o comportamento das pessoas que eu conhecia. Aprendi a ser mais compassiva, a entender as feridas alheias... sem julgamentos. Conhecimento é vida! Tive como orientar seu pai, conversar com sua mãe sem ser invasiva, sendo respeitosa, educando para que sua concepção fosse amorosa, você fosse uma criança querida desde o ventre, um nascimento repleto de alegrias...

— Ooooh vó... emocionei agora!

— Você é uma moça saudável porque sua família buscou caminhos para isso.

— Voltando ao assunto pandemia, como a senhora conseguiu passar por todo o período e hoje me contar com tanta simplicidade?

— Minha filha, a vó apenas tenta narrar de uma forma mais leve para você. Mas foi difícil, viu?

— Eu te entendo ... mas sei lá.

— Olha Ariel, a pandemia me trouxe muito medo, que esta relacionado com um dos três cérebros que Reich defendia (o reptiliano, responsável pelo primitivo, raiva, sexo, fome, medo, etc.), mas eu tinha que acreditar em dias melhores, em Deus e na Ciência que estava fazendo grandes estudos para termos uma vacina eficaz para nos imunizar contra o vírus.

— Vó, mas como estava a sociedade como um todo? As pessoas estavam vivendo como?

— Algumas pessoas não acreditavam muito no perigo do vírus e viviam “normalmente”, mas no geral, foram estabelecidas algumas medidas sanitárias que, de certa forma, fazia com que a sociedade estivesse mantendo: distanciamento social e uso de máscara. Tudo isso como forma de tentar diminuir o número de casos.

— A senhora disse que estudou, mas não tinha distanciamento na universidade?

— Sim querida. As aulas passaram a ser remotas, igual às que você tem na sua escola. Nós ficamos um ano sem aula, pois a universidade não tinha condições de abrigar todos os estudantes mais funcionários e professores sem risco de contágio. Com discussões e uso de plataformas digitais conseguiram uma forma de voltar às aulas de forma remota, pois os estudos não poderiam parar. Além disso, o Governo, ainda que tivesse cortado muitas verbas para o ensino superior, disponibilizou auxílios para que estudantes menos favorecidos, dentro dos requisitos estabelecidos, pudessem comprar equipamento para realizarem as aulas *online*.

— Mas como foi essa mudança de modelo educacional?

— De início eu fiquei bastante confusa, pois não sabia mexer muito bem com os aparatos tecnológicos, com os aplicativos ou portais. Mas, nada que com o tempo não fosse me adaptando, até porque nós somos seres humanos e somos adaptáveis, não é?

— Vó, a senhora gostou de estudar remotamente?

— Foi muito difícil para mim não ter o contato com as minhas colegas e não estar no ambiente que eu tinha como minha casa, mas foi possível aprender muito. Eu tive contato com as TICS, fiz trabalhos, provas, participei de apresentações e de eventos *online* e dei continuidade a minha vida acadêmica como era possível no momento.

— Me dá mais detalhes para minha pesquisa, vó.

— Com o número de mortes aumentando cada dia mais, vários estabelecimentos e instituições tiveram de ser fechados para tentar evitar que o número de contagiados aumentasse. Até mesmo as instituições educacionais foram fechadas. Foi muito difícil, pois eu estava prestes a me formar e como de imediato não teve como implantar um semestre remoto, para ter aulas *online*, eu fiquei um ano sem aulas e com isso aumentou minha ansiedade muito! Foi aí que eu comecei a perder o sono e peso e me desmotivar de continuar estudando. Mas, fui buscando forças em Deus e consegui superar essa fase. Quando eu consegui ser aprovada na Residência Pedagógica e tive contato mesmo que virtual, com outras estudantes de Pedagogia, com a preceptora e com a Escola que seria o meu futuro ambiente de trabalho, senti uma alegria imensa... nooossa! Eu aprendi muito nesse período sobre as pessoas, a valorizar as pessoas e te garanto que a forma remota me proporcionou aprendizagens que não teria no modelo presencial.

— Deve ter sido difícil para a senhora e toda a sociedade ter que lidar com essa situação de uma hora para outra e sem muito suporte.

— Foi sim, Ariel.

— A senhora aprendeu o que mais nesta disciplina sobre Sexualidade?

— Aprendi sobre a evolução de nossa sexualidade, sobre nossa energia sexual. Foi possível fazer relações com outras disciplinas (Psicologia, História e Fundamentos Biológicos). Aprendi um pouco mais sobre a comunidade LGBTQIA+ (a questão de acesso à educação e direitos). Discutimos sobre pornografia e perversão, desconstruindo algumas ideias e aprendendo novas coisas sobre.

— Quanta coisa a senhora aprendeu hein!

— Eu aprendi muita coisa e que foi significativa para mim como pessoa. Uma coisa importante: Reich falou que possuíamos sete segmentos em nossos corpos que podem estar bloqueados e encoraçados.

— Qual foi o motivo que a senhora gostou mais desses?

— Porque eu pude relacionar bastante com a minha vida.

— Ué, como assim? As couraças são causadas por nossos traumas, que nós de alguma forma, buscamos nos defender e ficamos encoraçados, né? Que sete segmentos são esses que a senhora não me contou, vó? Todos nós temos esses sete?

— Eu acabei me passando. Porém, vou tentar te explicar, tá certo?

— Ótimo! Vou anotar o que achar interessante.

— Bom, segundo Reich, nós temos sete segmentos: ocular, oral, cervical, torácico, abdominal, diafragmático e pélvico. Cada um desses está relacionado com parte do nosso corpo e que de alguma forma, sofrem bloqueios causados por traumas. Por exemplo, eu descobri que o problema respiratório que tenho está relacionado com o segmento torácico. Saber disso me ajudou a me entender, a me aceitar e eu fiquei extremamente grata, pois comecei a me amar, a ter segurança na vida. Entendi meus pais, suas lutas. Honrei suas histórias... eles fizeram o possível.

— Que lindo! Vó, eu que tenho problemas de tireoide, que segmento esta relacionado?

— De acordo com o que estudei e o que pesquisei, o segmento comprometido é o cervical, que também pode estar relacionado não só com a disfunção da tireoide, como com a dificuldade na fala. Mas, é claro que você não deve levar meu “diagnóstico” como algo certo, definitivo, pois não sou formada para isso. Você deve procurar ajuda de um profissional da Análise Bioenergética para identificar e saber lidar com seus traumas.

— Vó, então com tantos problemas, traumas que as pessoas têm, podemos dizer que terapias todos deveriam fazer?

— Sim. Foi até um assunto que debatemos durante uma aula. Todos somos imperfeitos, temos nossas dificuldades... não podemos nos achar melhores nem julgar ninguém.

— Nossa, já passou mais de uma hora e estamos aqui aprendendo e trocando saberes, vó. Para finalizar a entrevista, eu queria que a senhora me resumisse do geral como foi todo o período pandêmico, não focando só na escola, mas também na vida da senhora.

— Repito que foi muito difícil, fui buscando forças em Deus e consegui superar essa fase. Creio que a resiliência que desenvolvi veio da minha Fé.

— Ainda bem que eu tive a oportunidade de ter a senhora para me orientar desde sempre, pois eu acho que seria muito difícil conviver com as dúvidas que eu tinha.

— Sim minha, minha querida. A informação faz a diferença em nossas vidas. E com estas informações seguras e amorosas mais a Fé nossa família tem caminhado sem muitos problemas.

— Verdade, vó. Agora eu quero aquele bolo de milho com café passado na hora que a senhora sabe fazer!!!!

— Já está na mesa nos esperando!

### *A Roda da Vida*

Enquanto minha neta desliga o celular e se encaminha distraída para nossa sala, eu olho para ela cheia de afeto e esperanças. Vejo uma mulher consagrada e cheia de sabedoria! Sei que ela tem um enorme caminho a ser percorrido rumo ao autoconhecimento e à realização profissional. Sua jornada se dá já na transição planetária e rezo para que se abram portais para muitos novos caminhos. De mim ela receberá sempre bênçãos e o conhecimento como ferramentas sagradas para caminhar livremente com segurança e sucesso.

## ESCREVIVÊNCIAS NO CENÁRIO PANDÊMICO

Edene Pereira de Castro Silva<sup>1</sup>

Estas escrevivências das minhas mais recentes experiências e as discussões realizadas nas aulas da disciplina BIO161 – Saúde e Espiritualidade a qual foi ofertada a estudantes do curso de Licenciatura e Bacharelado em Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), foram produzidas como atividade avaliativa durante o semestre 2021.2. As aulas foram ministradas virtualmente pelos Professores André Renê Barboni e Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni, através da Plataforma *Google Meet* às terças-feiras. O formato ensino remoto adotado pela UEFS foi devido à pandemia da COVID-19.

Pretendo compartilhar algumas reflexões sobre a minha vivência e a relação com o cenário pandêmico iniciado em 2020 e que trouxe com ele uma situação sanitária muito complexa e como uma de suas decorrências, a suspensão das aulas presenciais. Foi preciso reaprendermos a viver, principalmente diante do cenário de instabilidade e insegurança onde o medo tomou conta de todos numa grande crise sanitária de impactos sociais e econômicos.

Tal cenário fez com que diversos países fechassem as portas pois o agente causador era um vírus desconhecido e conforme o tempo foi passando as informações sobre a doença foram sendo esclarecidas cientificamente, mas mesmo assim milhões de pessoas se contaminaram e morreram, tanto no exterior como no Brasil.

Este era um ano em que eu tinha muitos sonhos, anseios e desejos a realizar, viajar por algumas regiões do Brasil e poder usufruir de tudo o que estivesse ao meu alcance. Infelizmente todo esse planejamento caiu por água abaixo! Os sorrisos foram ocultados pelas máscaras e passamos a sorrir pelos olhos.

Passados quase dois anos de pandemia ainda continuamos enfrentando os obstáculos para sobreviver diante do caos que o vírus trouxe consigo, mas a esperança de continuar vivendo com saúde e se agarrando na esperança de não sermos contaminados sempre foi maior. E a sonhada e tão desejada vacina foi aprovada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e assim a esperança se intensificou. Faz um mês que completei a minha imunização com as duas doses conforme programa recomendado pelo Ministério da Saúde.

---

<sup>1</sup> Estudante de Bacharelado em Filosofia da UEFS.

### *A Roda da Vida*

A cada dia o número de pessoas vacinadas aumenta e os leitos de Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) têm sido menos ocupados. Óbitos por COVID-19 sofreram a maior queda desde o início do ano, este é um excelente motivo para nos alegrar! Viva a ciência, viva o Sistema Único de Saúde!

Neste cenário instável – de um lado o medo de toda a situação que vivenciamos e de outro a esperança de dias melhores, com dias tensos, repletos de muitos cuidados, o distanciamento, a preocupação com a saúde – ocorreu um outro agravante para meus pesares que foi perda da minha mãe. Não em decorrência da COVID-19, mas devido a outros problemas de saúde.

Perdi o chão! Faltaram-me forças para reagir àquela situação... Quando soube dessa disciplina surgiu em mim um interesse imenso de conhecer do que se tratava pois estudaria temas essenciais para tentar compreender como a espiritualidade é importante nas nossas vidas. Fiz a disciplina e os estudos de correntes filosóficas foram analisados e discutidas nas aulas. Cada pensamento trouxe aproximações com o que eu pensava e acreditava.

Compreendi que a espiritualidade é percebida ou vivenciada por cada um de seu jeito; que ela trata de aspectos amplos no que diz respeito ao entendimento da subjetividade e da experiência de cada indivíduo em sua jornada, por isso é de suma importância para a compreensão fundamental de ser humano.

Importante ressaltar a importância do espaço da disciplina para tratar de tema que estabelece relações e conexões que são de suma importância para o entendimento de nós próprios, da saúde e espiritualidade e seus significados principalmente neste contexto pandêmico.

Em diversos momentos estive pensando sobre porque as pessoas que amamos morrem. Ah, mas mãe deveria ser eterna! O existencialismo de Sartre me proporcionou pensar e refletir sobre, visto que eu existo e penso. O meu pensamento era por diversas vezes algo que recaía em muito sofrimento, mas com o passar dos meses este sofrimento foi se transformando em saudade.

A dor e a saudade andam lado a lado, e a saudade de quem amamos torna-se maior que qualquer dor. É como Sartre discute em sua corrente filosófica de que somos sujeitos livres. A liberdade de escolhas que cada indivíduo possui serve para a construção das suas essências individuais. Por isso ao invés da dor e aperto no peito gerado pela dor da perda, escolhi ter saudades – quando na verdade queria ter o poder de escolher trazer minha mãe à vida. Infelizmente isso não é possível...! Penso que é melhor deixar que sua alma e espírito descansem em paz para que aqui também eu pudesse seguir.

Voltando à Sartre. Quando penso sobre o conceito de que o indivíduo é o único responsável por suas escolhas, penso imediatamente no fato de que estas escolhas levam à perda. Mais uma vez aparecem diversos questionamentos sobre que mal eu fiz, se em algum momento como filha não fui negligente com a saúde de minha mãe ou se ela mesma não praticou como deveria o autocuidado... Estes questionamentos me fazem lembrar de uma aula em que a Pró Suzi Barboni tratou sobre um olhar sobre a saúde pública e sobre a espiritualidade na qual foi falado sobre corpo, mente e espírito na saúde para além da matéria.

A partir destes estudos foi possível para mim compreender que para além da matéria há coisas das quais fazem sentido e que precisamos aprender a acessar. A religiosidade e a espiritualidade andam lado a lado. A fé que Deus existe e tudo pode e saber que Ele faz o que é melhor para seus filhos é incontestável aos olhos humanos que acalentam essa certeza. Acredito que minha perda ocorreu conforme a vontade de Deus e é indubitável. Tenho fé que um dia ainda iremos nos encontrar, eu e minha mãe, que daremos continuidade ao que pude viver ao seu lado na passagem terrena.

Muitas vezes queremos que somente coisas boas aconteçam mas a dualidade entre vida e morte, bem e mal está atrelada à nossa existência na Terra, que tem no seu âmago um princípio de equilíbrio, de ordem, na unidade da criação divina.

Sem dúvida, escolher entre a vida e a morte é algo que não depende de mim, mas das circunstâncias da vida. É compreender que somos constituídos também de matéria perecível que a qualquer momento se desfará, pois é corruptível. Fica a nossa história e o que vivemos poderá sempre ser lembrado por todos que nos amavam.

Para enfrentar a realidade da vida a prática da resiliência tornou-se corriqueira para mim, através de vivências e ressignificações internas, muito minhas, entre eu e Deus. Após os impactos procuro retornar com maior equilíbrio possível, certa de que a força interior é de suma importância para que pudesse superar a angústia existencial.

Uma prática que contribuiu muito para essa minha resiliência foram as técnicas de respiração e meditações guiadas trazidas pelos professores durante as aulas e as meditações através de vídeos dos canais de YouTube. A meditação me proporciona o equilíbrio do meu corpo e me faz sentir meus órgãos em perfeito estado em funcionamento. Meditar é se permitir viver com consciência e mais qualidade de vida. Meditar é se desconectar deste mundo louco e desenfreado! é reconhecer em si um grande potencial de cura e equilíbrio pois às vezes vivemos tão sobrecarregados que nos esquecemos que somos nós próprios que temos que cuidar do nosso corpo, mente e espírito.

Essas técnicas me fazem ter consciência de todo o processo vivido até aqui e são necessárias para que eu possa continuar vivendo com saúde, bom humor e sabedoria. Em síntese: resiliência é saber encontrar seu ponto de paz na vida e assim conseguir administrar as emoções e sentimentos. Não ter controle dos sentimentos e emoções é como estar na praia sentada na areia e de repente vir em sua direção uma grande onda e não ser possível escapar, sair dali a tempo de não ser atingido, e onda te cobrir dos pés a cabeça. Isso causa um grande reboiço e aquele momento nos tira do chão, da suposta segurança, como se a vida te sacudisse e sua existência se resumisse ao nada! Afinal o controle que achamos ter some em questões de segundos.

A sua existência se resume somente a existir e tudo que você acredita parece não fazer mais sentido e o vazio toma parte de você. Mas a mesma onda do mar que tentou te afogar volta para o mar, se dilui e se acalma ainda que em ritmo lento. Aí vêm as demandas corriqueiras, o faz e refaz dos percursos da vida e é necessário abandonar o vazio e reagir, e assim a dor dá lugar à saudade, às lembranças de como tudo foi lindo mesmo tendo um final não tão feliz, porém é preciso aceitar o ciclo da vida.

Acredito que tudo que aconteceu e que vivi tem um propósito que ainda não consigo compreender, mas aceito, pois tenho fé que Deus tem sempre o melhor para os seus.

A gratidão é um sentimento muito importante para que eu pudesse entender que todos os ciclos tem começo, meio e fim e que devo simplesmente deixar ir e vir, e que viver é compreender a dualidade entre vida e morte. A vida proporciona encontros e desencontros com pessoas adoráveis!

O que é cabível a cada ser humano é praticar o exercício da gratidão, ser grato a tudo enviado pelo Universo, pois como já foi dito há coisas que nos fogem do controle, por isso, ser grato é essencial. Não podemos conduzir a vida como um passo de dança latino-americana. Ela é que nos conduz da melhor forma possível e nos cabe aceitar e contemplar as maravilhas que ela agrega e permitem ser quem somos.

A vida é efêmera e por isso deve ser bem vivida e valorizada. Viver é ter coragem de não perder tempo com bobagens. Viver é aprender a dançar no sol e na chuva... a chuva refere-se à situações embaraçosas e o sol, às belezas da vida.

Neste momento me pego pensando sobre a afirmação socrática que diz assim: “Só sei que nada sei”. Neste sentido ao passo que nos achamos detentores do *logos* (razão) do controle e noção sobre as coisas somos deparados com inúmeras dúvidas existenciais. Entre saber e não saber, entre o certo e o errado. Voltei ao dualismo...!

De fato, as coisas começam a se reestabelecer e a vida apresenta a sua dualidade entre o ser e o não ser, o bem e o mal, o certo e o errado. A vida e suas nuances nos trazem em si seu rigor, simplicidade, amorosidade e por que não dizer, perversidade? Ela é perversa e disso não tenho dúvidas, mas prefiro encarar com outros olhos para não tornar a caminhada ainda mais difícil!

Mesmo diante de todas essas situações embaraçosas e que pensamos não ter saída, uma atitude de fé pode mudar: é possível acreditar que o próximo dia virá e poderá ser melhor que o dia de ontem e ainda que em determinadas situações pareçam ser invencíveis, é preciso acreditar que na vida tudo tem um aprendizado a acrescentar na nossa passagem pela Terra.

## RODA DA VIDA E A LINHA DO TEMPO, TEMPO, TEMPO...

Ricardo Ferreira Rocha<sup>1</sup>

*“És um senhor tão bonito  
Quanto a cara do meu filho  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
  
Vou te fazer um pedido  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
  
Compositor de destinos  
Tambor de todos os ritmos  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
  
Entro em um acordo contigo  
Tempo, tempo, tempo, tempo”.*

Trecho da música. Oração Ao Tempo. Composição de Caetano Veloso.

...E tudo é como roda gigante, quando gira o mundo? Tudo pode acontecer! Esquecer então ou não? Quem sabe, talvez!

Este conto tem de por objetivo lhes dizer: “Você também é capaz”! “Eu sou porque nós somos”! Um fortalecimento a memória coletiva. Trata-se de um conto de jovem menino que saiu, que saiu do interior da Bahia, para viver sonhos, ilusões, alegrias, dores, felicidades e muito amor em um novo ambiente, mas sem nunca esquecer, seu cantinho de paz. Axé! Amém! Namastê...

Resgatar uma trajetória de muitas particularidades carregadas de algumas estórias e outras histórias reais, inspiradoras e que trata muitas singularidades em uma época, onde sentir a areia nos pés, soltar pipa na rua, jogar bola, ajudar na plantação, pegar água na fonte, varrer o terreiro, ir para a feirinha próxima ao Mercado do Peixe para vender as colheitas, entre outras atividades do dia a dia, eram mais importantes que redes sociais e ferramentas tecnológicas. Uma história de retorno às suas origens ao interior, a roça onde costumava sentar no terreiro/quintal e matar as saudades dos avós, bisavós e demais familiares. Assim poder ouvi-los contar “causos”, muitas das vezes instigante, que sempre deixam todos entretido e muitas das vezes maravilhados com tantos “causos” inusitados.

---

<sup>1</sup> Estudante de Licenciatura em Filosofia da UEFS.

Sinto-me bem mais próximo daquele lugar e de seus espaços quando revivo essas lembranças. É como se toda vez imaginasse aquele lugar e despertasse vários sentimentos. É como se tivesse me conectado, reconectado novamente àquelas vivências da roça.

As lembranças da juventude e da infância serão resgatadas e trazidas para vida adulta por meio do contato diário com a natureza e com as belezas que fazem parte da roça.

Sinto que quando eu frequento o povoado da paz durante a infância, eu me sentia completamente livre. Quando fiquei adulto, não me sentia mais dessa forma. Agora, nesse “novo normal” devido pandemia, podendo passar meses novamente por lá, consegui despertar novas sensações e aproveitar a natureza e reviver momentos.

Nesse início a intenção é fazer um paralelo, entre o interior e a cidade e refletir e desbravar, um turbilhão de sensações e sentimentos dando asas à imaginação. O importante aqui, para quem vai acompanhar essa épica narrativa é viajar com a obrigação de buscar conhecer a nossa própria essência.

O ano era 1995. Nasci. Hoje um jovem rapaz chamado Brutos, que vivia em uma cidade do interior da Bahia, com seus pais, cinco irmãos e um cachorro, chamando de Carniça. Durante muitos anos essa família viveu na roça no Povoado da Paz, zona rural de Cachoeira. Em 2000, os pais de Brutos resolveram mudar de cidade (lugar que residem até os dias de hoje) vindo para uma chamada cidade grande, conhecida como a Princesa do Sertão ou Feira de Santana.

Uma família muito pobre que resolveu abrir um comércio e investir na venda de gêneros alimentícios. No decorrer dos tempos tiveram muita dificuldade, aos poucos conseguiram se estabelecer e conseguindo ganhar seu pão de cada dia. Passaram maus bocados, numa luta diária, morando de aluguel, mas sempre em busca de conquistar seus objetivos.

Assim, quando conseguiram o primeiro empréstimo bancário compraram sua casa própria. A mãe de Brutos dona Olivia ficou muito contente! Era só gratidão e em 2005 iniciam uma nova vida morando na sua tão sonhada casa própria! Logo as coisas foram se acertando, os filhos dona Olívia começaram a trabalhar e estudar. Mas havia um filho que demorou para se decidir, deixando-a ansiosa. Esse era Brutos.

O filho caçula não queria apenas trabalhar, queria buscar novas oportunidades diferente dos irmãos que seguiram suas vidas no comércio junto com pai, senhor José, que além ter seu próprio estabelecimento dirigia seu próprio caminhão fazendo entrega dos seus produtos.

Com passar dos anos todos os filhos estavam bem encaminhados trabalhando com José. Brutos toma uma decisão: estudar em um cursinho pré-vestibular gratuito. Brutos tinha um sonho ser o primeiro filho a ingressar no nível superior. Passado algum tempo, ele finalmente conseguiu realizar seu sonho. Quando viu seu nome na lista de aprovados ficou muito satisfeito e exclamou: “Consegui, consegui!!!! fui aprovado na Universidade”. O ano era 2016 e ele realizaria um sonho! conseguiu ser aprovado em 1º lugar na Universidade Estadual de Feira de Santana para cursar Filosofia e se tornar futuramente professor de Filosofia.

Tempos difíceis, pois, a família passava por uma situação bem delicada no seu comércio. E Brutos teria que se dedicar só aos estudos e ajudar seus pais. Em casa restavam apenas Brutos e seu irmão Beto que continuavam a morar com seus pais. Os outros três irmãos casaram-se e seguiram sua vida.

O jovem Brutos não esquecia sua origem e nessas idas e vindas à sua terra natal partilhava com sua avó – vovó Elvira era sua maior apoiadora e incentivadora – todas as dificuldades vividas em Feira de Santana. Os dois tinham uma relação maravilhosa de amor e afeto. Sempre o incentivando-o aos estudos dizia: “Meu filho, estuda viu? As coisas está difícil...!”

No segundo semestre acadêmico, Brutos começa a participar de causas sociais, movimentos populares nunca esquecendo de ajudar seu próximo. Esse ensinamento de ajuda e dedicação aprendeu com sua avó. Ela era muito querida na comunidade da Paz, parteira que ajudou a vir ao mundo muitas vidas. Em suas férias de janeiro Brutos vai para cidade da Paz e no dia 29 de janeiro 2018 ajudou vovó Elvira a realizar um parto. Tomado pela emoção e sensação inesquecível ajudou a senhora Clara a ter sua primeira filha, Maria do Céu, que se tornaria primeira afilhada de Brutos. Maria veio ao mundo antes da hora nascendo em sua própria casa. Momento de muita alegria e emoção! Esse seria o último parto realizado por vovó Elvira. Até porque a Cidade de Cachoeira já possuía maternidade.

Ao voltar de suas férias Brutos se depara com seu pai em casa, triste, relatando que teria de fechar seu comércio e seguir outros caminhos. A família tinha sido roubada por um parente do sul. Esse primo distante da família que foi acolhido e ajudado durante o tempo que permaneceu em Feira de Santana, fugiu deixando dívidas e contas para pagar. Seu José homem direito e honesto se desfez do seu comércio para pagar os furtos e dívidas que seu primo fez. O primo Pablo fugiu e se envolveu com o tráfico na cidade de Salvador sendo morto por seus comparsas.

Com a crise e perdas, Brutos tem que começar a trabalhar fora. Tem que conciliar os estudos com o trabalho para poder se manter na Universidade e ajudar a família.

Durante o ano de 2018 tempos muitos difíceis assolaram a família, porém nunca desistiram. Seu José usa seu único bem que resta para continuar trabalhando, seu caminhão e manter o sustento da família e continuar pagando as dívidas deixadas, Brutos e seu irmão ajudavam nas despesas e sua mãe cuidava da casa e vendia produtos de beleza para poder ajudar nos gastos. Depois de um ano muito difícil a família consegue se reerguer e pagar o restante das dívidas.

O tempo foi passando e Brutos foi ficando cada vez mais experiente e então, quando chegou o ano de 2020 e ele próximo a se formar eis que se depara com um cenário devastador e de muita instabilidade e insegurança mundial. O mundo passa por um momento delicado o medo tomou conta de todos. Fomos assolados pelo vírus da COVID-19 que instaurou uma crise sanitária de grandes proporções. Nesse momento a Universidade permanece fechada devido a pandemia.

Tal cenário fez com que diversos países do mundo decretassem isolamento social e o mundo vivia um caos. Um vírus desconhecido que com o passar dos meses foi se alastrando, e vitimando milhões de pessoas. O Brasil quebrando recordes de mortes diárias. Fecham-se escolas, universidades, comércio e mais uma vez a situação do rapaz fica delicada. Brutos e sua família que estavam se recuperando de um prejuízo também sentem na pele os desastres causados pela pandemia.

A pandemia<sup>2</sup> provocou, em um ano (março de 2020 a março de 2021), 305 mil mortes acima do esperado no Brasil. Essas mortes ocorreram direta ou indiretamente por COVID-19. Para tanto se as medidas de distanciamento social e controle tivessem sido adotadas, haveria uma redução de 40% no potencial de transmissão do vírus. Com política efetiva de controle baseada em ações não farmacológicas (uso de máscara, álcool em gel, distanciamento e isolamento, entre outros) 120 mil vidas poderiam ter sido poupadas no primeiro ano da pandemia no Brasil. Menos de 14% da população brasileira fez testes de diagnóstico para a COVID-19 até novembro de 2020. Pessoas com renda maior do que quatro salários mínimos consumiram quatro vezes mais testes do que pessoas que receberam menos de meio salário mínimo.

---

2 Dados e informações retirado do <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-milhares-de-mortes-por-covid-poderiam-ter-sido-evitadas-no-brasil>.

Desigualdades estruturais tiveram influência sobre as altas taxas de mortalidade, atingindo principalmente negros e indígenas, pessoas com baixa renda e baixa escolaridade.

Apesar de uma situação sanitária muito difícil e de muitas perdas a população brasileira encontra um outro problema. Uma crise política causada pelo seu chefe de Estado. Essa crise traz muitos prejuízos para população. Com dificuldade e muitas disputas políticas inicia-se no ano de 2021 uma campanha de vacinação lenta e precária mas que apesar da demora salvaria muitas vidas.

Com a vacinação, aos poucos o Brasil e o mundo voltam a seu “novo normal” mantendo-se as medidas restritivas de distanciamento social, uso de máscaras e higienização das mãos.

Com a volta do “novo normal”, Brutos e sua família voltam a se restabelecer e adequando-se à situação triste que mundo está enfrentando. Nesse caminho tão complexo e difícil, Brutos vai realizando seu sonho de terminar seu curso de Filosofia e se tornar o primeiro graduado da família.

Nesse final de caminhar o jovem se depara com uma disciplina chamada SAÚDE E ESPIRITUALIDADE. Mas uma vez o destino foi generoso com Brutos! Ele não sabia que mais à frente teria que se apegar com a fé para poder continuar tendo prazer de viver. Brutos jamais imaginaria em sua vida que encontraria algo tão importante nesse fim de curso.

Brutos estava passado por momentos de muita provação psicológica e espiritual. O rapaz precisava se apegar ainda mais à Fé. No mês de junho, Brutos perdeu sua irmã por problemas de sua saúde. A jovem Thais que passava por problemas psicológicos que se agravaram e mesmo com todo suporte da família não foi possível salvar a jovem Thais, mãe de três filhas.

Problemas de saúde que ela manteve escondido pois já não tinha mais vontade de viver. Seguiu assim para o descanso eterno! Momento de muita dor e aflição tentando se conformar e na certeza que a vida tinha que seguir seu trajeto natural, Brutos e seus familiares não esmorecem apesar de muita saudade!

Com início das aulas, em agosto, Brutos começa a se reencontrar na disciplina Saúde e Espiritualidade, a qual trouxe temas diversos que envolvem a Fé a saúde e o cuidar de si e do outro. Foram momentos legais, maravilhosos de muita troca e partilhamento de saberes ao longo do semestre. Uma verdadeira roda da vida nas tardes de terça-feira, dias que ocorriam os encontros. A então roda de conversa contribuiu bastante com processo de formação humana do rapaz. Com o passar do tempo a vida voltando a normalidade com alma leve e esperançoso, Brutos participava frequentemente dessas rodas de conversa nas terças.

Porém o jovem não imaginava que mais à frente uma outra perda abalaria sua vida, mas uma vez em 2021. Em outubro o jovem perdeu sua avó. A vovó Elvira, mulher que ele amava muito e viviam em grande sintonia! Mais uma vez a vida prega uma grande peça ao rapaz. Mais uma dolorosa despedida!

Outra vez buscando na Fé uma forma de entender tanta coisa acontecendo e ouvindo as aulas do Professores Anderson B. e Suzete B. o jovem mais uma vez consegue conforto para sua vida. Nesse mesmo momento o jovem começa a fazer acompanhamento psicológico e também terapia, além das aulas. Todos esses impulsos obtidos nos ensinamentos vividos em Saúde e Espiritualidade.

No entanto chegando ao fim desse ciclo da roda da vida o jovem vai conseguindo superar os desafios vividos na cidade grande e sempre retornando a seu cantinho de paz na roça onde sua adorada vovó Elvira, viveu por longos anos. O retorno para Cachoeira fazia parte de toda sua história pois era nesse local, na comunidade da Paz, que Brutos se reconecta com natureza em busca energias positivas para continuar vivendo.

Com o final do semestre e como formando, Brutos continua sua saga de estudos sendo aprovado em um pós-graduação na UEFS. Assim, o jovem pretende seguir os passos dos seus professores e dar continuidade à disciplina Saúde e Espiritualidade na condição de professor.

Passados 6 anos Brutos se torna professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Em uma das reuniões de Área, o professor Brutos reconhece seus professores Anderson e Suzete, e se apresenta a eles lembrando que um dia tinha feito parte da sua “Roda da Vida” através da disciplina Saúde e Espiritualidade. Conversaram afetuosamente e como de costume ocorreram trocas de vivências e diversas informações. E eis que surge o convite: seus professores o convidam para assumir a disciplina pois os mesmos já estavam se encaminhando para aposentadoria. Brutos fica muito feliz e aceita o convite de imediato.

Desta forma os seus antigos e eternos mestres passam o bastão para o rapaz, fazendo o rito de passagem e pedem que ele continue através dos encontros levando esperança, empatia, e paz e amor através das aulas, para aqueles que buscam participar dessa disciplina que na verdade é uma Roda de troca de saberes e afetividade. E assim o professor Brutos segue esse caminho dando continuidade a esse legado e sempre convidando os professores Suzete e Anderson para fazer participações em sua roda de conversa em BIO161 SAÚDE E ESPIRITUALIDADE.

Então fica a lição não desista nunca você é muito importante!

### *A Roda da Vida*

Você também é capaz! A Roda da Vida entre a roça e a cidade não são ilusões, e/o conto e fábulas na verdade são histórias reais, inspiradoras e que resgatam as particularidades de uma vida repleta de supressas, onde sentir-se cansado e exausto fazem parte desse viver. Porém jamais devemos deixar perder nossa essência, o amor e preocupação com o próximo e a si próprio.

Andar com os pés na areia, subir em árvore e sentar ao lado de seus avós e mais velhos para ouvi-los contar “causos”, que muito tem a contribuir com seu processo de amadurecimento nessa vida, é algo de fundamental e de grande importância continuar seguindo e trilhando um caminho ao encontro do divino e do sagrado e do reencontro com sua ancestralidade.

Por fim, deixo aos leitores o prazer de percorrer um momento de encanto nos versos abaixo. Finalizo carregado de sensações e emoções que me remetem a um único sentido: “Seremos fiéis à nossa essência”. Axé! Amém! Namastê!

*“Por seres tão inventivo e pareceres contínuo,  
Tempo, tempo, tempo, tempo, és um dos deuses mais lindos...  
Tempo tempo, tempo, tempo...”*

*Que sejas ainda mais vivo no som do meu estribilho,  
Tempo tempo, tempo, tempo: Ouve bem o que eu te digo  
Tempo. Tempo. Tempo. tempo...”*

*Peço-te o prazer legítimo e o movimento preciso,  
Tempo, tempo, tempo tempo, quando o tempo for propício...  
Tempo tempo,tempo, tempo...”*

*De modo que o meu espírito ganhe um brilho definido,  
Tempo tempo, tempo, tempo, e eu espalhe benefícios...  
Tempo tempo, tempo tempo”...*

Trecho da música. Oração Ao Tempo. Composição de Caetano Veloso.

## RODA, RODA, RODA DA VIDA

Tatiele Nascimento Santos<sup>1</sup>

Roda, roda, gira, gira é assim a vida!

E por falar em vida reza a lenda, que bem longe daqui, há alguns anos atrás, nasceu uma garota chamada Estrela, que graças a Lua, sua mãe, e Sol, sua avó, veio ao mundo e hoje vive. Essa não é uma história típica dos contos de fadas, é a história de vida de alguém que ao nascer, mesmo não tendo consciência da vida, precisou lutar para que pudesse sobreviver e é isso que ela tem feito até hoje. E fazendo jus ao significado do seu nome, essa garota não emana apenas luz, ela reflete proteção e sobretudo esperança. Foi e é graças à coragem e fé de sua mãe Lua e de sua avó Sol, a esse eclipse, que Estrela hoje vive e tem se tornado a mulher que é.

Diferente da maioria das crianças, Estrela nasceu com uma doença chamada icterícia, uma doença em que o bebê nasce com olhos e pele amarelas havendo assim a necessidade de tomar banho de luz. Em um desses banhos de luz, a garota retirou as vendas dos olhos, tornando-se uma criança estrábica, vesga. Não sendo sofrimento bastante, a pequena ainda sofreu complicações no coto umbilical, o mesmo não caiu e foi preciso operar.

Nascer com icterícia fez a criança ter inúmeras dificuldades para viver, pois esta doença acabava por influenciar diretamente em todo o funcionamento do seu corpo, ocasionando diversos outros problemas.

Durante esse período inicial um dos comentários mais escutados pelos meus familiares é que a mesma não conseguiria sobreviver, mas mesmo assim as duas mulheres mais importante da sua vida – sua mãe e sua avó – não desistiram, por ela insistiram, lutaram cada segundo para que Estrela vivesse.

Após enfrentar essas dificuldades iniciais, parecia ainda não ter sido suficiente para que Estrela pudesse desfrutar da vida em paz. Aos três anos de idade, Estrela precisou realizar mais uma cirurgia às pressas, pois foi detectada uma hérnia que estrangulava e caso essa cirurgia não fosse feita de imediato a levaria à morte. E mais uma vez a garotinha lutou pela vida, mesmo sendo tão pequenina e sem a plena consciência de tudo que estava acontecendo.

Nessa idade já se observava o quanto sapeca ela era. Corria pra lá, corria pra cá, subia no portão, rolava no chão. O apego aos livros era nítido e de se admirar, e foi por meio de sua mãe que essa aproximação se deu. Lua dava

---

<sup>1</sup> Estudante de Pedagogia da UEFS.

### *A Roda da Vida*

aulas em uma escolinha do próprio bairro em que moravam e levava Estrela com ela, e como não se podia levar brinquedos para não tirar a atenção dos alunos, a criança passava a se divertir com as imagens coloridas e chamativas das aulas e livros utilizados.

Roda, roda, gira, gira é assim a vida!

E por se falar em vida, o nascimento de Estrela traz consigo a certeza de que em meio a tantas dificuldades, em nenhum momento se deve esquecer do sorrir, do cantar, de dançar, de pular, o chorar, o se lamentar e o parar também faz parte da vida e a vida quando bem vivida deve ser encarada com a liberdade, a pureza e a alma de uma criança.

O tempo foi passando, Estrela foi crescendo, aprendendo a viver, mesmo em meio a tantas dificuldades. As duas grandes mulheres e inspirações da vida de Estrela sempre incentivaram a mesma e foi graças a elas que conseguiu ser a primeira da família a entrar numa universidade pública aos 19 anos. O dia do resultado do vestibular está marcado para sempre na vida de Estrela: quando soube de sua aprovação, estava no trabalho, não se contendo de tanta felicidade ansiava pelo fim do expediente. Não conseguia segurar as lágrimas e foi para casa. Ao chegar na esquina de sua casa e ver sua mãe e sua avó vendendo acarajé desabou a chorar, e juntas compartilharam deste momento único.

Roda, roda, gira, gira é assim a vida!

E por se falar em vida em nenhum momento se deve esquecer do sorrir, do cantar, de dançar, de pular, o chorar, o se lamentar e do parar. É esta última sensação que me faz recordar de um momento acontecido recentemente na vida de Estrela, que hoje graduanda em Pedagogia, teve sua formação interrompida por conta de um acontecimento histórico.

Parar... Parada. Assim Estrela ficou quando tomou consciência da dimensão da pandemia especialmente quando invadiu a sua casa, a sua vida, o seu mundo de maneira tão inusitada. Ao recordar este momento, exclama: "oh que vida!!!!" Afastada das suas atividades, e cumprindo com a quarentena que lhe foi imposta de maneira tão necessária. De quarentena, longe de todos, só lhe restaram as redes, Whatsapp, Instagram... E os abraços, os beijos? Quando terei a oportunidade de desfrutá-los de novo? Esta era uma dos questionamentos que Estrela fazia.

Que surpresa foi, para Estrela, ter que se adaptar a este mundo de maneira totalmente remota e também como foi difícil saber que muitas das suas amigas sofriam em casa. "Casa" segundo o dicionário é lar, é família, é abrigo. Remete à segurança, mas eu ainda me pergunto que "abrigo" é este? Segurança

para quem? Muitas das suas amigas, sobretudo, durante a pandemia vivem neste lugar nada seguro, esse termo, esse espaço, essa estrutura que a elas assustam, amedrontam, as deixam em perigo e vulnerabilidade.

A vida neste período pandêmico, inclusive daquelas que foram “forçadas” a conviver diariamente com o seu agressor ficou ainda mais complicada, vidas como estas tiveram que submeter a torturas, ter além da sua saúde física abalada, teve a sua vida emocional e mental desconfigurada.

A pandemia traz à tona uma discussão não tão comum em “tempos normais” – a violência doméstica – e neste momento de reflexão convido MC Rol, Karol ComCê e Maria da Rocha para um chá da tarde em Nárnia, lugar de fácil acesso, lugar de liberdade de expressão, lugar este distante do perigo que é a COVID-19.

Quando Estrela se encontra com as suas três convidadas em Nárnia, já foi logo agradecendo às meninas por comparecerem ao chá da tarde, servindo-as com doces e guloseimas e de imediato dando início ao diálogo, interrogando-as:

— MC Rol e Karol ComCê vocês já sofreram violência doméstica ou conhecem alguém que sofre/sofreu?

MC Rol foi logo respondendo:

— “Presenciei tudo isso, dentro da minha família, mulher com o olho roxo, espancada todo dia. Eu tinha uns 5 anos, mas já entendia que mulher apanha, se não fizer comida.”

Karol ComCê logo após respondeu:

— “Desde pequenas aprendemos que silêncio não soluciona, que a revolta vem à tona, pois a justiça não funciona. Me ensinaram que éramos insuficientes. Discordei, pra ser ouvida o grito tem que ser potente.”

Estrela relata:

— Obrigada meninas pela partilha dos relatos. A violência doméstica não é um estigma da sociedade contemporânea. Ela acompanha o homem desde tempos imemoriais, mas, a cada tempo, ela se manifesta de formas e em circunstâncias diferentes, não é mesmo? De fato, nós mulheres, precisamos erguer as nossas vozes, não podemos nos calar. E você Maria da Rocha, como o seu caso ficou conhecido internacionalmente?:

— “Decidi escrever o livro Sobrevivi... posso contar “Em 1994, logo após o primeiro julgamento do meu agressor, quando ele foi condenado, mas saiu do fórum em liberdade por conta de recursos dos advogados de defesa. Nesse

momento, eu me senti órfã do Estado e decidi contar a minha história em um livro, pois se a Justiça não era capaz de condená-lo, os leitores poderiam fazer isso depois de lerem a minha história e os autos do processo. Foi assim que esse livro chegou às mãos de organizações não governamentais internacionais (CEJIL e CLADEM), que me perguntaram se eu aceitava denunciar o Estado brasileiro à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA. Fizemos a denúncia e, em 2001, o Brasil foi responsabilizado internacionalmente pela forma negligente com que tratava os casos de violência doméstica e “obrigado” a mudar as leis do País. Nessa época, estava sendo formado o ambiente de criação da Lei Maria da Rocha, que foi sancionada em agosto de 2006.”<sup>2</sup>

Estrela comenta:

— Memorável a sua luta Maria da Rocha! E o quão significativo foi a criação da Lei Maria da Rocha para nós mulheres. Você poderia nos dizer no que de fato consiste a lei?

Maria da Rocha responde:

— “A lei cria instrumentos de proteção e acolhimento emergencial à mulher em situação de violência, isolando-a do agressor, oferecendo também mecanismos para garantir a assistência social e psicológica à vítima e preservar seus direitos patrimoniais e familiares”<sup>3</sup>.

Após a fala de Maria da Rocha, Estrela comenta sobre e logo após levanta mais um questionamento:

— Fica nítido a partir da sua fala, a importância de tal Lei, “lei esta que protege as mulheres em situação de violência, salva vidas, pune os agressores, fortalece a autonomia das mulheres, educa a sociedade e oferece assistência com atendimento humanizado das vítimas”. MC Rol e Karol ComCê, a partir dos relatos de vocês, me respondam uma coisa: quando presenciaram cenas de violência, ou escutaram sobre o que passava pela cabeça de vocês?

MC Rol responde:

— “Mulher oprimida, sem voz, obediente, quando eu crescer, eu vou ser diferente. Eu cresci, prazer Rol, represento as mulheres, 100% feminista. Represento Aqualtune, represento Carolina. Represento Dandara e Xica da Silva. Represento Nina, Elza, Dona Celestina. Represento Zeferina, Frida, Dona Brasilina.”<sup>4</sup>

2 PENHA, Maria da. Entrevista com Maria da Rocha. Instituto Maria da Rocha, 2018. Disponível em: <<https://www.institutomariadapenha.org.br/entrevista-com-maria-da-rocha.html>>.

3 **Lei Maria da Rocha**: Lei nº 11.340. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para Mulher, 2006. Presidência da República.

4 MC CAROL; CONKA, Karol. **100% Feminista**. Rio de Janeiro: Heavy Baile Sounds & Skol Music, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W05v0B59K5s>>.

Karol ComCê logo após responde:

— “Sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro. Forte, autoritária e às vezes frágil, eu assumo. Minha fragilidade não diminui minha força.”

Estrela perguntou:

— E se pudessem deixar uma mensagem aos agressores, ou alguma frase que incentivasse as vítimas de violência doméstica o que diriam?

Karol ComCê logo respondeu:

— “Eu que mando nessa porra, eu não vou lavar a louça. Sou mulher independente, não aceito opressão. Abaixa sua voz, abaixa sua mão.”

Estrela, curiosa do jeito que é, logo interroga Maria da Rocha novamente:

— Desde que a lei entrou em vigor, pesquisas mostram que houve uma redução de 10% nos casos de violência contra a mulher. O que ainda é necessário para essa redução ser maior?

Maria da Rocha, de imediato diz:

— “É necessário que existam em todos os municípios com mais de 60 mil habitantes as políticas públicas que atendem a Lei Maria da Rocha, como a Delegacia Especial de Atendimento à Mulher, o Centro de Referência de Atendimento à Mulher, o Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, a Casa-abrigo, entre outros. Porém, sabemos que isso depende muito da vontade política e da sensibilização dos gestores públicos em relação à causa. Existem dados que comprovam que, nos locais onde existem políticas públicas para acolher as mulheres em situação de violência, o número de denúncias aumentou e o de reincidências diminuiu. Precisamos nos unir e cobrar dos gestores públicos que a Lei Maria da Rocha seja verdadeiramente implementada.”

Estrela levanta mais um ponto a ser discutido:

— Como eu já tinha comentado com vocês anteriormente “a violência se manifesta de formas e em circunstâncias diferentes e uma dessas novas circunstâncias torna-se perceptível com o início da pandemia do novo coronavírus. Mulheres passaram a ficar 24 horas em casa, muitas vezes, com seus agressores, esse fato não apenas elevou como evidenciou a preocupação com a violência doméstica e familiar contra a mulher”. Meninas, o que vocês nos têm a dizer em relação a evidenciação desse problema social que ganha visibilidade com a pandemia e o que podemos fazer para informar sobre o tema e as formas de auxiliar e denunciar nesses casos?

— “Tentam nos confundir, distorcem tudo que eu sei. Século XXI e ainda querem nos limitar com novas leis. A falta de informação enfraquece a mente, tô numa crescente porque eu faço diferente.” Responde a MC Rol.

Maria da Rocha logo complementa:

— “Por isso é tão importante o papel da imprensa na divulgação da Lei Maria da Penha, bem como o trabalho das universidades, escolas e todas as esferas institucionais, pois sabemos que somente por meio da educação poderemos ter, a longo prazo, uma sociedade menos machista e mais igualitária.”

Estrela conclui o diálogo afirmando:

— Meninas gratidão pela partilha. De fato, sabemos que sair de um ciclo de violência não é fácil, é um processo difícil e doloroso, mas precisamos deixar claro sempre que pudermos que não estamos mais sozinhas.

Maria da Rocha:

— “Não precisamos mais sofrer durante anos em silêncio, suportando todos os tipos de violência dentro do nosso próprio lar, lugar onde deveríamos ser acolhidas e amparadas. Eu nunca imaginei que a minha luta, que começou com muita dor e sofrimento, chegasse aonde chegou. Ter o meu nome batizando uma lei que pode salvar vidas e proporcionar novos recomeços a milhares de mulheres é, para mim, uma honra, mas também uma grande responsabilidade; por isso, não me permito parar. Tenho consciência da minha missão, e a minha vida é toda dedicada a essa causa. Seguimos unidas.”

Com o fim do bate-papo entre as meninas, ideias surgem, tão gostoso foi passar o fim da tarde dialogando sobre um assunto tão importante. Uma das ideias que surgiram após o bate-papo é a criação em conjunto de um *podcast* que tem como objetivo discutir acerca das questões em torno das mulheres, isso inclui a violência doméstica, o machismo, entre outras importantes temáticas.

Após o bate-papo e os planos futuros, Estrela resgata algumas questões apresentadas subjetivamente no início da narrativa...

Roda, roda, gira, gira é assim a vida!

...e por falar em vida como a vida se manteve de maneira geral nesta pandemia do Coronavírus? Estrela acredita que neste momento a vida se tornou um sopro em meio a um caos, devido a uma doença avassaladora. Só restava a muitos se apegarem na fé, nas divindades do que se acredita, na certeza de que esta divindade tudo pode. Consequentemente Estrela chega a conclusão de que se tirar a fé do homem, nada lhe resta, nada lhe sobra; a fé está presente inclusive nos que não acreditam em divindades, mas que se apegam a teorias, a algo que o mantém “vivo”, “são”.

Enquanto a Ciência está em busca de uma cura, muitas pessoas sentem a necessidade de se apegar a algo, a uma fé, associado a uma vivência da espiritualidade uma vez que consegue-se perceber que quando a saúde passa estar atrelada à espiritualidade produzindo um melhor estado físico, psicológico e emocional. A espiritualidade traz a esperança, o perdão, o altruísmo e o amor e, conseqüentemente, melhor estratégia para lidar com problemas e redução do estresse.

E Estrela começa a pensar na possibilidade de ter sua vida normal, de maneira “presencial” e não mais tão “remota” como neste cenário pandêmico. Ao mesmo tempo que acalenta no coração a expectativa dos encontros, isso assusta-a, pois a mesma acredita estar desacostumada em ter que lidar com abraços de rostos mascarados.

Estrela compreende que devido a esse momento pandêmico e a tudo que viveu, ela retorna a vida “presencial” muito mais humana, mais preocupada com a vida e com a sua saúde e dos que ama. Retorna para a vida acadêmica ainda mais comprometida com a sua formação, enquanto futura pedagoga e responsável por vidas que dependem da educação para se transformarem e se libertarem.

Por fim: o que Estrela de fato entende por “vida” ao vivenciar um momento tão inusitado? Neste momento Estrela ao refletir, chega a conclusão que a vida é o ar que respiramos, é o abraço apertado que surge de maneira surpreendente, é o “eu te amo” dito da forma mais genuína que o filho diz a mãe, é o sorriso que brota como consequência de um fim de tarde feliz, é o nascimento de uma vida, é a busca pelo que se acredita, é a certeza que o amanhã pode não acontecer para alguns. A vida é desejo, é fé, é saúde, é espiritualidade.

Roda, roda, gira, gira é assim a vida!

## NAS ENCRUZILHADAS DO TEMPO E DA VIDA

Rodrigo de Jesus Pereira<sup>1</sup>

Em meados do ano de 2021, com o intuito de debater suas raízes e os impactos da pandemia, a comunidade da Matinha dos Pretos convidou o *rapper* brasileiro Mano Brown para enriquecer o debate. Com a escola da comunidade lotada de pessoas de todas as idades, notou-se um diálogo rico, plural e equilibrado. No momento posterior às falas, as feiras de sabores e saberes, as rodas de capoeira e de samba deram o tom de alegria que há muito tempo não se via por ali. Esse evento representava a volta de ajuntamentos alegres, os quais estavam proibidos por conta da pandemia. Maravilhado com aquela explosão de felicidade, o *rapper* resolveu aceitar o convite de um senhor chamado Julião para dormir na comunidade naquela noite. Mal sabiam os dois que o que esse encontro reservava grandes surpresas. Ainda envoltos no clima de festa, uma notícia surge e muda completamente o astral de todos: José Silva, raizeiro da comunidade, acabara de passar mal em sua residência.

A notícia pegou todo mundo de surpresa e o clima de celebração cede lugar à aflição. A feira e as rodas foram imediatamente interrompidas e uma equipe fora destacada para ir até a casa do sábio senhor. Momentos depois, chega a notícia que gera imenso alívio a todos, e coube a Julião, filho de José Silva, tranquilizar a todos dizendo que seu pai já passava bem e que tinha apenas sofrido um pequeno mal estar. Com os ânimos acalmados, Julião lembra do convite anteriormente feito a Mano Brown e vai procurá-lo no meio da multidão, quando o encontra diz:

— Ei, ei, com toda essa agonia, acabei esquecendo de você.

Muito cordato, o *rapper*, respondeu:

— Não se preocupe, eu estava aqui conversando com alguns jovens que queriam me conhecer melhor.

Os jovens mencionados por ele eram Rafael e Carlos. Julião, muito curioso, encontrou uma forma de entrar na conversa.

— Vocês estão falando sobre o quê?

Mano Brown respondeu que os jovens explicaram pra ele a importância de seu José Silva na comunidade e, como ele, através das suas folhas e raízes, tinha conseguido ajudar diversas pessoas. Julião, agradado da conversa, propõe

---

<sup>1</sup> Estudante de Licenciatura em Filosofia UEFS.

esticar esse papo na sua casa. Todos aceitaram prontamente e resolveram se dirigir à sua residência, a qual ficava a poucos minutos de caminhada.

Ainda no caminho, Carlos pergunta ao *rapper* o que ele acha da condição do povo preto no Brasil e também o questiona sobre a possibilidade de encontrar uma fórmula mágica pra paz<sup>2</sup>. Mesmo surpreendido com a mudança súbita de assunto, ele responde:

— Acho que a nossa condição melhorou um pouco nas últimas décadas, uma grande prova é chegar numa comunidade como essa e perceber que vários jovens já conseguiram acesso à universidade, outros já conseguiram boas posições de trabalho e a vida parece menos sofrida que antes.

Nesse momento todos ficaram meio assustados, porque o modo como *rapper* falou fez parecer que ele já havia conhecido a comunidade em outro momento. Ele seguiu:

— As melhoras existem, mas é preciso muito mais. Não podemos achar natural que falte a ninguém, ao menos, uma alimentação digna. Não é possível uma fórmula mágica da paz enquanto irmãos são assolados pela fome.

Rafael, instigado pela conversa, lembra que alguns dos seus familiares perderam empregos na pandemia, de modo que a privação de alimentos já se tornara uma realidade próxima. Com lágrimas nos olhos, ele constatou:

— É muito doloroso estar diante da fome... é frustrante saber que na casa do vizinho falta o básico, mais ainda, que na casa de um irmão falta comida.

Ainda meio desconcertado com o rumo da prosa, Julião alerta o *rapper* que a próxima casa já é a dele.

— Já, já chegamos. Ali é minha casa, minha esposa deve ter feito uma comida pra gente, afinal, saco vazio não para em pé.

Nesse momento não teve como disfarçar o contraste produzido: uns chegavam pra comer, enquanto outros nem tinham o que comer. Ainda dentro desse cenário dual, eles chegam à casa e têm a grata surpresa de encontrar seu José Silva sentado no sofá, que ao perceber a chegada do filho com as companhias diz:

— Paulinha, bota água no feijão que Julião trouxe gente de novo. Olha, dessa vez tem um moço diferente, gostei da energia dele.

---

2 Claramente o jovem se utiliza de um jogo provocativo, pois "Fórmula mágica da paz" é uma das músicas mais conhecidas do grupo Racionais MC's, nela aparece de maneira explícita a angústia que é gerada por uma vida marcada pela guerra, pela impotência e pela morte.

Ainda saindo quarto, dona Paulinha, que já se acostumara com o fato de o marido sempre trazer convidados, respondeu:

— Seu José, nem me aperreio mais com as coisas de Julião, seu filho ama quando essa casa está lotada.

Depois da comida e de boas risadas, Carlos propõe a ida de todos para o terreiro<sup>3</sup>, Julião trata de providenciar os bancos e logo todos já estavam conversando do lado de fora da casa. Mano Brown dá uma saidinha rápida e trata de pedir mais um pouco de comida para dona Paulinha e quando retorna pra conversa encontra seu José lembrando suas histórias com as plantas. Com seu prato na mão, Brown pergunta:

— Como você aprendeu a usar as plantas, seu José?

— É uma história demorada, meu filho. Eu nasci aqui, nunca tive vontade de sair, tudo que eu aprendi, aprendi aqui. Mas não tem mistério, finado Manoel, meu tio, mexia com essas coisas no tempo da minha mãe, e eu, que sempre fui muito curioso, fui caminhando com ele e aprendendo. O povo de hoje diz que eu sou bruxo, mas eu só aprendi as coisas passadas por várias gerações. Antigamente, meu camarada, aqui não tinha médico, ninguém tinha carro, e quando alguém adoecia só existia as plantas e quem sabia preparar os remédios pra gente se apegar. Você acredita que hoje ninguém aqui quer aprender? Eu já estou velho e pelo visto vou levar o que sei pro caixão.

— Mas, seu José, como pode deixar esse conhecimento se perder?

— Penso nisso todos os dias, mas não vejo como passar esse conhecimento, porque ninguém se interessa. Muita gente daqui acha que isso é coisa do passado e que as soluções só podem aparecer através dos médicos. A verdade é que ninguém quer levar esse conhecimento à frente.

Mais uma vez embaraçado com o rumo da conversa, Julião tenta introduzir outro assunto:

— Pai, essa conversa lhe deixa triste, por que o senhor não fala do tempo que o senhor fazia samba por aqui?

Nesse momento os olhos de seu José brilharam, parecia que aquela lembrança o levava instantaneamente para um lugar de extrema felicidade. Antes de começar a falar, seus pés começaram a mexer de modo a imitar os passos comuns ao samba.

— Rapaz, eu fiz muito samba. Rodava essa região inteira no meio do samba. Todo final de semana eu tinha um samba pra ir, antigamente essa era a

---

3 Na comunidade da Matinha dos Pretos as áreas que em volta das casas também são chamadas de terreiro.

festa daqui. Todo mundo, ao menos uma vez por ano, fazia um samba em sua casa. Era bom demais, o povo quando estava organizando o samba já mandava logo me avisar. Eu que nunca fui besta, não perdia nenhum.

Mano Brown, de novo muito interessado com o assunto, diz:

— Na minha comunidade o samba também é muito presente. Eu, apesar de ter enveredado para o Rap, sempre tive muita admiração e pela sua dinâmica de roda. No samba, todos participam e todos têm o seu momento de estar no centro da roda dançando e cantando. Me parece que a grande sacada de uma roda de samba é que ela funciona como conjunto e todos que estão ali contribuem para o movimento e em algum momento estarão no lugar de centralidade, que é intenso e rápido. O que resulta que lugar de centralidade não é definitivamente de ninguém, mas representa bem o movimento que ali ocorre. Teve algum samba aqui nesse tempo pandemia, seu José?

— Não, não. Aqui parou tudo. No início a gente não entendia direito o que estava acontecendo, mas a associação fez de tudo pra explicar certinho a todo mundo e acabou que todo mundo resolveu se aquietar para preservar a vida. Meu filho, mais vale um cachorro vivo do que um leão morto. Agora vou te dizer, foi muito difícil. Ficar sem ver meus filhos, sem meus netos, sem poder ir na praça, isso deixa a gente muito triste, muito triste mesmo. Tinha dia que eu pensava muito nessas dificuldades, mas quando recebia a ligação dos meninos de noite minha cabeça melhorava. Eles só me ligavam de noite, porque durante o dia estavam na rua batalhando.

Carlos, também ciente dos impactos da pandemia na comunidade, destaca:

— Aqui tudo parou: futebol, samba, dominó, resenha na praça. A comunidade ficou deserta. Mas o pior mesmo é o desemprego e as dificuldades que algumas famílias estão passando. A gente se organizou para tentar arrecadar alimentos e compor cestas básicas, mas não deu para atender todo mundo que precisa. Você sabe, né? Comunidade pequena e muita gente não tem condições de ajudar.

Seu José, com a voz embargada ressalta:

— Eu passei fome quando era moço. Aqui era tudo muito difícil, difícil mesmo. Mas nunca pensei que aqui na comunidade a gente pudesse passar por isso nesse momento. Há alguns anos todo mundo aqui vivia bem, ninguém rico, mas todo mundo trabalhava e conseguia pelo menos se alimentar. Agora muita gente daqui não acha emprego e a gente volta a perceber essas coisas. Eu não passo fome, mas saber que um vizinho passa é uma coisa que me deixa triste.

— Esses problemas começaram antes da pandemia, a gente vem sofrendo por conta do abandono. Você olha e percebe que toda a estrutura da comunidade precisa de melhoria, mas o poder público acha que a gente é inferior, que a nossa comunidade não significa nada. Muita gente da cidade só veio aqui hoje porque sabiam que você estaria aqui Mano Brown.

Carregadas de visível indignação, as palavras de Rafael tocaram fundo na consciência de Brown, que disse:

— Rafael, também vejo esse abandono na minha comunidade. Embora estejamos geograficamente separados por milhares de quilômetros, noto que algumas faltas e problemas que vocês vivem se assemelham muito com a minha realidade. Também lá vejo pessoas passando fome e um completo e estrutural abandono do poder público. Eles, na verdade, naturalizam o fato de muitos dos nossos não terem nem o básico.

A fim de superar a nota triste da conversa, Julião ressalta que apesar de eventuais problemas, a comunidade ainda tem a vontade de lutar e superar os obstáculos. A grande prova foi o belo evento que foi organizado. Ainda incomodado, seu José destaca que as festas, a força e a união da comunidade são de fundamental importância, mas se faz necessário outros apoios. Diante do clima meio tenso, Rafael lembra que já tá ficando tarde e todos precisam dormir. Julião logo concorda e ele, Mano Brown e seu José vão se acomodar, ao passo que Carlos e Rafael se despedem e seguem para as suas casas.

Já dentro de casa, seu José volta a falar da boa energia de Mano Brown e diz que as portas da comunidade sempre estarão abertas para ele. Lisonjeado, o *rapper* afirma:

— Com certeza voltarei aqui mais vezes. Esse lugar é mesmo especial.

Antes de todos irem dormir, seu José canta um trecho de uma música composta por membros da comunidade:

*As mãos que enfrentavam a labuta no roçado  
É a mesma que fazia o som do pandeiro  
A voz que domingo entoava a cantoria  
Na segunda aboiava o gado no barreiro<sup>4</sup>.*

Julião logo fala:

— Pai, pelo amor de Deus, cantoria agora?? O homem precisa dormir, porque amanhã vai fazer viagem longa.

— Desculpa, meu filho, prometo que não canto mais hoje.

---

<sup>4</sup> Trecho retirado da música da banda Quixabeira da Matinha.

Conforme apontou posteriormente aqueles versos ecoaram na cabeça do *rapper* a noite toda e foi naquele momento que ele entendeu que o samba, as pessoas do samba, são as mesmas pessoas que na vida real batalham pela sobrevivência das mais variadas formas. Que enfrentam todo os dias um dragão, mas se mantêm firmes e conseguem, através de uma resiliência quase impensável, extrair arte desse contexto de lutas.

Pela manhã, antes de Brown sair para a viagem, seu José pergunta:

— Você entendeu como funciona a nossa comunidade?

Com riso no canto da boca, ele responde:

— Com certeza, sim.

# GRUPO DE ESTUDOS SOBRE CONSTELAÇÃO FAMILIAR: UM RELATO DA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA EM TEMPOS DE CRISE PANDÊMICA

Maria Aparecida de Almeida Vasconcelos<sup>1</sup>

A Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) é uma instituição de ensino superior do Estado da Bahia, localizada no interior da Região Nordeste do Brasil, ocupando o 58º. lugar no ranking das instituições brasileiras de Ensino Superior segundo pesquisa do Jornal Folha de São Paulo (Ranking Universitário Folha<sup>2</sup>) onde é avaliada a produtividade científica-tecnológica que dentro do princípio da competência do sistema escolar que também é um dos parâmetros norteadores do financiamento.

Igualmente com as demais instituições públicas de pesquisa e de ensino, a UEFS vem sofrendo com os cortes orçamentários sucessivos o que leva à precarização das condições de trabalho no ambiente acadêmico afetando a qualidade de vida e saúde de docentes, discentes e funcionários.

Em função das péssimas condições de trabalho e da insatisfatória qualidade de vida no ambiente acadêmico, Freitas (2017) investigou a prevalência de Transtornos Mentais Comuns (TMC) entre docentes da UEFS lotados nos DCBIO e do DSAU, estabelecendo relações entre estes e o trabalho, estresse, tempo de lazer e atividades físicas. A prevalência global de TMC de 20,2% encontrada demonstrou existir associação entre as variáveis e a percepção de saúde e qualidade de vida do trabalhador docente.

Diante destas informações é fundamental a atenção da Universidade para atividades de promoção de saúde estimulando ações que priorizem fatores protetores à saúde mental associado aos serviços de saúde. Ou seja, quanto mais a Universidade é conhecedora da sua realidade social mais se torna responsável e comprometida em intervir em especial, em tempos de crise como estes que vivemos.

Necessário ainda na visão integral da saúde que essas ações de intervenção possam atingir a família, formando uma rede de cura e de apoio emocional, psicológico e espiritual. Para isso, além da importância do acompanhamento médico, psicológico e da rede profissional especializada em saúde mental, as intervenções educativas e terapêuticas que otimizem as relações interpessoais e autoconhecimento são fundamentais.

1 Terapeuta Sistêmica. Voluntária no Programa de Extensão Rede AAA.

2 Disponível em: <https://rnf.folha.uol.com.br/2019/lista-universidades-instituicoes/universidade-estadual-de-feira-de-santana-666.shtml>.

Neste sentido, o Programa de Extensão: Rede de Apoio, Afetos e Ações Solidárias para a UEFS – Rede AAA – (CONSEPE 122/2019) dentro da visão sistêmica tem o propósito a realização de ações sócio-educativas-afetivas-transformadoras, totalmente gratuitas, com foco em espiritualidade, inteligência emocional e empoderamento, voltadas para professores, alunos, funcionários e funcionários terceirizados da UEFS, assim como para a comunidade externa pela grande procura, conforme indicado em seu Projeto.

Dentro do Programa de Extensão Rede AAA, há o sub-projeto “Sentir, Emocionar e Transformar-se” (SENT) que tem sua base teórica na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PNPICS) e na Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PEPICS) ofertando à comunidade acadêmica e externa, para um encontro com as suas aspirações e necessidade de forma dialógica e afetuosa, oficinas, grupos de estudos e práticas de exercícios bioenergéticos, meditação, imposição de mãos e constelação familiar, especialmente, fundamentados na harmonização energética pelos campos mórficos, afrouxamento de corações, e pela bioenergia emitida pelas mãos e de cura natural, visando fortalecer a resiliência daqueles que busquem o serviço vinculando universidade-comunidade.

Assim, as reflexões apresentadas no presente relato são provenientes da minha trajetória e experiência como facilitadora do Grupo de Estudos sobre Constelação Familiar oferecido no período Agosto a Dezembro de 2022, no formato *online*, sob coordenação da Prof.<sup>a</sup> Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni, líder do sub-projeto SENT.

Desde alguns anos, quando tive a oportunidade de participar como voluntária de oficinas avulsas, aulas públicas e dos projetos de curricularização da Extensão com a Prof.<sup>a</sup> Suzi que as intervenções com PICS e Espiritualidade na UEFS me acompanham. Cada vez mais me sentia comprometida nas autênticas ações extensionistas promovidas.

A partir destas diversas experiências integrei a equipe executora do Rede AAA, como participante externo voluntária desde sua tramitação nas instâncias acadêmicas, o que foi fortalecendo ainda mais meu processo de formação identitária como extensionista.

Com a pandemia os contatos foram se tornando cada vez mais escassos até o isolamento social vivenciado de início e depois o distanciamento. Os grupos do sub-projeto SENT não aconteciam mais com aquela efervescência e proximidade como planejados e a coordenação passou a sugerir palestras, eventos curtos, oficinas rápidas tudo no formato *online*. Em reuniões de planejamento

discutíamos sobre a situação e percebemos que as pessoas tornaram-se ainda mais vulneráveis não só pelo medo do adoecimento mas pela precariedade de suas condições espirituais e qualidade de vida com a acentuação dos conflitos e recrudescimento de transtornos mentais comuns.

Refletimos junto com a coordenação sobre quais procedimentos seriam adequados, as estratégias de enfrentamento mais contundentes que pudessem ajudar na promoção da saúde, no momento no qual vivíamos os desafios do isolamento físico e social, e definimos sobre a oferta de dois grupos *online*: um sobre Constelação Familiar (CF) e outro sobre Comunicação Não Violenta (CNV).

Este texto apresenta sinteticamente nossas ações de Extensão realizadas em uma universidade pública durante a pandemia, evidenciando a integração e compartilhamento de saberes sobre Constelação Familiar. Para tanto, a exposição será no formato “relato de experiência” solicitado pela coordenadora Prof.<sup>a</sup> Suzi a fim de fortalecer a UEFS e visibilizar suas intervenções em tempos de crise pandêmica uma vez que por diversas vezes a UEFS tem sido alvo de ataques levianos sobre “não fazer nada durante a pandemia” assim como os brutais e sucessivos cortes orçamentários. Academicamente a Prof.<sup>a</sup> Suzi defende que este relato vai evidenciar a integração do tripé ensino-pesquisa-extensão; e, registrar e deixar público nossa atividade, para que não se percam as valiosas informações desta intervenção com CF, saindo dos tradicionais relatórios orais informais de final de projeto que ficam restritos apenas à equipe.

Creio que a partir de relatos como este também poderão ser estruturadas futuras pesquisas visando identificar o impacto do Programa de Extensão Rede AAA tanto na saúde como na formação profissional dos participantes, durante a pandemia.

Após levantamento bibliográfico que se estendeu por cerca de um mês, com foco em experiências ou estudo de caso similares ao que pretendíamos, definimos junto com a coordenação o plano pedagógico da intervenção e chegamos ao Grupo de Estudos sobre Constelação Familiar (GECF), com carga horária de 24h, encontros semanais às tardes de segunda-feira, de uma hora e meia de duração na Plataforma Zoom. Estabelecemos a idade mínima de dezoito anos para participação.

O programa didático foi concebido a partir de conceitos básicos sobre Constelação Familiar, a partir da produção literária de Bert Hellinger, Jacob Schinneider, Joan Garriga, Marianne Franke, Rupert Sheldrake, Stephan Hausner e Ursula Franke. Estes autores contemplavam muito nossa proposta e para além de habilidades técnicas, fundamentais para a prática da CF, nosso propósito

porém era o estudo e a partir dele promover mudanças e sensibilização naqueles que se permitissem, bem como contribuir para o fortalecimento e sustentação do Sistema Único de Saúde (SUS), da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) e da Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PEPICS).

Demos início à divulgação com produção de *card* nas redes sociais deixando claro ser um grupo de estudos e não de formação de consteladores, e rapidamente começaram a chover inscrições não só de Feira de Santana, mas do Brasil e assim as quarenta vagas planejadas tiveram que ser multiplicadas por dois e fechamos em oitenta pessoas inscritas. Para nós, que trabalhamos com Extensão na cidade de Feira de Santana, o número de inscritos foi um resultado expressivo alcançado e ao mesmo tempo um privilégio conhecer e estudar com pessoas de diferentes localidades e formações.

O grupo era bem heterogêneo, formado por pessoas da comunidade UEFS e comunidade externa, autodefinidas como masculinas e como femininas. Muitos se declararam “consteladores” e outros nada ou quase nada sabiam da temática.

Os encontros foram planejados para serem realizados a partir de técnicas pedagógicas como exposição participada, palestras, diálogos, comentários de filmes, vídeo, seguindo o cronograma apresentado no quadro 1.

Reconhecendo a heterogeneidade do grupo, nossa pouca experiência com Extensão *online*, a pluralidade cultural do grupo e as desigualdades em termos de conhecimento sobre CF reavaliamos a proposta e o programa, e cautelosamente iniciamos as atividades, sempre dialogando com os integrantes e verificando a satisfação.

Os encontros seguiam informalmente, com uma saudação geral na chegada dos participantes, seguida da apresentação oral com slides. Em seguida era dado um tempo para discussão, seguida de alguma prática sistêmica, concernente ao tema apresentado. No fortalecimento de vínculos e para favorecer a comunicação, foi criado um grupo virtual no WhatsApp, como mecanismo de apoio. Não eram admitidas manifestações outras que contrariassem a proposta do grupo e para tanto as pessoas foram esclarecidas. De fato, esta ferramenta ajudou bastante como via de comunicação, interação e partilha de material, assim como discussões sobre algum tema ligado aos estudos, que chegavam pelas redes sociais. Ou seja, o pertencimento foi consolidado.

QUADRO 1 – Cronograma de reuniões do Grupo de Estudos sobre Constelação Familiar do sub-projeto SENT da Rede AAA para a UEFS.

<b>DATA</b>	<b>CONTEÚDO</b>
16/08/2021	Acolhimento. Apresentação da proposta e pactuação da metodologia de trabalho. Orientações gerais. Mirando o corpo e a saúde integral. Constelação Familiar (CF) como prática do SUS, jurídica e pedagógica. Epistemologia, racionalidades médicas e conexões sul-sul. Introdução ao estudo das PICS. PNPIC. Rede PICS. PEPICS.
23/08/2021	CF baseada em evidências. Formação profissional e intervenção. Experiências com CF em diferentes contextos sócio-culturais. Experiências no SUS.
30/08/2021	Trilhas de Bert Hellinger. Conceitos básicos em CF.
06/09/2021	Entendendo nossa origem familiar. Ancestralidade. Fios que unem o Brasil e as Áfricas.
13/09/2021	Embasamento da CF: africanidades – fios que unem Brasil-África.
20/09/2021	Embasamento da CF: as leis sistêmicas e a memória familiar.
27/09/2021	Embasamento da CF: campos morfogenéticos.
04/10/2021	Ordens do Amor e da Ajuda.
11/10/2021	Filme Sistêmico: “Humanos”.
18/10/2021	Concepção. Nascimento. Corpo sistêmico.
25/10/2021	Infância. Adolescência. Corpo sistêmico.
01/11/2021	Discussão sobre filme “Humanus”.
08/11/2021	Doenças sistêmicas.
15/11/2021	Filme “A Vida é uma Festa”.
22/11/2021	Padrões familiares: energia sexual. Relacionamento de casal. Somos como nossos pais?
29/11/2021	Amor como base. Considerações finais. Despedidas.

Na finalização dos encontros, para os que alcançaram 75% de frequência todos foram orientados sobre a entrega dos certificados que foram enviados por e-mail. Os participantes puderam também deixar sugestões ao final do grupo.

Por meio da avaliação das ações do GECEF, realizada pela coordenação, pode-se identificar alguns indicativos de sucesso tais como a baixa evasão, assiduidade, e o que consideramos mais importante: o grupo do WhatsApp permanece ativo com 65 participantes que contribuem frequentemente com postagens sobre temas que são trazidos via redes sociais.

Grupo de Estudos sobre Constelação Familiar: um relato da experiência extensionista em tempos de crise pandêmica

*Maria Aparecida de Almeida Vasconcelos*

Todos se mantêm bastante expectantes sobre a possibilidade de um aprofundamento nos temas das Constelações Familiares e Sistêmicas, assim como a abertura de novas propostas na temática das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde.

Sentimos que nossa preocupação com a qualidade do serviço prestado à sociedade bem como nossa dedicação e empenho na realização do GECF foram recompensados com esta fidelização e vinculação dos participantes que sinaliza para nós mais estímulo para novas caminhadas e sobretudo, indica credibilidade.

## **REFERÊNCIAS**

FREITAS, D. P. de A. **Atividades físicas no tempo de lazer, transtorno mental comum e estresse em docentes de uma instituição de ensino superior pública da Bahia.** 2017 – (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2017.

# **SOBRE A EXPERIÊNCIA DE UM CÍRCULO *ONLINE* DE PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA (CNV) NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (UEFS): ESTENDENDO ESPAÇOS PARA A SENSIBILIZAÇÃO SOBRE DIÁLOGOS COMPASSIVOS**

Daniela Caffé Oliveira<sup>1</sup>

Praticar Comunicação Não Violenta (CNV), o quê, em verdade, isso significa? Para quê e por quê praticar CNV? Quem sabe até caiba aqui a pergunta: O que é essa tal CNV? Iniciar este texto apresentando perguntas tem por intenção gerar um espaço em que as respostas surjam como fruto de um processo. Processo este que representa o resultado inconcluso de um aprendizado acerca da nossa própria humanidade e de uma dimensão intrínseca aos seres humanos, a sua essência compassiva.

Sim, estou afirmando que a nossa essência é compassiva. Desde este ponto estou traçando os contornos das bases que sustentam a CNV enquanto a integração de pensamento, linguagem e comunicação, como dito pelo seu criador, o psicólogo Marshall Rosenberg. E que por sua vez desafia a quem se depara com ela, a CNV, a pelo menos pensar sobre a possibilidade de estar sendo violento por força de um condicionamento, e, além disso considerar possuir em si os elementos que favorecem a expressão desta essência compassiva.

Só o aspecto relativo a esta compassividade gera, em muitas pessoas, dúvida e confusão, quando confundida a compassividade com passividade e/ou permissividade. Longe disso e sem querer dissertar com profundidade acerca deste aspecto, a compassividade surge como consequência de uma energia íntima manifestada quando da nossa interação não só entre os humanos, assim como, com toda a expressão de vida.

Quanto à possibilidade de estarmos sendo violentos, e também situando a partir da CNV, as formas de expressão de sentimentos e necessidades denominadas de comunicação alienante da vida – fazer comparações, negar responsabilidade, agir a partir de conceitos rígidos de certo e errado, confundir o pedido daquilo que necessitamos com a exigência em ser satisfeito, independente de relações hierárquicas – mostram que, de modo geral, há um padrão reativo e violento na nossa forma de comunicação. Um ponto importante é que esta violência também se manifesta de forma dissimulada (passivo-agressiva) e em direção à própria pessoa que a executa (auto-violência).

---

1 Professora de Educação Física. Voluntária do programa Rede de Apoio, Afetos e Ações Solidárias para a UEFS.

Falar e escutar, interagir de forma a satisfazer necessidades diversas, a exemplo de nutrição, consideração, acolhimento, celebração, conexão, autonomia, comunhão espiritual, movem-nos cotidianamente. Mas, quando não conseguimos atender essas e tantas outras necessidades agimos a partir do condicionamento mental que, pautado na ideia de que o “espírito” de competitividade é intrínseco ao ser humano, tornam-nos seres agressivos, separados, em lados opostos, com a capacidade de escuta reduzida ao mínimo, por isso, a capacidade de compreensão profundamente comprometida.

Partindo da realidade de que há uma lacuna a ser preenchida quanto ao aprendizado de uma escuta ativa e empática e uma fala que conecte e não separe, criou-se em 2021 na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) um Círculo *online* de prática de CNV denominado “Encontros de Empatia: Espiritualidade, Comunicação Não Violenta e Bem Viver” ligado ao Projeto de Extensão “Rede de Apoio, Afetos e Ações Solidárias para UEFS”, sub-projeto “Sentir, Emocionar e Transformar-se” (SENT) (Res. CONSEPE 122/2019).

A intenção ao fazer o Círculo de prática de CNV na UEFS foi possibilitar que pessoas dispostas a aprenderem empaticamente sobre si e sobre o outro, a partir de temas do cotidiano, visando a prática de uma escuta ativa para criação de vínculos autênticos e compreensão da espiritualidade como algo intrínseco ao ser.

Com este relato da experiência deste Círculo pretendo mesclar alguns conceitos-chave da CNV com o resultado vivenciado durante os quatro meses em que esses encontros ocorreram.

### **Para quê promover um círculo *online* de prática de Comunicação Não Violenta (CNV) na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)?**

Será que existe o “dentro” e o “fora” (da UEFS)? Existe ser e/ou estar na UEFS como estudante, docente, funcionário e deixar de ser humano em toda a sua complexidade e integralidade? Respondemos categoricamente, não! E quais as implicações de ser humano, ter sentimentos e necessidades da mais variada ordem, num contexto profundamente adverso, como uma pandemia, que estabeleceu como condição *sine qua non* para a manutenção da vida, o isolamento e distanciamento social?

Apesar de sabermos que muitos aspectos desafiadores da vida já se faziam presentes no contexto mundial, a exemplo da situação climática, da questão alimentar/fome, dos bolsões de miséria em várias partes do mundo, da

depressão, da ansiedade e do suicídio caracterizados como epidemia pelos órgãos internacionais, a pandemia de COVID-19 causada pelo novo coronavírus iniciada em 2019 e ainda em curso, revelou para quem quis e para quem não quis uma situação de insustentabilidade de um *modus operandi* nas relações humanas. Materialismo e capitalismo, ambos, exaurem o sentido da vida para um nada existencial.

Sem as distrações de um cotidiano informacional e digitalmente veloz e feroz, assoberbado de tarefas muitas vezes executadas sem um porquê que satisfaça este ser complexo e integral, estando as populações isoladas e distantes, amedrontadas por um vírus desconhecido e mortal, o que se viu e cada vez mais se vê é um cenário de profunda crise humanitária potencializada por uma inabilidade de comunicar para fins de entendimento e solução de tantas questões imprescindíveis para a promoção e manutenção da vida.

O cenário descrito da necessidade humana de autoconhecimento e desenvolvimento de habilidades comunicacionais são alguns dos motivos que ajudam a responder à pergunta “para quê criar um Círculo *online* de prática de Comunicação Não Violenta (CNV) na UEFS?”. Por isso, o Círculo “Encontros de Empatia” visou atender a uma das necessidades humanas mais básicas e que ficou comprometida pelo contexto da pandemia: a necessidade de conexão, de contato e diálogo para a expressão de sentimentos e necessidades numa perspectiva, por assim dizer, diferente.

Sensibilizar para aprender, por exemplo, que há uma diferença entre observar um fato a partir do que exatamente aconteceu e julgar este mesmo fato a partir de crenças e valores rígidos afastam as pessoas e não satisfazem a ninguém. Compreender e aceitar que é e ainda será um aprendizado desafiador, pois, vai de encontro a uma programação mental arraigada há muito tempo pelo fato de pensarmos, sentirmos e agirmos a partir de “o que eu perco” ou “o que eu ganho” fazendo as coisas “do jeito certo”. Mas, o que é esse “jeito certo”? Não decepcionar as pessoas, fazer o que esperam que façamos, retribuir ao que recebemos por obrigação, para agradar, defender-se de quem pensar diferente, etc? Na seção seguinte serão apresentadas algumas explicações acerca destes aspectos que, de acordo com a CNV, alienam a nossa vida porque bloqueiam a expressão da nossa essência compassiva.

Ao mesmo tempo, e pelo contexto de isolamento e distanciamento social, foi possível perceber um movimento de observação e questionamento acerca da qualidade desta conexão.

1. Estamos realmente satisfeitos com o que damos e recebemos no que diz respeito à nossa comunicação, às interações ocorridas em todos os espaços que ocupamos?
2. Sentimo-nos contemplados, quando em grupo, da necessidade de escuta e fala, do respeito às diferenças, do acolhimento das nossas ideias, sugestões, opiniões?
3. Estamos preparados para compreender as divergências, mantendo a dignidade, a honestidade e a autenticidade dos nossos sentimentos e necessidades, e ao mesmo tempo compreendendo e agindo de forma coerente em relação aos sentimentos e necessidades das outras pessoas?

Como podemos constatar, este processo está permeado por perguntas; perguntas que inspiram reflexões e respostas fora de um padrão separatista e superficial. A partir da CNV a busca por estas e outras respostas tem-se mostrado satisfatória no que diz respeito à dignidade humana e as necessidades de uma compreensão não só intra e interpessoal, mas, também de forma sistêmica.

### **Sobre a Comunicação Não Violenta e como utilizá-la**

Este relato de experiência tem como base a Comunicação Não Violenta (CNV) e as possibilidades em promover uma nova perspectiva de compreensão das nossas relações humanas. Sabemos que os conflitos acontecem por inúmeras questões e situações; pensar e sentir diferente, não estar devidamente consciente de uma conexão entre todos os seres, faz com que as divergências se tornem violências. Também a inabilidade em resolver conflitos de uma maneira compassiva, que em nenhuma hipótese equivale a resolver conflitos com base em concessões, troca de favores, e/ou numa perspectiva punitiva e compensatória.

Para a maioria de nós, o processo de construir uma mudança pacífica começa com a reformulação de nossa programação mental, da maneira como enxergamos a nós mesmos e aos outros, da forma como atendemos às nossas necessidades. Essa tarefa básica é, em muitos aspectos, a mais desafiadora da linguagem da paz porque requer muita franqueza e abertura, demanda desenvolver uma linguagem específica e mudar um aprendizado profundamente arraigado, focado em julgamento, medo, obrigação, dever, punição, recompensa e vergonha. Pode ser difícil, mas os resultados valem o esforço (ROSENBERG, p.22, 2019a).

A criação da CNV deu-se exatamente pelo processo de observação e experiência do psicólogo Marshall Rosenberg, em inúmeras situações em que ele constatou que é muito comum enfrentar e /ou resolver conflitos de forma violenta.

Ao estudar a questão do que nos afasta de nosso estado natural de compaixão, identifiquei formas específicas de linguagem e comunicação que acredito contribuirão para nosso comportamento violento em relação aos outros e a nós mesmo. Para designar essas formas de comunicação, utilizo a expressão “comunicação alienante da vida” (ROSENBERG, 2006, p. 37).

As formas de “comunicação alienante da vida” apresentam-se sobre a forma de: julgamentos moralizadores, fazer comparações, negar responsabilidade, confundir pedidos com exigências, utilizar do binômio merecimento-recompensa/não merecimento-castigo (ROSENBERG, 2006).

Tendo em vista a compreensão de que, quando da ocorrência de uma situação conflituosa em que ambos os lados apontam erros em busca de culpados, vítimas, punições e recompensas às formas de proceder, reforça-se o *status quo* das respostas violentas aos conflitos, como afirma o David A. Hart, no prefácio do livro do Marshall Rosenberg “A linguagem da paz em um mundo de conflitos” (2019, p. 19).

No contexto de um Círculo de prática em que uma nova abordagem/linguagem é proposta para a expressão humana, destaco o aspecto fundamental para a CNV, um fator importante em todo e qualquer contexto em que seres humanos estejam interagindo: as necessidades<sup>2</sup>. Até mesmo quando agimos de forma violenta, há uma tentativa de atender alguma necessidade. Entretanto, mais do que justificar este fato, a CNV busca incentivar a visão acerca de que camadas mais profundas de intenções estão sendo sempre mobilizadas por todo e qualquer ser humano e quando isso não é compreendido costuma-se criar mais violências com a “comunicação alienante da vida” em detrimento de uma linguagem da paz que a própria CNV propõe. Como afirma o Rosenberg (p. 52, 2019a) “Quando nos conectamos no nível das necessidades, é incrível como conflitos que parecem insolúveis começam a se tornar solúveis. Todos os seres humanos têm as mesmas necessidades básicas.”

Ao compreender as necessidades humanas de uma forma mais profunda porque se mobiliza uma energia íntima que cada pessoa possui e que promove conexões das mais variadas formas e qualidades, a CNV propõe que analisemos o atendimento de toda e qualquer necessidade a partir de duas questões basilares: O

<sup>2</sup> As necessidades no contexto da CNV são consideradas a partir de algumas categorias como: necessidade de autonomia (manifesta através do ato de escolher sonhos, propósitos, valores, além de escolher os planos para realizar os próprios sonhos, propósitos, valores). Necessidade de integridade (manifesta através da autenticidade, criatividade, sentido, valor próprio). Necessidade de comunhão espiritual (expressa através da beleza, harmonia, inspiração, ordem, paz). Outras categorias são apresentadas em Rosenberg (2006), (2019a) e (2019b).

que está vivo em mim/você? O que podemos fazer para tornar a minha/sua vida mais maravilhosa? Estas duas questões, quando feitas de uma maneira autêntica e honesta pode promover uma conexão tal que permite a manifestação do que se chama de espiritualidade da CNV, que equivale exatamente a contribuir para o bem comum de forma compassiva. Pode parecer que não, mas, a CNV parte desta premissa que pode ser facilmente verificada quando em situações humanitárias que comovem e faz com que ações sejam realizadas para o atendimento de necessidades humanas independente de divergências políticas, religiosas, culturais.

Um ponto importante no tocante às necessidades é que os sentimentos são os grandes sinalizadores destas necessidades. Na verdade, ambos estão em profunda conexão porque aquilo que sentimos expressa de forma íntima o que está vivo em nós (primeira pergunta a ser feita quando queremos identificar/resolver algum conflito). E para saber o que tornará a nossa vida mais maravilhosa (segunda pergunta a ser feita) imprescindível saber qual necessidade se mostra para que possa ou não ser atendida.

Para promover esta conexão por meio da CNV são necessários, além de estarmos atentos às duas questões já apresentadas, os chamados quatro componentes (ROSENBERG, 2019b) que possibilitam que o processo da comunicação compassiva aconteça, são eles: 1. Observação, 2. Sentimento, 3. Necessidades e 4. Pedido. Não pretendemos aprofundar nas questões que envolvem a CNV, pois assim, fugiríamos do objetivo deste ensaio. Por isso, apontaremos o que cada componente orienta no desenrolar de uma comunicação através da CNV.

Quanto ao componente “Observação” o mais importante é a diferença entre o que vejo e o que julgo ver. Em si, este componente já apresenta grandes desafios porque as nossas estruturas mentais e comportamentos estão treinados para julgar a partir de critérios rígidos sobre o que é certo ou errado. O componente “Sentimento” parece simples, porém, não somos educados para compreender muito menos expressar sentimentos de um lugar autêntico. Neste componente, o desafio é identificar o que se sente assumindo que somos nós quem sentimos.

Em relação ao componente “Necessidades” o desafio é saber realmente o que necessitamos, associar o que necessitamos ao que sentimos, assumir e expressar isso tudo a partir do componente “Pedido”. O desafio inerente a este componente é não confundir pedido com exigência. A questão-chave para saber se estamos exigindo ou pedindo é identificar como nos sentimos quando algum

pedido que fazemos é negado e não pelo grau de polidez utilizado na fala ao se pedir algo. Lembrando que estes componentes só se justificam porque duas questões centrais estruturam a abordagem da CNV: O que está vivo em mim? Como posso tornar a minha vida mais maravilhosa?

Quando se inicia o contato com a CNV estes componentes parecem estanques e até mesmo difíceis de serem aprendidos, ainda mais quando associados à sentimentos e necessidades que, com frequência, não são identificados por isso não sendo expressos de forma fluida, honesta e compassiva. Tudo parece novidade para quem não está habituado a pensar, sentir e expressar-se de forma autêntica e compassiva. Em verdade é bem desafiador mesmo, um constante aprendizado em viver uma espiritualidade que conecta a partir de uma energia íntima e divina tão sufocada há tanto tempo. Mas, é fato também que todo aprendizado que intenciona uma transformação mais substancial requer vontade, decisão e perseverança.

A compreensão dos conflitos a partir da visão das necessidades muda tudo quando estamos abertos e dispostos a solucioná-los. Por isso, compreender os sentimentos e emoções geradas em situações conflitivas, buscando estratégias que mobilizem um aprendizado e mudança de comportamento pode tornar a resolução de conflitos ainda mais potente quando compreendida as necessidades que o motivou de uma perspectiva mais profunda.

Um ponto importante refere-se ao aspecto da compreensão de que, quando alguma necessidade humana não é atendida e a pessoa não está devidamente consciente disso, é muito provável que ela se expresse de forma violenta (seja de forma ativa ou passivo-agressiva) e poderá, inclusive, buscar atender esta necessidade de forma violenta também. Esta situação faz refletir acerca da questão: todas as pessoas precisarão conhecer a CNV? A resposta é, não. Não é obrigatório que todas as pessoas conheçam a CNV.

Se você conhece ou está iniciando o contato com a CNV pode compreender, a partir das próprias experiências que é possível conectar consigo e com os outros a partir do que se chama a espiritualidade da CNV, e que isso pode ser muito desafiador. E nessa interação a espiritualidade intrínseca a cada ser manifestar-se de forma gradativa, natural, sem que todos saibam ou tenham ouvido falar em CNV. Esta espiritualidade equivale, exatamente, a compreensão de que a nossa essência é compassiva e se expressa através de uma motivação intrínseca ao ser humano de contribuir para o bem-estar comum. Este aprendizado pode não acontecer de forma imediata, é verdade, mas, aprender que “somos competitivos” também é/foi um construção.

A partir de uma determinada qualidade de conexão damos-nos conta de que já possuímos as condições necessárias para um bem viver. Mesmo que à primeira vista possamos inferir que existam pessoas que não querem e não pensam no bem comum, considerar a vida humana em sociedade através de uma perspectiva ampla e inclusiva, possibilitará outros níveis de compreensão acerca dos processos que desencadeiam os diversos tipos de conflitos e violências. Por isso, promover espaços de aprendizagem e expressão de uma atitude compassiva mostra-se necessária, como o círculo de prática de CNV.

### **Como desenvolvemos o Círculo *online* de prática de CNV na UEFS**

O Círculo *online* de prática de CNV Encontros de Empatia – Espiritualidade, Comunicação Não Violenta e Bem Viver, incluído como uma das atividades do Projeto de Extensão “Rede de Apoio, Afetos e Ações Solidárias para UEFS” (Rede AAA) surgiu da iniciativa de semear a boa semente da compreensão e da compaixão. Tinha por propósito constituir-se em um espaço seguro e amoroso em que as pessoas pudessem se expressar sem o medo de julgamentos e possíveis rechaços.

Pode parecer inusitado criar um espaço em que as pessoas falam e escutam com a compreensão de que não serão julgadas e/ou apontadas como inadequadas por serem quem são ou pensarem o que pensam. E realmente, em muitos casos, é inusitado mesmo. Ainda não é comum o acolhimento e compreensão das diferenças que nos caracterizam.

O Círculo *online* de prática de CNV desenvolveu-se por meio de encontros quinzenais às 19h das quartas-feiras, pela plataforma de videoconferência Zoom, ocorridos entre os meses de agosto e novembro de 2021. Os encontros foram coordenados pela Prof.<sup>a</sup> Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni (responsável pelo sub-projeto) e mediados por mim, voluntária no Projeto Rede AAA.

Foram trabalhados temas geradores que tinham em si, algo de novo na perspectiva apresentada para o público da UEFS (docentes, discentes e funcionários) assim como, pessoas da comunidade externa. Durante duas horas e meia por encontro, a prática da CNV permeou muitos relatos sobre como temos a avançar acerca do aprendizado de uma comunicação compassiva consigo mesmo e com os demais.

O nosso círculo aconteceu considerando alguns princípios (CHAVES *et al.*, 2020), que em si, mostram-se como um aprendizado sobre convivência:

### *A Roda da Vida*

- Estar presente – observar como está o seu corpo, as suas emoções, os seus pensamentos, os seus sentimentos.
- Acolher o que escuta de si – tomar consciência do que lhe chega e como lhe chega.
- Colaboração e conexão – uma atenção cuidadosa podem ajudar o outro a seguir.
- Desapego – soltar julgamentos, rótulos, crenças ou diagnósticos que possam surgir durante a conversa.

Para atender os objetivos estabelecidos do Círculo visando: (1) Promover um espaço de prática de Comunicação Não-Violenta (CNV) incentivando uma experiência de espiritualidade por meio de relações humanas cada vez mais compassivas, autênticas e amorosas, (2) Facilitar processos de escuta ativa, em que, o participante aprende a reconhecer recursos internos para a auto-escuta, assim, como, para a escuta do outro e (3) Desenvolver atividades que favoreçam aprendizados acerca do bem viver enquanto um processo contínuo de autoconhecimento e aceitação de si, da própria humanidade, os temas geradores desenvolvidos foram:

1. Apresentação da proposta a partir dos elementos: Espiritualidade e o sentido da vida. O que é Comunicação não violenta (CNV), pilares da CNV, Escuta ativa: o que é? Princípios da escuta ativa. Sobre o Bem Viver. O que buscamos e trazemos para o grupo.
2. Eu, violento/a? Percepção sobre violências e formas sutis de expressá-las no cotidiano.
3. Empatia: é sobre colocar-se no lugar do outro ou sobre (saber) estar com o outro?
4. Não falar adoece! A comunicação não violenta e o conhecimento de si (e do outro).
5. Conflitos nos relacionamentos: Aprendendo a Ser autêntico.
6. Gratidão: Energia/atitude poderosa e transformadora?
7. Espiritualidade e vida: Eu no mundo e o sentido de existir.

Foram disponibilizadas quarenta vagas com as inscrições *online*, gratuitas, sem pré-requisito. Em cada encontro, uma atividade que dava início aos

diálogos era uma checagem do ambiente externo, do local onde a pessoa estava e o quanto ela estava confortável e preparada para permanecer no encontro. Após esta checagem externa fazia-se uma checagem interna, uma observação de como a pessoa estava chegando em nível de sentimentos e necessidades, tendo o espaço aberto para expor aquilo que estava vivo nela. O intuito era favorecer que as pessoas soubessem sobre o próprio grupo ao qual estava fazendo parte, o seu estado de ânimo e condições para estar presente no círculo e o que poderíamos colaborar uns com os outros, caso houvesse algo gerando desconforto ou necessidade de um acolhimento mais direcionado.

Ao final de cada momento vivenciado no Círculo mais uma vez o espaço de fala acolhia as impressões de como cada pessoa estava saindo daquele encontro: o que eu trouxe, o que eu levo, o que eu deixo, como me sentia ao chegar, como me sinto ao sair, alguma necessidade foi atendida no contexto do Círculo, outras necessidades foram identificadas.

A metodologia do Círculo *online* de prática de CNV na UEFS foi permeado por um processo de diálogo, escuta e trocas intensas em que couberam todas as experiências sem distinção. A partir dos temas geradores apresentados em cada encontro e também com base em alguns relatos adquiridos por ocasião do preenchimento de um formulário enviado aos participantes com a seguinte questão: “Nós conseguimos tornar a sua vida mais maravilhosa?” faremos a exposição de como o Círculo de prática de CNV Encontros de Empatia colaborou para sensibilização e um aprendizado acerca da energia intrínseca a todo e qualquer ser humano: a sua essência compassiva.

### **Dando vez às vozes do Círculo *online* de prática de CNV na UEFS**

Relatar a experiência do Círculo de prática de CNV Encontros de Empatia representa a oportunidade de expor o resultado de vários momentos em que o deparar-se consigo e as suas histórias equivaleu a aprendizados significativos e porquê não dizer desafiadores. Nesta seção, será apresentada uma breve descrição do que foi vivido em cada encontro do Círculo de CNV.

**Primeiro encontro:** Apresentação da proposta a partir dos elementos: Espiritualidade e o sentido da vida. O que é Comunicação não violenta (CNV), pilares da CNV, Escuta ativa: o que é? Princípios da escuta ativa. Sobre o Bem Viver. O que buscamos e trazemos para o grupo.

O desafio começou desde quando nos propusemos a ofertar um Círculo de CNV em plena pandemia, no modo *online*. As pessoas já cansadas de tanto trabalho remoto, distanciamento de pessoas queridas e mais um espaço *online* para participar. Mas, a princípio trinta e uma pessoas optaram por vivenciar esta proposta. Ainda assim, desafios psíquicos, emocionais e também tecnológicos surgiram. Tudo sendo encarado como um aprendizado necessário nestes tempos tão desafiadores, promissores e também cansativos. Ainda assim, em reuniões de planejamento, eu e Suzi estávamos muito confiantes e conversávamos sobre todas estas questões e como contorná-las.

Já no primeiro encontro, abordar sobre a CNV trouxe surpresas quanto aos conceitos que dão base à proposta: sentimentos, necessidades, violências e também o quanto nós agirmos com violência sob argumentos de (auto) defesa, isso nas situações mais corriqueiras até as mais elaboradas e desafiadoras. Nesse primeiro encontro, foram lançadas as sementes de um Círculo promissor, tendo sido construídas e firmadas os combinados que deram suporte a todos os encontros.

**Segundo encontro:** Eu, violento/a? Percepção sobre violências e formas sutis de expressá-las no cotidiano.

O segundo encontro trouxe a proposta de refletir sobre estarmos violentos, termos uma estrutura mental e de linguagem violenta sem que percebamos. A partir da CNV que afirma que a forma como fomos educados nos impulsiona à atos de violência geraram um campo para diálogos bem emocionados. Quando da compreensão de que há uma programação mental e cultural que apoia uma linguagem pautada no medo, na culpa, na vergonha e que as nossas relações, de modo geral, acontecem nesta perspectiva, foi impactante tal constatação.

Um exemplo simples utilizado no Círculo e que gerou relatos sinceros de constatações de comportamentos violentos, remontou a uma situação comum no âmbito familiar: um adulto que está alimentando uma criança recusa-se a aceitar que a mesma não coma todo o alimento que está no prato e argumenta que ficará triste caso a criança não coma tudo. Situação muito corriqueira nas famílias por inúmeras questões, até mesmo pelo fato do adulto ter vivido uma experiência de dificuldade em alimentar-se quando criança, gerando neste adulto um comportamento de não desperdício de alimento.

Algumas questões que a CNV coloca é a seguinte: deve-se obrigar a criança a comer mesmo que ela não queira sob o argumento do adulto ficar triste com isso? Quais os sentimentos que podem surgir na criança para que ela coma

mesmo sem vontade? O que esta criança está aprendendo sobre os seus sentimentos e necessidades sentindo-se obrigada a comer, tornando-se assim responsável pela alegria ou tristeza do adulto? Este adulto compreende que não é o fato da criança recusar-se a comer que o fez agir desta forma, mas, alguma necessidade sua não atendida? Este adulto compreende que os seus sentimentos são de sua responsabilidade e que a recusa em comer da criança foi só um estímulo para ele sentir e agir da forma descrita?

A compreensão de que a violência pode ser vivida e sustentada de formas sutis e justificadas pelo hábito e até mesmo pela cultura fez com que nos acolhêssemos de uma maneira gentil e compassiva. Até porque a CNV não está a serviço dos julgamentos e apontar de dedos; reconhecer que agimos de forma a contribuir para que inúmeros conflitos aconteçam é só o começo de um processo longo e gradativo de uma transformação profunda acerca da manifestação da nossa essência compassiva.

**Terceiro encontro:** Empatia: é sobre colocar-se no lugar do outro ou sobre (saber) estar com o outro?

Empatia, palavra tão em voga, e que está na base do processo da CNV. Contudo, mais do que se escuta sobre empatia e o conceito de “estar no lugar do outro”, a CNV compreende que empatia é sobre estar com o outro, presente, ativamente. Pode não parecer, mas, há uma diferença entre estar no lugar do outro e estar com o outro.

Para discorrer sobre isso, lançamos duas questões: Você consegue estar com você mesmo, 24h por dia, consciente de tudo o que você sente e necessita, expondo e vivendo a sua vulnerabilidade? Você compreende que seja possível estar no lugar do outro como que “substituindo-o” no intuito de oferecer empatia?

As reflexões acerca destas duas questões renderam falas que refletiam o desafio de ser quem se é, de não se estar consciente e agindo de forma compassiva consigo mesmo todo o tempo e isto repercutindo na forma de se relacionar com o outro. Estar no lugar do outro, diferente de estar com o outro, implica como que assumir este outro em sua totalidade para compreendê-lo. Ao passo que a CNV propõe que estejamos em nós mesmo, presentes e atentos, porém abertos e inteiros na relação com o outro.

Mais uma vez, o Círculo promoveu um espaço para a construção/desconstrução de perspectivas muito enraizadas sobre a forma ideal de relacionar-se consigo e com o outro.

**Quarto encontro:** Não falar adoece! A comunicação não violenta e o conhecimento de si (e do outro).

Neste encontro realizou-se um exercício de revisitar uma situação em que alguma necessidade da pessoa não tenha sido atendida. Como a pessoa agiu, o que ela sentiu e a maneira com que expressou a situação na ocasião em que ocorreu. Mas antes disso, abrimos um espaço para dialogarmos sobre os seguintes pontos: Não falar gera consequências em todas as dimensões de nossa vida, mas falar de qualquer jeito também pode adoecer a nós e aos outros.

Como lidar com tais questões, sendo que é muito comum não expressarmos o que necessitamos por uma série de fatores, dentre os quais o medo de julgamento. Assim como, é comum recebermos as falas dos outros a partir de uma interpretação julgadora e violenta. A partir disso discorreremos sobre os quatro componentes da CNV estando associados às duas perguntas que disparam todo este processo: o que está vivo em mim e o que eu posso fazer para tornar a minha vida mais maravilhosa?

Como não poderia deixar de ser, foi uma noite de muitos aprendizados quando da percepção de que é muito comum não saber identificar o que sentimos, esperar que o outro adivinhe o que necessitamos, confundirmos um pedido com exigência. Mais aprendizados, mais acolhimento, mais trocas autênticas de expressões de sentimentos e necessidades.

**Quinto encontro:** Conflitos nos relacionamentos: Aprendendo a Ser autêntico/a

Neste encontro dialogamos com a obra “Criando União” associado a outro exercício que remeteu a uma situação com o/a companheiro/a ou uma pessoa de importância na vida da pessoa. Apresentamos a seguinte citação: “A maioria dos seres humanos ainda é incapaz de perceber como a distorção e o negativismo afetam e reforçam diretamente as distorções e o negativismo dos outros, formando um engate.” (PIERRAKOS; SALY, 1993, p. 140-141).

A intenção foi promover um diálogo acerca da ideia de que alimentamos e somos alimentados mutuamente na incompreensão sobre os nossos sentimentos e necessidades. E isso não seria diferente nos relacionamentos mais íntimos, às vezes, são até mais intensos os conflitos e embates. Os relatos confirmaram estas assertivas, de modo a que experiências fossem faladas em um nível de maior compreensão de si mesmo e do outro.

O exercício proposto neste encontro considerou que o participante do círculo estivesse conversando com o/a companheiro/a ou uma pessoa muito íntima, a partir de quatro perguntas, de uma situação ocorrida em sua vida. Neste

exercício, as perguntas foram simuladas como que feitas pelo/a companheiro/a e respondidas pelo participante do círculo.

As perguntas foram as seguintes:

1. Poderia me dizer algo que faço como seu/sua companheiro/a que torna a vida menos maravilhosa?
2. Quando eu faço isso que você falou, como você se sente?
3. Quais necessidades suas não estão sendo atendidas?
4. Agora, diga-me o que posso fazer para que seus sonhos mais maravilhosos se realizem.

O resultado é quase que invariável: em alguma medida há uma compreensão menos defendida e superficial das situações, dos sentimentos e necessidades envolvidas nos diálogos e de que os conflitos são passíveis de serem resolvidos quando nos colocamos sob uma nova perspectiva.

### **Sexto encontro: Gratidão: Energia/atitude poderosa e transformadora?**

Gratidão. Palavra que expressa um sentimento de profundo reconhecimento da importância de algo ou alguém na nossa vida. Neste encontro, o desafio foi dialogarmos sobre o quanto somos verdadeiros ao dar e receber gratidão, a expressarmos de um lugar autêntico aquilo que está vivo em nós. Mais uma vez realizamos um exercício sobre uma situação recente em que o participante do círculo expressou a sua gratidão a alguém que atendeu às suas necessidades. Como isso foi feito?

Mediados por mais alguns elementos da CNV, como a diferença entre gratidão, elogio e recompensa dialogamos no intuito de compreender o quanto temos dificuldade em dar e receber gratidão movidos por uma energia genuína de alegria e satisfação, sem sentir culpa, medo ou vergonha.

Mas quais seriam as diferenças entre gratidão, elogio e recompensa? De acordo à CNV estas três energias possuem funções bem particulares: a gratidão sendo a expressão de um sentimento genuíno baseado numa consciência espiritual de compreensão, conexão e pertencimento; o elogio sendo a expressão de um julgamento a partir de uma “ação correta” e a recompensa como sendo a expressão de retribuição a partir de uma “ação correta”.

Novos diálogos foram realizados a partir das perguntas: Você identifica desafios pessoais para expressar gratidão? Para você, é difícil receber gratidão? Como forma de demonstrar como é possível termos restrições quanto a receber gratidão, apresentamos as expressões “Não foi nada”, “Por nada”, “De nada”, “Que isso, não fiz mais do que a minha obrigação” como forma de exemplificar como podemos estar condicionados a não darmos nem recebermos com gratidão. E por fim, deixamos “no ar” mais uma questão: Se você tornou a vida de alguém mais maravilhosa, por que a dificuldade em receber gratidão?

**Sétimo encontro:** Espiritualidade e vida: Eu no mundo e o sentido de existir.

Este talvez tenha sido o encontro mais reflexivo e com vários momentos de silêncio. Por ser o último encontro havia uma energia de fechamento de ciclo, um misto de alegria com saudade, expresso por todos os que estavam presentes. Perguntas como: Quem sou eu? Qual o sentido de existir? O que é vida? O que é espiritualidade?, permearam este encontro que mobilizou uma energia ainda mais sutil do grupo.

Falar sobre espiritualidade no contexto acadêmico tem os seus desafios. Além disso, falar em espiritualidade associada à CNV torna o desafio ainda maior porque implica o reconhecimento que ainda estamos agindo de forma defensiva, violenta, mesmo que não estejamos conscientes e/ou convencidos disso.

Apresentamos uma fala do Rosenberg (p. 164, 2019b) acerca da compreensão dele sobre espiritualidade prática, aplicação da CNV nos processos de mudança social

Toda vez que falo sobre minhas crenças mais profundas – espiritualidade, conceito sobre Deus, visões de amor –, dois temas aparecem: (1) A maior alegria vem de nos conectarmos à vida contribuindo para o próprio bem-estar e o dos outros; (2) Espiritualidade e amor tem mais a ver com o que fazemos do que com o que sentimos.

Mais do que uma espiritualidade associada à uma instituição religiosa, a espiritualidade a qual compreendemos e sentimos como inclusiva dialoga muito com a perspectiva apresentada pelo criador da CNV. Mesmo os sentimentos fazendo parte do processo da CNV é a experiência, aquilo que vivemos e expressamos que determina o que somos no mais profundo. Falar, escutar, sentir são expressões da nossa humanidade, mas, ser e viver verdadeiramente os valores humanos que dignificam a nossa presença e a de todos os seres no mundo é que tornam esta experiência com um significado espiritual.

Sobre a experiência de um Círculo on line de prática de Comunicação Não Violenta (CNV) na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS): estendendo espaços para sensibilização sobre diálogos compassivos  
*Daniela Caffé Oliveira*

Como atividade de culminância do Círculo de prática de CNV, foi realizada a construção coletiva do conceito sobre a espiritualidade e a CNV, tendo sido chamado de “Mosaico da vida”. O conceito elaborado foi o seguinte: “A comunicação não violenta é uma qualidade de escuta que nos direciona ao amor, ao sentir as emoções, a se perceber enquanto pessoas que buscam a ligação com o próximo e o divino, transformando as nossas vidas uma dinâmica mais feliz, amorosa e compassiva.”

### **Algumas falas sobre o impacto do Círculo de CNV na vida cotidiana**

Com o término do Círculo *Online* de prática de CNV na UEFS, ainda como forma de avaliação da atividade de Extensão, enviamos para os participantes um formulário com a seguinte questão: “Conseguimos tornar a sua vida mais maravilhosa?”

Obtivemos respostas que expressaram sentimentos e necessidades em situações variadas, tendo sido organizadas a partir de um termo central associado à proposta da CNV, as quais servirão de base para futuras intervenções desta natureza:

### **Julgamentos**

*Acredito que o que tenha mais me tocado é a questão do julgamento. Vivenciar as situações sem julgar.*

### **Relação interpessoal**

*Melhorou bastante a comunicação com meu marido e com outras pessoas de forma leve, sem violência, foi a melhor forma que encontrei para viver bem e estar em paz comigo mesmo.*

*Sem dúvida ter participado dessa roda de CNV foi maravilhoso, passei a buscar me relacionar melhor com meus filhos, a partir de ferramentas da CNV. Me trouxe mais leveza para a alma.*

### **(Auto) empatia**

*Quando você suscitou sempre o redirecionamento do olhar para compreensão da nossa limitação e do outro, para um olhar empático.*

### **Escuta ativa**

*Este curso me deu a oportunidade de escuta do próximo com cuidado e paciência.*

### **Reconhecer e expressar sentimentos e necessidades**

*Eu sempre tive dificuldade para entender o significado da palavra “sentimento” e, muito mais, para reconhecê-lo. Agora, me sinto mais “habilitada” para prosseguir nesta busca. Mas, muito novo para mim foi a “descoberta” de que, tão importante quanto o sentimento, é saber identificar e exprimir a minha necessidade. O exercício de comunicar isto ao outro de forma não violenta tem me trazido paz interior, melhorado as minhas relações pessoais e aumentado a minha auto-estima.*

### **CNV e ambiente laboral**

*A CNV tem me ajudado principalmente no ambiente de trabalho. Sigo aprendendo sobre e aplicando no cotidiano.*

### **CNV e autoconhecimento**

*O círculo de Prática me fez refletir bastante sobre a forma como me comunico com as pessoas e também comigo mesmo. As agressões e microagressões fazem parte do nosso cotidiano e, muitas vezes, já estamos tão sintonizados nesta energia desagregadora que não percebemos o quanto afetamos o nosso campo afetivo e social através de uma comunicação violenta. Através dessa estudo passei a perceber melhor como utilizo as palavras, a prestar mais atenção nas minhas necessidades e dos outros. Também me senti muito acolhida nos encontros para compartilhar experiências, e o quanto é importante escutar e acolher as pessoas ao nosso redor. Despertou a curiosidade e interesse de continuar a estudar a CNV.*

A partir destes relatos, podemos dizer que, em um curto espaço de tempo, numa situação adversa e cheia de preocupações e tensões como uma pandemia, em um contexto de virtualidade, o resultado alcançado apresenta a riqueza da experiência de uma troca a partir da compreensão da nossa habilidade para uma convivência compassiva, vivenciando uma espiritualidade prática como forma de bem viver em comunidade princípios e valores éticos que dignificam a vida humana. Avaliamos, assim, que o Círculo cumpriu os objetivos.

### **Algumas considerações e perspectivas**

Viver a vida humana tão diversa e rica em expressões de cultura e sentidos traz associada a esta experiência uma multiplicidade de situações que denominamos conflito porque gera um comportamento contrário ao atendimento das mais básicas necessidades humanas, como existir e pertencer para si mesmo e para o outro.

Falar de conflito em um nível de aprendizado sobre quem se é e sobre o que fazemos aqui no mundo tem sido vivenciado de formas as mais variadas, gerando, para além dos conflitos, situações de violências há muitos milênios. Parece que as nossas discordâncias sobre tais questões têm gerado, ora uma aproximação sobre discussões acerca de quem somos e uma espiritualidade inerente à toda expressão de vida, ora um distanciamento de tudo o que remeta a elucubrações mais profundas em detrimento de uma perspectiva material desta mesma vida. É como se disséssemos “ou somos uma coisa ou outra”, tomando a exclusão como estratégia de evitação de contato com algo “maior” ao qual supomos não darmos conta de compreender, reconhecer, assumir ou simplesmente, negando a sua existência.

Resumir-se a um corpo físico e uma parca inteligência condicionada tem sido a escolha de muitos há muito tempo, e junto a isso uma experiência humana que não satisfaz, que faz com que vivamos uma vida considerando-nos isolados, inimigos, insatisfeitos, distraídos. Egoístas, numa palavra.

Sermos gregários, sermos seres de relação torna toda e qualquer ação realizada por nós uma ação que atingirá outras vidas. Ação sistêmica, em rede. Queremos colaborar, transformar, expressar a nossa essência, a nossa energia no mundo. Acontece que somos a resultante de um grande legado humano, multimilenar, que na sua base histórica apresenta perspectivas pautadas em uma programação mental e sociocultural de ordem competitiva e violenta que precisa ser superada.

Dialogar, falar, escutar, interagir sem a consideração da nossa humanidade e espiritualidade garantidas tem gerado tantas formas de violências que o resultado é uma retroalimentação destas violências em todos os âmbitos: familiar, laboral, político, educacional, cultural, religioso, espiritual. Ao promover um *Círculo online* de prática de CNV em um contexto acadêmico foi possível desenvolver e/ou ampliar a compreensão da prerrogativa de que as necessidades humanas quando atendidas de forma compassiva criam pontes sustentadas por uma qualidade de conexão manifestada por uma espiritualidade intrínseca ao ser humano, confirmando que somos por natureza seres não programados para viverem isolados. Que não somos só um corpo biológico, que há em nós a dimensão espiritual, vibracional, energética.

Assim, concordarmos que, ao nos relacionarmos de um lugar de inteireza e (auto) respeito, os muros até então mantidos por uma programação mental e sociocultural baseada na competição, são destruídos pelos laços invisíveis que nos conectam e mobilizam viver em sociedade de forma (gradativamente) compassiva.

## REFERÊNCIAS

CHAVES, C.; ARANTES, J.; SANT'ANNA, L.; LIMA, N. **Círculos empáticos**. Práticas de empatia e honestidade: uma metodologia open source. Brasília: Instituto CNV Brasil, 2020. Disponível em <https://www.institutocnvb.com.br/materiais> Acesso em: 12 ago 2020.

PIERRAKOS, E.; SALY, J. **Criando união**. O significado espiritual dos relacionamentos. São Paulo: Editora Cultrix. 1993.

ROSENBERG, M. **Comunicação não violenta**: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006.

\_\_\_\_\_. **A linguagem da paz em um mundo de conflitos**: sua próxima fala mudará seu mundo. Tradução: Grace Patrícia Close Deckers. São Paulo: Palas Athena, 2ª ed, 2019a.

\_\_\_\_\_. **Vivendo a comunicação não violenta**: Como estabelecer conexões sinceras e resolver conflitos de forma pacífica e eficaz. Rio de Janeiro: Sextante, 2019b.

## **EVA, UMA SERPENTE: REFLEXÕES ACERCA DO MEU SER, DO CONHECIMENTO E DA SEXUALIDADE**

Nácia Silva Andrade de Carvalho<sup>1</sup>

Não fui uma criança desejada! Minha mãe era jovem, desempregada, convivia em uma família com 6 irmãos, quando descobriu a notícia que mudaria o rumo da sua vida e mudaria a sua forma de agir e de pensar, enquanto meu pai biológico corria para um outro Estado para não arcar com uma criança que poderia não ser dele, pelo menos foi algo parecido que ele disse pra minha avó. Ah, o bendito DNA! E a famigerada “mãe solteira”?

Antes do meu nascimento eu iria ter em meu nome a marca da derivação da minha mãe e de seu nome (Dona Marcia). Dentro do útero eu já era uma mocinha e já entranhava os símbolos, códigos e rituais do que é ser mulher.

Assim nasci, assim nasci aprendendo, aprendi a me com-portar, a fechar as pernas, a sonhar com uma casa e um marido pra cuidar, a me silenciar, mas também, paradoxalmente, aprendi a trabalhar, a querer estudar, a me libertar – desde que a liberdade não fosse muito libertadora.

Então cresci, passei a minha primeira e segunda infâncias concebendo o mundo por uma ótica do “natural/normal”. Fui coroinha da igreja, era muito religiosa, menstruei aos 12, usei um colete ortopédico (sofria bullying, era a “Robocop”) e comecei a beijar aos 13. Primeiro beijo num menino e apaixonei! engraçado como tudo ainda estava no conto de fadas, naquilo que a indústria cultural ensina sobre os gêneros, os corpos, as sexualidades. Me frustrrei... haveria outras frustrações piores. Mas dentro dessa heterossexualidade adolescente, eu sempre brincava com as amigas sobre “pegar“ uma à outra... sigo adiante, volto nisso nestante.

Então cresci um pouco mais, sempre magra via as minhas amigas encorparem com seios fartos, bunda grande e eu continuava com o corpo de criança, até os meus 19 (agora sigo apenas magrela). Aos 16 tive minha primeira crise existencial. Hoje acredito que tenha sido um período de depressão, pois não saía, não comia e chorava e meu corpo era uma das minhas raivas: eu odiava pesar 36kg e comprar roupas no final de ano na seção infantil. Queria ser uma mulher, exalar sensualidade... eu odiava meu corpo! Será que ainda odeio? Porque odiaria? Pra quem é bom esse ódio?

---

<sup>1</sup> Estudante de Pedagogia da UEFS. Bolsista de Extensão no Projeto Alfagaris.

Passei meu ensino médio brincando de dar selinho na amiga, de morder a boca da amiga, de ler *hentais* com sexos lésbicos. Não entendia aquilo, sabia que era errado. Algo estranho/*queer* acontecia com meu corpo, minha mente, mas por quê? Será que estava virando “pervertida”? Todas as possibilidades de reprimir o que estava sentindo foram efetuadas, mas não adiantou, porque o corpo tende a se rebelar às imposições sofridas, ora dá certo, ora é muito reprimido.

Então entrei na Universidade. Troquei de curso, hoje faço Pedagogia e consegui aprender muita coisa, desconstruir muita coisa, aprender a aprender a ter paciência no processo de aprendizado e desconstrução do outro. Ainda sigo aprendendo.

Entendi assim, dentro da Universidade que já não era mais uma mulher heterossexual, nunca fui, fui compelida a ser, reprimida, regulada. Meu corpo, meus desejos, minha forma de amar, de relacionar, foram moldadas como barro. Binária? Me descobri bissexual, me descobri pansexual, me descobri lésbica e sigo nesse processo de descobrimento de quem sou, afinal tudo que é dado como acabado, natural, normal deve ser posto em problematização.

Por fim, quero trazer, neste processo não tão linear da minha vivência, o medo dos demônios durante a segunda infância e adolescência. Sentia a presença de espíritos me rondando, atravessando o meu corpo e me constituindo, sendo parte de mim, e já não sabia se eu era pessoa ou demônio. Eu era EVA e a SERPENTE?

Tive o prazer de conversar com um deles recentemente, que também era eu, agora que me sinto madura ou apenas agora que não posso mais ser uma “novinha”:

**EU:** — Oi, como vai aí? Como tu tá?

**Eu-Demônios:** — Aqui vai tudo mal, nunca tá bem...

**EU:** — Como assim?

**Eu-Demônios:** — O tempo passa

Tu vai, tu volta e vem

Tu olha pra trás

O que tu vê?

A dor dói aqui

Dói aí

O mundo parece o mesmo

Porque dói

Hoje tu reclama

Por causa do medo

Tu cresceu menina,

Mais uma no desemprego

Antes corria na lama

Hoje se enlameia desse jeito

Com poesias se inflama

Por ser expulsa do paraíso sem direitos

**EU:** — Tu fala coisas tão absurdas

**Eu-Demônio:** — Absurdas?! Absurdo é tu achar que teus problemas são problemas ... vamos lá, veja só, olhe para o teu presente. O que vê?

**EU:** — Eu vejo dor,

vejo tristeza,

vejo armários

Sem beleza

Vejo a palavra

Sem poesia

O presente como o passado

O futuro como o passado

Dois passos passados

São passos do passado

**Eu-Demônio:** — Olhe mais afundo, o que vê? O que tem se repetido?

**EU:** — Doenças, vírus, pandemia

Solidão, carência, tristeza

Dissidência, subversão, iconoclastia?

Ou fome, cansaço e pobreza

... Chega!!!

*A Roda da Vida*

Realmente não sei, é tão difícil pensar sobre tudo o que vem acontecendo hoje. Depois dessa pandemia, parece que o armário ficou aberto de novo, nos obrigando a estar dentro dele. Parece que a fome nunca esteve tão presente, tão amarela como dizia Carolina. O desemprego tá aí, as pessoas estão sendo obrigadas a servirem e servirem e servirem, incansavelmente, como mandam as engrenagens do capitalismo. As mentes já não andam tão sadias, são sugadas pelo buraco profundo da ansiedade e da depressão. O espírito poético perdeu as cores do arco-íris.

Tu me força a ver

O que não quero enxergar

Eu não quero ver, mas vejo.

O que tu é?

Tu é conhecimento?

Abre minha mente

Por isso o inferno do presente

Virou psicóloga?

Agora estou em um divã?

O que acontece

Faz parte dos teus afãs?

Manipuladora

Como qualquer demônio

Instiga a pensar

Como qualquer demônio

Fala o que não queremos ouvir

Como qualquer demônio

Mostra a esquizofrenia coletiva

Como qualquer demônio.

**Eu-Demônio:** — Mais uma vez me culpa?

Sou eu um demônio

Ou uma filha da puta?

Tu não quer ver?

O medo do real

Te impede de enxergar

O que uma pandemia fez potencializar.

**EU:** — Então tudo isso faz parte de uma estratégia maior?

**Eu-Demônio:** — Tudo isso possibilitou uma estratégia maior. Não consegue ver? A ordem das coisas? O discurso das coisas? O não dito nas coisas? Enquanto tu está tendo delírios com um ser místico, fora da tela do computador, do celular, do tablet, ao abrir a porta, sob um céu ensolarado e um calor de 38°C, um ar úmido e quente, pessoas passando de um lado para o outro, o suor escorrendo no rosto, carros com som alto, motos empinando, cachorros de rua correndo e os pássaros voando. Lá, há um caos! Saia do seu lugar, deixe de comodismo, olhe em volta o caos, sem paraísos. Pessoas morrendo, pelo vírus, pela mão de outras pessoas, pelo racismo, pela homofobia, pela transfobia, por ser pobre, por nascer, por pensar, por insistir em viver. A falta de uma educação sexual implica em adolescentes grávidas/es/os, em ISTs. Melhor dizendo, a falta de políticas públicas provoca gravidez precoce e ISTs. A ausência do amor provocando ódio, ódio pelo outro que se tem medo, ódio pelo outro no qual anseia por se tornar, ódio por não saber lidar consigo. Rostos fisgados em telas retangulares, as pessoas não se falam, se curtem. A luz? Agora só rico tem luz, tem gás, tem gás e comida, só rico. Tu não vê isso? Quando tudo o que tu pensa vai chegar lá? Lá onde o caos habita, ora silencioso, ora com gritos absurdos?

**EU:** — Quer dizer que a culpa é minha? De tudo isso acontecer?

**Eu-Demônio:** — A culpa é nossa, por não querer enxergar. A ignorância é intencional, é um projeto para a humanidade. O que tu tem feito para mudar essa realidade? Agora intelectual ... orgânica, racional, multifuncional, sujeita pensante?

**EU:** — O demônio como sempre astuto

Toca em feridas abertas

Fala dos nossos maiores medos

Sem modéstia ou segredos

O demônio tira o paraíso

O lutar narcísico

E em troca não nos dá

*A Roda da Vida*

Nos tira  
E ensina  
Ensina a pensar  
Como Eva no paraíso  
E a serpente  
Falando no ouvido  
Com uma linguagem simples e aberta  
Nada de palavras difíceis  
Ideias curtas e diretas  
Oferece a maçã  
Diz “toma aqui o conhecimento”  
Tinha que ser mulher, feminina e masculina  
Serpente maldita  
Abre os olhos para as desgraças da vida  
E me mostra que ainda não fiz nada  
Nada para ajudar a mudar essa realidade.

Essas conversas que tive com o ser do conhecimento, um tanto quanto surreal, mas bastante reflexiva, tão reflexiva quanto a disciplina BIO605 - Sexualidade e Educação, que me fez pensar, problematizar a vida, a existência, me fez ter orgasmos de sabedoria. Essa disciplina me proporcionou esse momento, mais do que uma escrita acadêmica, nessas palavras está meu corpo, minha mente e meu espírito, meus pensamentos, meus aprendizados, meus ensinamentos, minhas reflexões, meus sentimentos, meu ser. Aqui consigo colocar um pouquinho de mim.

Engraçado, sabia?! Na minha caminhada, tenho 6 anos de Universidade, essa é a primeira vez que meu corpo, minha história, meus desejos, são valorizados, ao invés de ser apenas a minha mente. Infelizmente nesses ambientes universitários, somos convidadas a fazer parte de uma concepção cartesiana do ser humano, em que apenas as mentes são valorizadas, são aceitas na sala de aula, enquanto o corpo, os desejos tem que ser escondidos, guardados na porta e só depois, apenas depois, quando acaba a aula e como se tivéssemos pendurado na arara dos casacos, podemos pegar novamente a outra parte de nós.

Com a disciplina mencionada consegui aprender muitas coisas boas, problematizar outras coisas, sedimentar, internalizar, desconstruir, descartar conhecimentos, ações, práxis. E com os meus demônios, aproveito que são seres de conhecimento, embalo reflexões nos dias hodiernos, nos quais passamos por solidão, desespero, desamparo, aprendizados, reflexões. Dias em que choramos pela morte, pela recuperação, pela saúde, pela vida. Momento em que nos sensibilizamos. São tantas reflexões!

É por isso que escrevo e outras mulheres também irão escrever e compor um livro, por causa da realidade, da vida, de nós, do nosso ser e muitos podem não entender o que isso tem a ver com a sexualidade e assim trago (do verbo trazer e do verbo tragar) Miskolci<sup>2</sup> (p.39) pois ele afirma que a sexualidade “envolve desejo, afeto, compreensão e até a imagem que os outros têm de nós”, isso indica que ela não é puramente o desejo sexual, a sexualidade é vida, é orgânica, é mistura, é ação, compreensão conjunta e individual.

Trago também Weeks<sup>3</sup> (p.25) quando diz que a sexualidade tem a ver, também, “com nossas crenças, ideologias e imaginações”. Trago Louro<sup>4</sup> quando nos afirma que a sexualidade não como algo privado/particular que acontece dentro de um quarto, mas enquanto uma questão cultural, social e política, construída por todas as pessoas, durante toda a história da humanidade, com maneiras particulares e comuns.

Por muito tempo, nós, mulheres, fomos invisíveis no que tange a produção do conhecimento acadêmico e hoje nós nos juntamos, dialogamos, trazemos nossas críticas, nossos lugares identitários, nossas particularidades, nossas emoções, dúvidas, problematizações, produzimos ciências, somos docentes e discentes, e com-poremos um livro.

Ainda bem que a serpente deu a maçã do conhecimento a Eva! Escolha bem acertada.

---

2 MISKOLCI, R. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

3 WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In.: LOURO. G. L. (org.) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 5-24, 2000. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>> Acessado em: 24/09/2021.

4 LOURO, G. L. Pedagogia da sexualidade. In.: LOURO. G. L. (org.) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 5-24, 2000. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>> Acessado em: 24/09/2021

# **PESQUISA ACADÊMICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Rebeca Ribeiro Ferreira<sup>1</sup>

## **FECHARAM OS PORTÕES**

Tudo ocorreu muito rápido em março de 2020. O Ministério da Saúde decretou medidas de prevenção de contágio. Tudo fechado, atividades suspensas, crise mundial. A pandemia devido ao novo coronavírus (SARS-CoV-2) causador da COVID-19, doença infecciosa, que alterou a dinâmica de trabalho, estudos e demais formas de interação social.

As medidas para conter a disseminação do vírus, provocaram mudanças em diversos setores em todo o mundo, com destaque no campo da educação. No contexto educacional brasileiro, o Governo Estadual sem apoio do Presidente da República, implementou medidas de Ensino Remoto Emergencial (ERE) nas instituições públicas de ensino para dar seguimento as atividades acadêmicas.

Inserida na educação superior em uma universidade estadual da Bahia, eu vivi esse contexto virtual e a reconfiguração da dinâmica do ensino, pesquisa e projetos de extensão. E neste relato de experiência quero narrar minhas vivências e percepções enquanto uma estudante do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Feira de Santana em plena atividade de iniciação científica (bolsista PROBIC/UEFS) no contexto de pandemia da COVID-19 em ensino remoto emergencial durante o período de 2021-2022.

No ano de 2021 enquanto estudante cursando o 9º semestre, defendi o meu trabalho de conclusão de curso (TCC) e participei da seleção de bolsas de iniciação científica com a finalidade de retomar a pesquisa que havia desenvolvido como plano de pesquisa científica em 2019/2020 intitulado “Saúde Mental em Feira de Santana – Bahia: Análise de Notícias Publicadas no Jornal Folha do Norte (1921-1950)”. Tinha como fonte de estudo os exemplares do Jornal Folha do Norte (JFN), primeiro jornal da cidade de Feira de Santana, cujos exemplares estão disponíveis na UEFS no Museu Casa do Sertão e na Biblioteca Central Julieta Carteado. Mesmo com a finalização da bolsa em 2020 dei continuidade à pesquisa investigando notícias e anúncios no referido jornal.

Meu atual plano de pesquisa, contemplado com bolsa 2021-2022, é intitulado “Aspectos históricos, psicossociais e a vulnerabilidade feminina ante a Gripe Espanhola e COVID-19: Análise de publicações no Jornal Folha do Norte (1918-2020)” que faz parte do projeto maior de pesquisa: Feira de Santana Real,

---

<sup>1</sup> Estudante de Psicologia da UEFS. Bolsista PROBIC/UEFS.

Possível, Imaginária ou Invisível: As imagens, o olhar e os discursos da Saúde Pública, do Urbanismo e da Cultura sobre a cidade e a Identidade “Feirense” (1900-2012), sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni, e tem como principal objetivo analisar as dimensões históricas de vulnerabilidade e psicossociais femininas no contexto pandêmico que ultrapassa o âmbito da patologia física e afeta as condições de Saúde Mental da mulher feirense dentro do recorte de 1918 e 2020 a partir de notícias, publicidade, anúncios, serviços e comentários publicados no Jornal Folha do Norte (JFN). Levo em consideração os aspectos históricos e de vulnerabilidade feminina mediante o paralelo entre o contexto pandêmico – em 1918 com a Gripe Espanhola e atualmente com a COVID-19.

Neste relato, vou abordar desafios enfrentados e relacionadas ao acesso à tecnologia, material de estudos, coleta de dados, acervo científico e todo o percurso de andamento da pesquisa por meio virtual. Quero destacar minha persistência e motivação em realizar as etapas da pesquisa iniciação científica neste novo contexto.

Entendo que o relato de experiência é uma importante estratégia metodológica parte do campo das ciências humanas por valorizar a explicitação descritiva dos eventos e fenômenos presenciados em determinada circunstância, no caso, a inédita pandemia vivida no século XXI. A minha narrativa através da linguagem performática ao exprimir experiência de singularização pode ajudar na compreensão das dificuldades enfrentadas por estudantes neste contexto de crise mundial. Desse modo, a presente construção da narrativa configura um exemplo dialético de explicitação e compreensão da minha própria vivência. Assim, ao descrever minha experiência destacando aspectos relacionados a pesquisa em iniciação científica no cenário atual, me permiti refletir acerca das estratégias usadas para lidar com tal circunstâncias que dificultaram o desempenho na pesquisa acadêmica.

## **UM NOVO NORMAL... PARA QUEM??**

Sim, foram muitas transformações vivenciadas no início dessa pandemia dentre essas o repentino e brusco isolamento social. Uma outra forma de conduzir o cotidiano chamado “novo normal”. Acostumar não acostumamos. No campo da Psicologia aprendi que é terapêutico a interação social, faz parte do ser humano, e foi neste contexto pandêmico que percebemos a importância de estar junto, próximo, em contato. Estar junto me refiro ao interagir face a face, olhos nos olhos, que o meio virtual definitivamente não consegue nem substitui a interatividade social física pelo simples fato de que a possibilidade de dois corpos

ocuparem um mesmo lugar, inevitavelmente afeta o ambiente que por sua vez nos afeta. Esse contato era considerado uma das principais formas de contaminação e por isso as aglomerações deveriam ser evitadas.

Evitar o contato social para mim foi a pior experiência sentida, não apenas pelo medo de contrair essa doença mortal quando ainda não existia a vacina, e nem pelo medo de passar esse vírus a um familiar. Mas o pior de tudo foi o “estar só”. Não poder ir ao supermercado cumprimentar a amiga do caixa ou o rapaz gentil do açougue. Não ter amigos para um sorvete. Não poder andar na rua, bater perna, entrar livremente nas lojas... Tudo fechado. Fecharam os portões das escolas, mercados, oficinas, teatros, enfim, tudo fechado. Total isolamento. O lugar mais ocupado por grande parte dos estudantes, a biblioteca, fechada. Não poder ocupar a Biblioteca Central Julieta Carteadado da Universidade Estadual de Feira de Santana, é algo que afetou diretamente na minha rotina de estudos, pois esse era o local de melhor acesso onde eu conseguia manter minha concentração e foco nos estudos.

E atrelado a isso estava o medo de contaminação pessoal com coronavírus, pois não havia atendimento rápido para todos, filas imensas nos hospitais públicos e o meu plano de saúde contratado não cobria pandemias. Logo, adoecer seria muito difícil em um país em que a saúde pública está sucateada.

Evidente que mediante a esses infortúnios repentinos, coube pouquíssimo tempo de adaptação ao método de ensino virtual. A mudança na rotina naturalmente desestabilizou a minha saúde mental, e diante disso, necessitei exercitar a resiliência para minimizar o impacto psicossocial do isolamento e me reinventar todos os dias para lidar com a emergência mundial.

## **ACESSO AOS DADOS**

É possível destacar três pontos cruciais dos desafios em seguir a pesquisa de iniciação científica: acesso ao acervo, ambiente adequado para estudos, motivação nos estudos em modo virtual.

A pesquisa que desenvolvo é de base documental de fontes jornalísticas disponíveis em apenas dois locais de acesso público: Museu Casa do Sertão e Biblioteca Central Julieta Carteadado, ambos no campus da UEFS. Com as medidas preventivas, essas instâncias acadêmicas foram fechadas até segunda ordem impossibilitando o acesso e coleta de dados. Assim, minhas atividades de pesquisa em contexto remoto foram muito prejudicadas em função da impossibilidade em acessar o acervo.

Outra questão que afetou o andamento da pesquisa foi o acesso a equipamentos como computadores, celulares, tablets, além das dificuldades de conectividade à internet, de modo regular e com qualidade. A Secretaria da Educação do Estado da Bahia se esforçou em disponibilizar bolsas para estudantes de baixa renda adquirirem recursos tecnológicos para acesso ao ensino remoto. Como contemplada dessa bolsa eu pude investir em recursos educacionais para atender a acessibilidade tecnológica, inclusive aprimorar o acesso à internet.

Importante apontar outro ponto que interferiu no andamento da pesquisa neste contexto pandêmico: a falta de um ambiente domiciliar adequado para a realização das tarefas de pesquisa. Em circunstâncias atípicas onde boa parte dos familiares precisaram estudar e trabalhar em casa, foi um grande desafio encontrar um ambiente silencioso, organizado, calmo para estudar, compartilhar os recursos tecnológicos também foi um percalço, pois mais de um familiar precisava realizar as tarefas de estudo e trabalho em um mesmo computador, no mesmo horário.

## **MOTIVAÇÃO NOS ESTUDOS**

Mediante tantas dificuldades no seguimento da pesquisa científica, houve o inevitável abalo na motivação em estudar. Com a crise mundial, a necessidade de obter recursos financeiros aumentaram, trabalhos freelancer passaram de opção para necessidade em complementar a renda familiar, outro empecilho nos estudos. A dupla jornada de trabalho e estudos afetaram totalmente a motivação em seguir com as atividades acadêmicas.

A experiência vivida por mim, pelo estudante de baixa renda de uma forma geral, se depara com a realidade de ajudar a família financeiramente dividindo seu tempo entre estudos e trabalho. Além disso, reitero não se aplicar no meu caso, mas há aqueles estudantes além disso tudo, possuem vulnerabilidades frente ao ensino remoto, por não conseguir se adaptar a esta modalidade que se resume a horas e horas sentado em frente ao computador ou telinha de celular. Aqueles que têm atenção flutuante e precisam de maior interatividade na aprendizagem – recurso forte nas aulas presenciais – sentem o impacto e a impossibilidade em seguir com os estudos em meio virtual.

A distração que o meio virtual promove acaba sendo outro ponto de desvio da atenção dos estudantes. Em meus estudos no computador ou no celular, constantemente me deparo com notificações de mensagens de amigos, familiares e de colegas dos trabalhos informais que tenho encontrado para complementar a renda. As redes sociais são grandes distrações por possuírem vídeos, jogos, fotos

e outros estímulos que captam a atenção, interrompendo o ritmo de estudo. Manter o foco nos estudos com as redes sociais ao alcance de um clique é outro grande desafio. Quase impossível...

Apesar de várias dificuldades aqui relatadas, destaco o aprimoramento e desenvolvimento de habilidades na realização das atividades acadêmicas. As circunstâncias pandêmicas promoveram o aprimoramento de habilidades no uso das ferramentas e dos meios tecnológicos até então não experimentados por mim antes da pandemia. A possibilidade de estudo remoto era algo impensável e confesso o meu preconceito com instituições de ensino à distância onde a experiência virtual era vista por mim apenas no modo rápido de comunicação através das redes sociais. Ampliar os estudos remotos para além dos portais de pesquisa rápida de artigos me ajudou a entender as múltiplas facilidades que a tecnologia promove para o campo da pesquisa, características bastante necessárias à formação, como por exemplo, em atividades práticas.

## **FOCO E RESILIÊNCIA**

Reconhecendo as dificuldades, optei por transformá-las em oportunidades. Determinada a desfrutar da melhor maneira da minha rotina de estudos e trabalho, busquei estratégias para amenizar o impacto psicossocial e as frustrações decorrentes da pandemia. Foi neste momento que entendi o significado de resiliência, frente a minha capacidade de recuperar e me adaptar à má sorte frente a inédita pandemia e às mudanças resultantes das medidas de prevenção.

Dar luz aos meus dias se tornou um objetivo diário a ser alcançado. A fim de priorizar cuidados, listei três aspectos a serem cuidados em minha nova rotina: momento do corpo, momento da mente e momento de aprendizagem. Criei várias estratégias de cuidados em forma de atividades a serem cumpridas diariamente direcionadas a cada momento de cuidado. Para o cuidado ao corpo, me dediquei a atividades de movimentos – caminhadas, passeios de bicicleta, exercícios. O cuidado da mente foi mais desafiador, nunca tinha me dedicado a práticas de yoga e meditação, e essa foi a oportunidade de exercitar essas atividades. Os momentos de aprendizagem foram através do uso de aplicativos de conversação em vídeo, além de me adaptar aos estudos em cursos de ensino à distância.

Essas iniciativas me possibilitaram descobertas inesperadas como a minha mais nova paixão por bicicletas, a valorização de momentos de cuidado comigo mesma, e experienciar sentimentos de realização em conseguir superar as frustrações inevitáveis nessa pandemia. Desta forma, aprendi que é possível

transformar momentos difíceis em oportunidades de viver novas e boas experiências.

O registro de minha experiência neste cenário tão desolador aponta para o incremento do foco e da resiliência, e pode ser considerado uma sinalização de um percurso possível e possam auxiliar outros estudantes a formular suas próprias estratégias para lidar consigo mesmos cuidando de sua saúde física e mental, sem adoceram nem desistirem.

## **ATIVIDADES REALIZADAS**

As atividades de pesquisa que desenvolvo estão ocorrendo no contexto remoto em ambiente virtual que são: reuniões periódicas de orientação, intermediadas pela plataforma *Google Meet*; elaboração do relatório parcial; construção de relato de experiência; pesquisa e coleta de artigo para complemento da literatura; produção de textos científicos (resumos) na submissão de evento *online*: IV Semana do Cérebro do Museu da Universidade Federal do Pará, evento virtual e interdisciplinar sobre Neurociências, nos dias 30 e 31 de janeiro de 2022; e divulgação da pesquisa por meio de apresentação em eventos científicos.

A retomada da pesquisa desenvolvida em 2019/2021 proporcionou o subsídio para elaboração do artigo: “Ofereço o retrato de minha filha como prova de nosso reconhecimento”: O corpo feminino na perspectiva da saúde mental expresso em fonte jornalística na cidade de Feira de Santana, Bahia (1921-1950), artigo do qual foi submetido na revista *Aurora Revista de Arte, Mídia e Política* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) e está no aguardo da decisão editorial.

Posso resumir minha atividade na iniciação científica em diversos impactos, negativos e positivos? Não é tão simples assim... A falta de motivação e dificuldade no acesso aos dados foram os principais aspectos que atrasaram o andamento da pesquisa, já disse. Certos benefícios, tais como o aprimoramento na utilização das ferramentas tecnológicas e plataformas digitais e desenvolvimento da autonomia nos estudos, igualmente foram ressaltados.

Mas há muito mais de vida, de dor, de lutas, de incertezas por trás disso.

## UM BREVE RELATO SOBRE O “DANÇAR NA FEIRA” (1950-1969)

Jaiane Santos Silva<sup>1</sup>

Como professora de Educação Física, compreendo a dança como uma das mais importantes expressões da arte e da cultura, em especial na Bahia.

Influenciada pelos movimentos europeus o preconceito e intolerância com a dança, seus os sentidos e o contexto das festas populares em Feira de Santana, Bahia, foram se perdendo, por estarem ligadas as classes trabalhadoras em especial de matriz afro e sertanejas.

Feira de Santana, a “Princesa do Sertão”, nasceu do comércio de gado, há quase duzentos anos e hoje é uma metrópole que transita entre cidade agropecuária, comercial e industrial.

As raízes sertanejas da cidade estão ligadas ao comércio de gado iniciado por volta do século dezessete de onde surge a feira-livre, marco importante da cidade referente as características de sua cultura e identidade.

Remontando ao passado histórico, a feira-livre exercia e exerce um papel agregador na vida social da cidade que vivia de festas, batuques, congadas, modos populares de comemorar e estar nas ruas. Com a expansão capitalista e a busca por modernização na busca de uma cidade “civilizada”, tanto a feira-livre como as danças e festas passaram a ser vistas como marcas do atraso.

Nas ruas, praças e feira-livre, “palco da vida social”, espaço de difusão da cultura e de contato, onde estavam visíveis os cordelistas, vaqueiros, cantadores, vendedores de pratos típicos, cachaças, frequentadores de bares entre diversos personagens, muitas vezes excluídos, que faziam do local não somente um ambiente de trabalho e negócios, mas, sobretudo, de lazer e trocas culturais fundamentais na identificação do feirante e do feirense, marcado pela figura do vaqueiro (OLIVEIRA, 2000). A pluralidade de personagens nesta feira-livre era marcada pela diversidade, a maioria advindos das classes populares, marcadas pelo analfabetismo, fome, doenças e seca, e pesava a exclusão o que confirma a argumentação de Bakhtin (1987) sobre uso do corpo em manifestações populares e resistência.

A dança foi uma das primeiras formas de se manifestar que o corpo encontrou, e, estas manifestações deixaram vários rastros por onde se pode ler a história de Feira de Santana que ficou famosa pelas suas festas típicas, principalmente pelas festas a Nossa Senhora Sant’Ana e a Micareta, que se

---

1 Professora de Educação Física formada na UEFS.

tornaram grandes construtores de uma identidade cheia de mistérios e riquezas, tornando estas festas com características locais próprias e únicas. Em meio as festas populares, sem se intimidar, o povo encontrava a necessidade de expandir seus sentimentos vividos através de expressões artísticas, como a dança, e assim transmitiam valores quer segundo (CHAVES, 2002) conceituam, personalizam historicamente, socialmente culturalmente o indivíduo.

Estas danças eram vistas como profanas pelo olhar da Igreja, ou grosseiras, selvagens e sensuais pelo olhar das elites letradas, incapazes de perceber o diferente e estabelecendo uma cerca visível, nítida, entre grupos sociais. O corpo que dançava, alvo do preconceito e da exclusão, era um corpo associado à figura estereotipada do corpo negro de remexido vergonhoso e depravado, relegados à marginalidade.

Quando realizei os estudos de pesquisa dentro do recorte temporal entre 1950 e 1969 no Jornal Folha do Norte, as notícias encontradas sobre danças, são em sua maioria de caráter festivo, popular, como a Micareta, a festa da padroeira da Nossa Senhora Sant’Ana e as festas nos clubes. As danças nas festas populares passaram a ser folclorizadas e eram chamadas de samba-de-roda, segura-a-veia, burrinha, samba duro, passo da ema, quixabeira, bumba-meu-boi, maculelê, principalmente. Pessoas, nomes dos dançarinos não são citados pelo JFN e este silenciamento induz a uma possível exclusão de quem dançava, dos corpos de pobres, dos trabalhadores, de grupos étnicos de matriz afro, tidos como ameaça à sociedade com suas danças tidas como exóticas, esquisitas, selvagens ou sensuais.

Os dados que levantei nas fontes mostram que até os anos 50 a cidade vivia dentro de um plano de ação colonizadora no ideal de se assemelhar às metrópoles europeias, em suas construções, costumes, manifestações artísticas, tendendo ao erudito e excluindo as manifestações locais.

A cidade se constituiu em um conjunto de relações sociais que acabaram rejeitando a classe trabalhadora (geralmente trabalhadores braçais: vaqueiros, agricultores, lavadeiras, feirantes, empregados domésticos, carroceiros, entre outros), classe essa que formava a maior parte da população periférica de Feira de Santana, muitos deles ligados à vida na roça, e conseqüentemente, menosprezavam suas manifestações culturais.

A partir do surto industrial e da urbanização a cultura sertaneja foi sendo moldada pela dinâmica da modernidade e da perda de sentido historicamente atribuído a esta cultura que marca a origem da cidade.

Nossas raízes remontam a indígenas, portugueses e africanos e suas bagagens culturais variadas que foram disseminados pelos nossos ancestrais que

resistiram com seus cânticos e danças. Então o “dançar na Feira” está ligado à resistência, ancestralidade e pertencimento.

## **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da UnB, 1987.

CHAVES, V. 2002. O Corpo: uma via de acesso. In: **A Dança: uma estratégia para revelação e reelaboração do corpo no ensino público fundamental**. Salvador. Dissertação de Mestrado - PPGAC.

OLIVEIRA, I. L. B. de. 2000. **Apolo e Dionísio da festa de feira**: cantadores, cordelistas, vaqueiros... da feira livre de Feira de Santana (Bahia), Feira de Santana: UEFS.

# **PESQUISA SOBRE DANÇA EM JORNAL: ORGANIZAÇÃO, ESTADO DE CONSERVAÇÃO E ACESSO DE IMPORTANTE FONTE HISTÓRICA DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Viviana Graziela de Almeida Vasconcelos Barboni<sup>1</sup>

Trago para esta Roda este relato de experiência que foi fruto do meu trabalho de pesquisa sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni, no ano de 2015, sobre a história da dança em Feira de Santana, cidade do interior da Bahia. Nesta pesquisa eu buscava investigar o surgimento e crescimento dessa manifestação artística, através dos registros históricos encontrados no Jornal Folha do Norte (JFN), no período de 1970 até 2015.

A utilização de jornais de circulação como fonte documental foi muito nova para mim que estava acostumada às pesquisas de bases bibliográficas científicas. Entretanto, a utilização destas outras fontes proporcionou a recuperação da historicidade da dança em Feira de Santana, à luz das categorias “experiência”, “povo” e “cultura”.

Aos poucos fui ampliando a utilização desse material em paralelo com outras fontes e metodologias de matriz qualitativa, no intuito de obter uma alternativa às limitações encontradas nas escassas fontes ditas científicas.

Percebi a contribuição para uma renovação da historiografia e para a abertura de novos campos e temáticas até então pouco abordadas.

Identifiquei que em momentos passados a pesquisa em jornais e outras fontes não acadêmicas eram vistas com restrições ou eram rechaçadas. Posteriormente, embaixo de muito debate acadêmico, foi que passou a ganhar uma nova visibilidade por ser entendido como fontes ricas que permite maior compreensão sobre o cotidiano, questões políticas, econômicas e sociais que permearam determinado contexto de maneira bastante detalhada.

Fonte jornalísticas, em especial aqueles mais antigos editados em pequenas cidades, trazem uma grande riqueza de dados históricos, mesmo em sessões de anúncios e propagandas (LEITE, 2015). Assim, considereirei que para Feira de Santana, o JFN se constitui como uma importante fonte de pesquisa histórica para a cidade e toda a região circunvizinha, especialmente por ser o periódico mais antigo ainda em circulação, sendo editado desde 1909, e ainda sobre o domínio do mesmo grupo familiar de sua origem.

---

<sup>1</sup> Mestranda USP - Escola de Educação Física e Esporte (EEFE).

Durante o levantamento de dados, verifiquei, no entanto, que em algumas Bibliotecas da cidade, esta fonte histórica encontrava-se desorganizada, sem acesso público e em risco. Situação que me preocupou uma vez que Feira de Santana é tida como “cidade sem memória”, que destrói seus casarões, e que muitos dos registros sobre a cidade já foram perdidos, ou estão em vias de desaparecer, sendo fundamental a preservação.

Todas as observações aqui trazidas foram fruto de experiência vivenciada por mim durante o levantamento de dados nos exemplares físicos ou digitalizados do JFN disponíveis seja na Biblioteca Setorial Monsenhor Galvão, localizado no Museu Casa do Sertão, seja na Biblioteca Municipal Arnold Silva, ambas no município de Feira de Santana.

Concordo com Guarnieri (1990, p. 7), quando diz que “A identidade cultural é algo extremamente ligado à autodefinição, à soberania, ao fortalecimento de uma consciência histórica” e neste sentido, o JFN é patrimônio cultural e sua preservação ou não revelam aspectos ideológicos, políticos e religiosos (DA SILVA PINHEIRO; GUILHERME, 2013). Que ideologias, política ou religiosidade movem as mentalidades em Feira de Santana a ponto de permitirem que em ambas Bibliotecas o estado de conservação do JFN seja muito degradado e com a falta de muitos exemplares?... é lamentável!

Um pouco de história ajudará a entender minhas observações: até a década de 1950, a imprensa foi o veículo de informação dominante na cidade de Feira de Santana. O rádio não fazia parte do cotidiano dos feirenses, e a televisão menos ainda, sendo esse o único meio de informação e circulação ampla de notícias no município (POPPINO, 1968).

No município eram editados alguns folhetins, em sua maioria, pertencentes às elites dominantes da cidade, os coronéis e suas famílias, e portanto funcionavam como potente formador da opinião popular. Dentre os jornais editados nas primeiras décadas da República destacam-se: O Progresso, O Município, a Folha da Feira, a Gazeta do Povo, O Coruja, e o Jornal Folha do Norte, que acabou por tornar-se hegemônico – mantendo o monopólio privado da notícia – até 1970, quando é fundado o Jornal Feira Hoje (OLIVEIRA, 2008).

O Jornal Folha do Norte (JFN) começou a ser editado em 1909, e é publicado até hoje, permanecendo sob direção da mesma família desde a sua fundação. Essas características garantem a este periódico o status de uma das mais importantes fontes de pesquisa histórica para a cidade e toda a região circunvizinha, uma vez que contém registros quase que ininterruptos da história feirense, já que foi fechado em 1982 e reaberto em 1983, desde o ano da sua

fundação até a atualidade além de conservar as mesmas características iniciais por não sofrer mudanças drásticas no corpo editorial.

O registro da memória social, cenário político, econômico e cultural da cidade de Feira de Santana de quase 110 anos, está preservado nas páginas do JFN, porém para lidar com este registro é necessário buscar compreender as tensões e contradições do tempo social e dos sujeitos que os produziram, somente assim se torna possível observar os silenciamentos e evidenciamentos de fatos e eventos realizados ao longo do tempo, permitindo a interpretação histórica e política da sociedade mais próxima da realidade (MACIEL, 2009).

O primeiro redator-chefe e fundador do folhetim foi o Coronel Tito Ruy Bacellar, figura do cenário político feirense, que criou o periódico para promover sua imagem e opiniões políticas. O JFN começou então como importante veículo de divulgação da política estadual, municipal e federal, e também formador de opinião, atacando os grupos políticos aos quais se opunha, e exaltando os que apoiava (SANTOS, 2008).

Nesse período, tratava-se de um jornal semanal, contendo apenas quatro páginas, trazendo como conteúdos notícias cotidianas locais, publicação poesias e muitos anúncios publicitários principalmente de advogados, elixires e farmácias. Em 1910 passou a trazer como subtítulo: “Política, noticiosa, comercial, agrícola e literária”, revelando assim os principais temas contemplados nas suas páginas. Era publicado sempre às segundas-feiras, dia em que se realizava a feira livre e a feira de gado, portanto havendo maior circulação de pessoas e informação, cenário ideal para divulgação do jornal que se iniciava (POPPINO, 1968).

Em 1922, com o falecimento do redator chefe, Raul Silva assumiu a direção do jornal, não realizando grandes alterações no layout e conteúdo, que se manteve até a década de 50, muito similar à proposta inicial. A partir dessa época, no entanto, o folhetim passou a ter como redator chefe Edgard Erudilho Suzarte, mas ainda mantendo Raul Silva na Direção geral, e assim começou a reservar um grande espaço em suas páginas para a publicação de editais e atas de sessões parlamentares, justificada pelo envolvimento dos seus editores com a vida política da cidade.

Até 1950 esse foi o jornal mais lido no interior da Bahia (POPPINO, 1968), e mesmo com a ascensão do rádio do período posterior, JFN continuou desfrutando de considerável prestígio social, já estando consagrado como “um jornal antigo e respeitado, entrosado com a vida da cidade” (SANTOS, 2008, p. 40).

O JFN, desde sua criação, apresenta uma visão política mais conservadora, não apenas noticiando o clima político da cidade, mas expressando também o posicionamento dos seus editores, e assim representando Feira de Santana de acordo com as opiniões e interesses político-ideológicos próprios (OLIVEIRA, 2008). Isso não se alterou sob a direção de Raul Silva, e a partir de 1964, durante o período da Ditadura Civil e Militar, as publicações sobre o tema apoiavam enfaticamente o governo militar, e se opunham ao movimento Comunista e de esquerda, referindo-se ao governo do presidente deposto João Goulart, e do então prefeito de Feira de Santana, Francisco José Pinto, como “simpatizantes das ideias comunistas”.

Em 1966, outra importante característica se manifestou nas páginas do folhetim: a influência da Igreja Católica. Antes desse período, pouco espaço era dedicado a assuntos religiosos, e quando haviam notas sobre o tema, normalmente referiam-se a festas religiosas da cidade, tais como a Festa de Santana e Festejos juninos. No entanto, no referido ano, a coluna “Noticiário Diocesano” passa a ser uma coluna fixa, e no ano seguinte mais duas são acrescentadas ao quadro de colunas fixas: “O CCREMAM na FN”, divulgando as atividades do Centro Recreio Educativo Monsenhor Amilcar Marques, grupo ligado à extrema direita da Igreja Católica (SILVA, 2002); e “Igreja em marcha”, publicando orações, recomendações de leitura e de conduta moral.

Durante este período, notícias sobre outras religiões foram silenciadas, e em acordo com Silva (2002), a presença marcante do catolicismo no folhetim, pode ser atribuída ao momento político do Brasil. Manchetes como “Igreja realiza passeatas para apoiar a democracia”, e o conteúdo patriótico e nacionalista trazido nas colunas católicas evidenciam a condescendência da instituição com o Regime Militar, bem como o posicionamento político do jornal que veiculou essas informações.

Esse periódico registrou ainda eventos importantes na cidade como o processo de industrialização do município, a implantação da Universidade Estadual de Feira de Santana, a criação do Centro de Abastecimento, a implantação do Centro Industrial do Subaé (CIS), a construção da Barragem de Pedra do Cavalo; além de trazer marcos do cenário nacional e internacional, tais como Copas do Mundo de futebol, a corrida espacial na década de 1960 e o atentado ao World Trade Center em Nova Iorque, em 2001. Segundo Santos (2008) as notícias do cenário nacional e internacional eram reproduzidas de outros jornais ou de agências de notícias, sendo o material autoral apenas o noticiário local.

Seu conteúdo trazia além das notícias, publicações oficiais, atas das sessões da Câmara Municipal, notas diversas da vida comum, avisos e convites

para os habitantes da cidade, lembretes, composições poéticas, homenagens à personalidades, amigos, ou autoridades políticas e religiosas. Muitas são as publicações sobre a aristocracia feirense, as personalidades, as festas nos clubes e os eventos sociais que ocorreram na cidade, consistindo em um registro dos costumes e do cenário cultural da época, especialmente da elite feirense.

Sempre garantiu espaço para os intelectuais e artistas da época que publicavam colunas, artigos, poesias e crônicas, contribuindo para o imaginário de modernidade, criticando e definindo novos padrões comportamentais através da influência que exerciam, além de immortalizar os artistas de Feira de Santana e região (OLIVEIRA, 2008; SANTOS, 2008).

Em 1974, o periódico mudou novamente de direção, passando para o Sr. Hugo Navarro, que imprime grandes mudanças, abandonando o estilo trazido pelo periódico desde a sua implantação em 1909. A partir desse período, muitas colunas deixaram de existir ou passaram para outros colunistas. O espaço dedicado a Igreja não é mais perceptível, o folhetim passa a ter mais figuras, imagens e algumas fotografias, assim como a divulgação de editais e atas irão se tornando menos comuns. As maiores mudanças, no entanto, acontecem a partir do ano de 1976, em que o periódico passa a ser diário e não mais semanal, assim como passa a possuir de 12 à 15 páginas, ao invés das convencionais quatro. Anúncios se tornam mais frequentes, havendo bastante páginas dedicadas à publicidade, e os classificados passam a ser fixos.

Na década de 1980 o jornal voltou novamente a ser semanal e desde então poucas mudanças editoriais foram observadas. Atualmente o periódico permanece sobre direção de Hugo Navarro, apresentando capa colorida, mantém o formato semanal, com uma média de 12 páginas e continua com formato similar ao já adotado desde o início da década de 1980.

## **FONTE HISTÓRICA AMEAÇADA**

A constituição de hemerotecas em Feira de Santana é bastante recente, sendo a primeira coleção de periódicos de domínio público pertencente ao acervo da Biblioteca Municipal Arnold Silva (BMAS), que só foi inaugurada em 1953 (SANTOS, 2008). No entanto, os editores do JFN preservaram um acervo pessoal, contendo exemplares conservados das edições lançadas desde o início da publicação. Esse acervo foi doado em parte para a Biblioteca Setorial Monsenhor Renato de Andrade Galvão (BSMG), no Museu Casa do Sertão, pertencente a Universidade Estadual de Feira de Santana para facilitar o acesso de pesquisadores e ao público em geral à consulta pública.

### A Roda da Vida

Apesar de possuírem uma coleção própria, os curadores do JFN não permitem consulta à sua coleção privada sob a justificativa de que a consulta pública, antes permitida, resultou em depredação e perda de muitos dos exemplares disponíveis. Assim, como medida protetiva, foi doado ao Museu Casa do Sertão parte do acervo da coleção, deixando a instituição a cargo das consultas públicas, e mantendo preservada a coleção particular do periódico com seus curadores, que especula-se estar completa.

Atualmente o JFN encontra-se preservado em duas hemerotecas disponíveis para consulta: na da BSMG e na BMAS. No entanto em ambas o acervo encontra-se bastante incompleto, e na BMAS, as condições de conservação e manuseio são inadequadas, ameaçando essa importante fonte da memória e história de Feira de Santana e região.

Quadro 1 – Comparação entre a quantidade de exemplares do JFN encontrados por década no período de 1909-2015 e a quantidade esperada para o mesmo período.

<b>Década</b>	<b>Quantidade de exemplares encontrada</b>	<b>Quantidade de exemplares esperada</b>	<b>Perda em quantidade de exemplares</b>
1909	15	15	-
1910-1919	314	486	172
1920-1929	387	519	132
1930-1939	511	516	5
1940-1949	516	520	4
1950-1959	489	520	31
1960-1969	440	521	81
1970-1979	1.073	1.353	280
1980-1989	394	652	258
1990-1999	108	510	402
2000-2009	362	490	128
2010-2015	233	305	72
<b>TOTAL</b>	<b>4.842</b>	<b>6.418</b>	<b>1.576</b>

Fonte: Própria autora.

Pesquisa sobre dança em jornal: organizacional, estado de conservação e acesso de importante fonte histórica de Feira de Santana, Bahia – um relato de experiência  
*Viviana Graziela de Almeida Vasconcelos Barboni*

Durante a realização da pesquisa foram analisados 4.842 exemplares, sendo 59 localizados na BMAS, e os demais na BSMG, no Museu Casa do Sertão, UEFS. Fazendo uma projeção das perdas que se tem do JFN, é possível verificar no Quadro 1, a quantidade de exemplares analisados e a quantidade que era esperada de se encontrar. Em termos qualitativos é difícil precisar os reais danos que esse desfalque traz ao registro de memória da cidade.

## O ACERVO NA BMAS

Foram encontrados apenas 59 exemplares identificáveis no acervo da BMAS, distribuído por ano de acordo com o Quadro 2 uma vez que grande parte do material compreendia páginas soltas ou fragmentos do jornal, impossíveis de identificar número e ano de publicação.

Quadro 2 – Exemplares encontrados no acervo da BMAS identificados por ano de publicação.

<b>Ano</b>	<b>Acervo encontrado na BMAS</b>
1971	20
1979	4
1980	12
1981	6
1987	17
<b>TOTAL</b>	<b>59</b>

Fonte: Própria autora.

O acervo encontrava-se a meu ver muito mal conservado: páginas rasgadas, recortadas, amareladas, manchadas, quebradiças, deterioradas por insetos e outros agentes biológicos, conforme figura 1. Para o meu acesso à fonte, não havia orientação dos funcionários sobre os cuidados com a manipulação do material durante a consulta, que pôde ser feita sem utilização de luvas, máscaras e sem nenhuma forma de acompanhamento ou fiscalização.

Encontrei os exemplares encadernados em ordem cronológica, porém com muitas páginas faltantes, recortes, identificação ilegível ou capa ausente, impossibilitando a identificação de diversas edições. A encadernação dificultava a manipulação dos exemplares, sobrepondo as informações da margem interna das páginas e favorecendo o rasgamento das mesmas.

## A Roda da Vida

Figura 1 – Estado de Conservação do acervo do Jornal Folha do Norte na BMAS.



Fonte: Própria autora, 2015.

Observei que o local de acondicionamento dos exemplares não os protegia do contato com a luz solar, o que facilita o amarelamento e desgaste das páginas, porém o acesso é restrito apenas aos funcionários, conforme aviso colocada na porta de entrada registrado na imagem a seguir (figura 2).

Figura 2 – Sala de acondicionamento do acervo de periódicos da BMAS.



Fonte: Própria autora, 2015.

## **O ACERVO DA BSMG**

A BSMG apresenta atualmente uma coleção rara de jornais e documentos históricos da cidade de Feira de Santana, sendo excelente fonte de pesquisa para pesquisadores de diferentes áreas. Boa parte do acervo físico foi se desgastando e se deteriorando com o passar do tempo seja pelo manuseio excessivo e incorreto ou por condições inadequadas de armazenamento ou limpeza. Isso motivou em 2005 o projeto de digitalização do acervo de periódicos raros como alternativa de conservação do material, bem como facilitador do acesso ao usuário. Assim, uma empresa especializada em restauração foi contratada pela Universidade Estadual de Feira de Santana para avaliar e digitalizar a parte mais ameaçada do acervo, dentre os quais, os exemplares mais antigos do JFN foi incluído (SAMPAIO, 2005).

Dos 4.783 exemplares do JFN identificados no acervo da BSMG, estavam disponíveis digitalizados desde a primeira edição de 1909 até o ano de 1974 (um total de 2.867 exemplares), dispondo ainda do suporte em papel, porém não mais disponível para consulta pública, visando assim o prolongamento da vida útil do material original, evitando o desgaste provocado pela manipulação. Os exemplares que não se encontram digitalizados eram referentes as edições de 1975 a 2015, período em que foi finalizada a coleta de dados. O material impresso encontra-se em bom estado de conservação, não havendo problemas na identificação das informações trazidas.

Todo o material pode ser fotografado mediante autorização e assinatura de termo de responsabilidade com uso das imagens, sendo o controle feito pelos funcionários da BSMG. A consulta ao material somente é possível quando acompanhada pelos funcionários que orientam sobre normas para a consulta e utilização do espaço, bem como a manipulação do acervo, e uso de luvas e máscaras.

Uma vez que existe um corpo de profissionais muito reduzido e designados a esta função, o acesso ao material se torna restrito e muitas vezes impossibilitado. Ao longo da pesquisa, a BSMG tinha funcionamento apenas em um turno e durante as férias dos funcionários as atividades eram suspensas, dificultando o andamento da pesquisa e se revelando um importante obstáculo.

A reposição de material como luvas também foi outro limite, uma vez que sem o equipamento a consulta não era permitida, sendo necessário, muitas vezes, dispormos de nossos próprios recursos para não interromper a pesquisa.

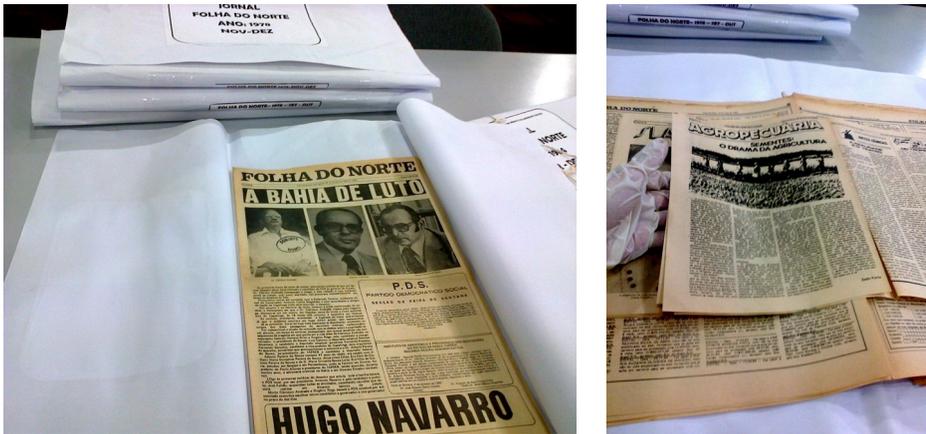
O material é acondicionado em envelopes identificados acomodados em prateleiras protegidas da iluminação natural, com acesso restrito somente à

### A Roda da Vida

funcionários do BSMG que disponibilizam aos usuários o material de interesse conforme solicitado.

A manipulação só é permitida com uso de luvas, a consulta é local e os exemplares encontram-se organizados em ordem cronológica, identificados e organizados por ano, conforme imagens abaixo (figura 3). Não são permitidos alimentos ou até mesmo água no espaço destinado a consulta dos periódicos, buscando evitar possíveis acidentes que possam trazer danos ao material.

Figura 3 – Acondicionamento dos exemplares do Jornal Folha do Norte na BSMG.



Fonte: Própria autora.

Apesar do trato com o acervo caminhar no sentido de preservar o material de consulta sem privar o público das consultas públicas, muitos são os exemplares danificados ou mesmo faltantes da coleção da BSMG, estando anos inteiros incompletos. Além disso, o projeto de digitalização do acervo foi finalizado em 2006 e grande parte do acervo encontra-se ainda disponível para consulta apenas na versão impressa, o que apesar de minimizar, não exclui a ameaça a maior parte dos exemplares no JFN.

Lapiente (2015) aponta que um grande obstáculo para as pesquisas em jornais é a situação precária de muitos arquivos mantidos em acervos públicos. Notei que as dificuldades relatadas pelo autor no Museu Hipólito José da Costa, no rio Grande do Sul, se assemelhavam com as observadas neste estudo: corpo técnico reduzido acarretando em dificuldades de arquivamento dos periódicos e atendimento reduzido aos pesquisadores; necessidades de restauração do material; ausência de infraestrutura para digitalização ou microfilmagem de todo o acervo e

questões estruturais como umidade, infiltrações e goteiras que danificam as coleções físicas.

A constituição de hemerotecas digitais apesar de ser apontada como uma alternativa potente na eliminação de barreiras de distância e na garantia de preservação dos acervos para historiadores também apresenta importantes limites com custos técnicos e de cessão de direitos autorais que tornam a iniciativa limitada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pouca disponibilidade de exemplares do JFN para consulta, sendo a BSMG a única fonte que dispõe de um acervo conservado e que pode ser publicamente acessado, e que, no entanto, está incompleta, pode sugerir que o JFN é uma fonte histórica ameaçada. Levando-se em consideração que se trata do periódico mais antigo da cidade ainda editado, é crucial aqui destacar a gravidade dessa ameaça para a comunidade científica, uma vez que com a existência dessas lacunas, a memória da cidade torna-se igualmente ameaçada, estando muitos fatos e cenas invisibilizados.

Em se tratando de uma fonte histórica ameaçada, compreende-se a importância redobrada então, de resgatar as características e o contexto em que esse periódico é publicado, a fim de preservá-los ao máximo para futuros estudos.

Analisei a situação e presumo que as diferenças de trato com o acervo do JFN encontram explicações quando analisamos o ambiente que estão mantidas ambas hemerotecas, a capacitação das equipes de funcionários e as instituições mantenedoras.

A BSMG está sediada em um ambiente acadêmico em que a valorização das fontes de pesquisa produzem sentido em quem acessa, aumentando as pressões para que se preserve o acervo, seja por parte dos funcionários, que recebem treinamento básico para lidar com o acervo, seja por seus usuários, em sua maioria pesquisadores acadêmicos, e até mesmo nas condições estruturais de acondicionamento do material.

A BMAS, por outro lado, se localiza no centro da cidade de Feira de Santana, sendo bastante frequentada por estudantes da educação básica e público em geral, que talvez não recebam instruções em como utilizar o material disponível para consulta, por funcionários que possivelmente não possuem formação e também não receberam treinamento, e, portanto, não são

sensibilizados sobre a importância de preservação e cuidado na manipulação, principalmente de exemplares raros.

É meu dever ético enfatizar a importância da responsabilização e cobrar do Poder Público ações eficazes pela manutenção e preservação da memória e registros históricos do município, cabendo aos gestores planejamento para a adequação de instalações e treinamento e capacitação de recursos humanos para preservar este patrimônio.

A desresponsabilização do Poder Público com museus e bibliotecas públicas, bem como com o seu acervo e coleções, muitas vezes ignorando relatórios e alertas técnicos, acabam por acarretar problemas maiores como incêndio no Museu Nacional do Rio de Janeiro em 03 de setembro de 2018, resultando em perda inestimável e irreversível para a comunidade científica e civil.

## REFERÊNCIAS

DA SILVA PINHEIRO, M. I.; GUILHERME, V. L. F. **Preservação das obras bibliográficas, documentais e objetos museológicos: uma alerta aos centros de informação da região mato-grossense.** Disp. em: [https://arq.museus.arq.br/seminario2012/conteudo/eixo\\_01/e01\\_preservacao\\_das\\_obras\\_bibliograficas\\_documentais\\_e\\_objetos\\_museologicos.pdf](https://arq.museus.arq.br/seminario2012/conteudo/eixo_01/e01_preservacao_das_obras_bibliograficas_documentais_e_objetos_museologicos.pdf)

GUARNIERI, W.R.C. Museu, museologia, museólogos e formação. **Revista de Museologia.** Ano 1, n. 1. Instituto de Museologia de São Paulo / FESP. São Paulo, 1990

LAPUENTE, R. S. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. In: **10º Encontro Nacional de História da Mídia (UFRGS). ALCAR 2015.** Porto Alegre. 03 a 05 de junho de 2015. ISSN: 2175-6945.

LEITE, C. H. F. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas**, v. 7, n.1, p. 3-17, 2015. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/1629/8314>. Acesso em: 27 jun. 2019.

MACIEL, L. A. Imprensa, História e Memória: da unicidade do passado às outras histórias. **UNESP – FCLAs – CEDAP**, v. 5, n.2, p. 58-81 - dez. 2009.

OLIVEIRA, A. M. C. S. **Feira de Santana em Tempos de Modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano. (1950-1960).** Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História, Recife, 2008.

POPPINO, R. **Feira de Santana.** Editora Itapuã: Salvador, 1968.

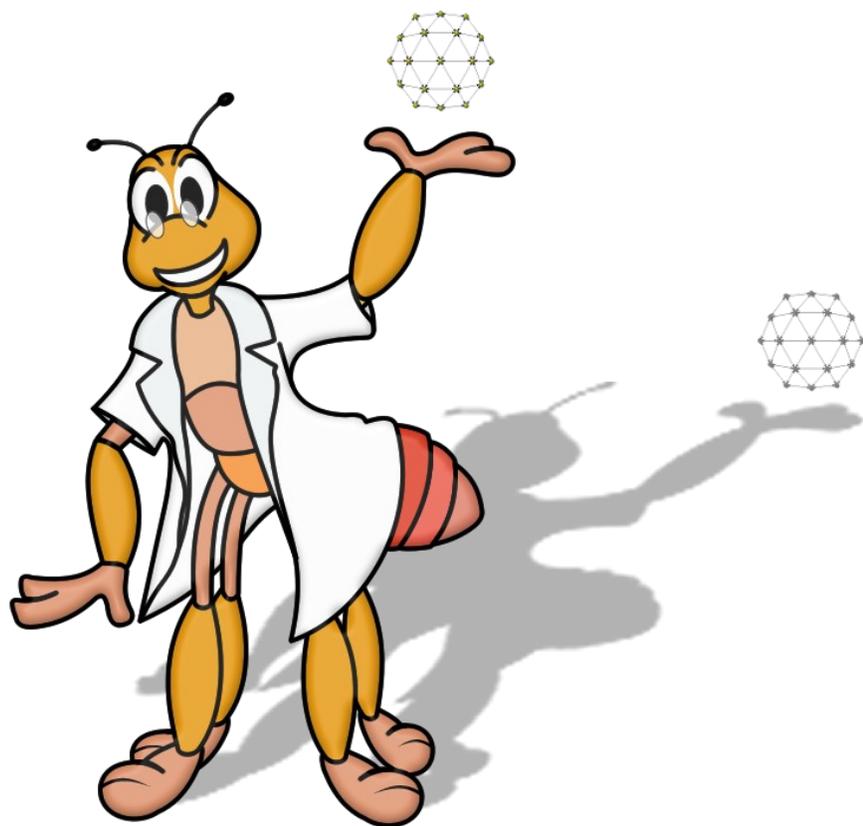
Pesquisa sobre dança em jornal: organizacional, estado de conservação e acesso de importante fonte histórica de Feira de Santana, Bahia – um relato de experiência

*Viviana Graziela de Almeida Vasconcelos Barboni*

SAMPAIO, A. M. A digitalização como forma de conservação e disseminação do acervo de jornais da biblioteca Monsenhor Galvão. In: **Encontro Nacional da Ciência da Informação**, v. 6, 2005.

SANTOS, G. R. **Literatura e cultura em Feira de Santana práticas, usos e tendências em impressos da Folha do Norte (1951-1969)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural, Feira de Santana, 2008.

SILVA, P. V. Representações políticas da Igreja Católica na imprensa feirense. **Anais Eletrônicos I Encontro Regional de História – ANPUH – BA**, 2002, Ilhéus. I Encontro Regional de História - ANPUH - BA, 2002.



*Todo mundo pode mudar o Mundo!*